

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA DAS
CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA E
METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS

Alice Vieira de Albuquerque

O LUGAR DA ESPECULAÇÃO NA ELABORAÇÃO DAS HIPÓTESES
METAPSICOLÓGICAS DE ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER

São Carlos
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA DAS
CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA E
METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS

**O LUGAR DA ESPECULAÇÃO NA ELABORAÇÃO DAS HIPÓTESES
METAPSICOLÓGICAS DE ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER**

Alice Vieira de Albuquerque

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Filosofia, do Departamento de Filosofia e
Metodologia das Ciências da
Universidade Federal de São Carlos, para
obtenção do título de mestre em Filosofia.**

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria

São Carlos
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Alice Vieira de Albuquerque, realizada em 12/06/2018

Prof. Dra. Ana Carolina Soliva Soria
UFSCar

Prof. Dr. Jenaina Namba
UFSCar

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ortclani Prado de Moura
USP

AGRADECIMENTOS

A Josimara, que formou comigo uma dupla, me ajudando a criar condições para que cada frase deste trabalho fosse escrita.

Principalmente a Carol, minha gratidão profunda, pela paciência e orientação, por me mostrar que ainda havia caminhos, quando eu não conseguia enxergar saídas no texto!

A Débora e a Janaína, por aceitarem meu convite para a banca de qualificação, pela leitura generosa e cuidadosa deste trabalho, e pelas sugestões tão refinadas e instigadoras.

A Léa, por ser brilhante e inspiradora, por ter me apresentado à psicanálise e à pesquisa, encontros que me transformaram radical e definitivamente.

A Pâmela e a Rachel, pelo companheirismo de todos os dias, por percorrerem tantos lugares e pessoas comigo, enriquecendo essas experiências. E também pelos momentos inesquecíveis que dividimos nas mesas por aí.

Ao Brenner, por transformar uma série de almoços chatos, recheados de preocupações, em momentos tão agradáveis e também inspiradores.

Aos colegas do PPGFil, Sabrina, Munique, Wagner, Priscila e André, por todas as trocas.

A todos os professores do DFMC.

A minha mãe que, mesmo entre os percalços da incompreensão mútua, sempre esteve ao meu lado.

A minha avó (*in memoriam*), pelo carinho irrestrito, por todas as velas acesas e pela fé em mim.

Enfim, por todas as palavras e a todos os ouvidos.

SUMÁRIO: Na tentativa de entender o lugar do método especulativo utilizado por Freud na elaboração dos conceitos metapsicológicos, o presente trabalho adota como estratégia acompanhar a construção das hipóteses metapsicológicas desenvolvidas pelo autor no texto *Além do princípio de prazer* (1920). Pretende-se mostrar como as explicações baseadas principalmente no modelo biológico do psíquico conduziram o encadeamento de hipóteses especulativas que o levaram a postular o conceito central (e bastante controverso) do artigo de 1920, que causou uma espécie de reviravolta na teoria psicanalítica – a pulsão de morte. Para tanto, comparamos os esquemas de aparelho psíquico desenvolvidos por Freud em 1895 e 1900 com aquele que é exposto em *Além...*, trazendo para o primeiro plano da explicação as diferenças que existem entre o psiquismo pensado através dos modelos biológico e mecânico. Nos trabalhos supracitados, é possível verificar que o autor recorre ao modelo mecânico de explicação, referindo-se ao fluxo de quantidades, ou diferença entre repouso e movimento, transmitidas de um para outro elemento no interior deste aparelho. O recurso ao modelo biológico de explicação também é utilizado pelo psicanalista nestes trabalhos para referir-se à evolução e ao desenvolvimento dos elementos que compõem o aparato, responsáveis pelo refinamento de seu modo de funcionamento, visando à adaptação. Em *Além do princípio de prazer* (1920), o modelo biológico de explicação ocupa o primeiro plano, ocasião em que o psiquismo é pensado a partir de uma perspectiva evolutiva, desde a sua origem e que as formulações de caráter declaradamente especulativo constituem um eixo importante para a construção do texto. É neste cenário que a finalidade da pulsão – a descarga absoluta ou o retorno ao inorgânico – é explicitamente colocada.

Palavras-chave: Freud; especulação; Além do princípio de prazer; aparelho psíquico; organismo.

ABSTRACT: In order to understand the speculative method used by Freud to elaborate the metapsychological concepts, this study uses as a strategy following the construction of the metapsychological hypothesis developed by the author in the article *Beyond the Pleasure Principle* (1920). The study intends to show how the explanations based mainly on the biological model of the psyche lead to the sequence of speculative hypothesis that lead to the central (and quite controversial) concept of the 1920's article, which caused a considerable turnaround in psychoanalytical theory – the death drive. For this purpose, we compared the schemes of psychic apparatus developed by Freud in 1895 and 1900 to the one exposed in *Beyond...*, emphasizing the difference between the psyche conceived through the

mechanical and the biological models. In the abovementioned works, it is possible to verify that the author uses the mechanical model of explanation, referring to the flow of quantities, or the difference between rest and movement, conveyed from one to the other element in the psychic apparatus. The use of the biological model of explanation concerns to the evolution and the development of the elements that make up the system, responsible for the refinement of its performance, aiming at adaptation. In *Beyond the Pleasure Principle* (1920), the biological model of explanation has a major role, occasion in which the psyche is conceived from an evolutive perspective, since its origin and the assertions that are openly described as speculative constitute a crucial axis upon which the text is formulated. It is in this scenario that the drive's finality – the absolute discharge of energy or the return to the inorganic – is expressly articulated.

Key-words: Freud; speculation; *Beyond the Pleasure Principle*; psychic apparatus; organism.

SUMÁRIO

1	Introdução	9
2	Capítulo I: O LUGAR DA ESPECULAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO SABER PSICANALÍTICO	19
2.1	A psicanálise é uma <i>Naturwissenschaft</i> . A “querela dos métodos” (<i>Methodenstreit</i>): diferenças entre as <i>Naturwissenschaften</i> e as <i>Geisteswissenschaften</i> .	19
2.2	Da experiência às leis gerais: a metapsicologia como a superestrutura especulativa da psicanálise. Os conceitos de aparelho psíquico e pulsão.	24
2.3	Especulação e metapsicologia.	32
2.4	A psicanálise não é uma visão de mundo (<i>Weltanschauung</i>).	34
2.5	Conclusão.	38
3	Capítulo II: OS MODELOS DE APARELHO PSÍQUICO DE 1895 E 1900	39
3.1	O esquema do sistema de neurônios em <i>Projeto para uma psicologia científica</i> .	39
3.2	A máquina de <i>A interpretação dos sonhos</i> .	52
4	Capítulo III: O MODELO BIOLÓGICO DE <i>ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER</i> E A ÊNFASE NO PONTO DE VISTA TELEOLÓGICO	63
4.1	O organismo como modelo para o psíquico.	64
4.2	A redução da explicação do organismo vivo a leis mecânicas.	80
4.3	A função regulativa da teleologia no ajuizamento de processos orgânicos.	82
5	Considerações finais	92
6	Referências Bibliográficas	96

“É quase vergonhoso que, depois de tanto trabalho, ainda encontremos dificuldades na apreensão das coisas mais fundamentais, mas nós nos propusemos nada simplificar e nada esconder. Se não podemos ver claramente, ao menos vejamos nitidamente o que não é claro”¹.

Sigmund Freud

* Freud, S. *Inibição, sintoma e angústia* (1926). Tradução de P. C. de Souza.

Introdução

Na tentativa de entender o lugar do método especulativo utilizado por Freud na elaboração dos conceitos metapsicológicos, o presente trabalho adota como estratégia acompanhar a construção das hipóteses metapsicológicas desenvolvidas pelo autor no texto *Além do princípio de prazer* (1920). Pretende-se mostrar como as explicações baseadas principalmente no modelo biológico do psíquico conduziram o encadeamento de hipóteses especulativas que o levaram a postular o conceito central (e bastante controverso) do artigo de 1920, que causou uma espécie de reviravolta na teoria psicanalítica – a pulsão de morte.

Para tanto, comparamos os esquemas de aparelho psíquico desenvolvidos por Freud em 1895 e 1900 com aquele que é exposto em *Além...*, trazendo para o primeiro plano da explicação as diferenças que existem entre o psiquismo pensado através dos modelos biológico e mecânico.

Nos trabalhos supracitados, é possível verificar que o autor recorre ao modelo mecânico de explicação, referindo-se ao fluxo de quantidades, ou diferença entre repouso e movimento, transmitidas de um para outro elemento no interior deste aparelho. O recurso ao modelo biológico de explicação também é utilizado pelo psicanalista nestes trabalhos para referir-se à evolução e ao desenvolvimento dos elementos que compõem o aparato, responsáveis pelo refinamento de seu modo de funcionamento, visando à adaptação. Em *Além do princípio de prazer* (1920), o modelo biológico de explicação ocupa o primeiro plano, ocasião em que o psiquismo é pensado a partir de uma perspectiva evolutiva, desde a sua origem e que as formulações de caráter declaradamente especulativo constituem um eixo importante para a construção do texto. É neste cenário que a finalidade da pulsão – a descarga absoluta ou o retorno ao inorgânico – é explicitamente colocada.

Sabe-se que, para Freud, existem lacunas entre aquilo que apreendemos através da observação imediata dos fenômenos e a explicação geral de uma teoria, ou seja, a exposição da série completa das determinações causais que envolvem tais fenômenos. A pura descrição dos fatos observados mostra-se, de acordo com o referido autor, insuficiente e, para que se possa obter explicações completas, é necessário lançar mão de conceitos que ultrapassem os fatos empíricos. O material empírico constitutivo da psicanálise provém daquilo que é observado por Freud na clínica, enquanto que o conjunto de conceitos que estão para além desse material constitui *a teoria metapsicológica* – ou *metapsicologia*. Trata-se de uma teoria de caráter especulativo, composta por conceitos que têm por finalidade sistematizar os fatos empíricos já conhecidos e apreender novos fatos. O resultado é uma exposição teórica geral do material empírico específico.

Em *Pulsões...*, vemos o psicanalista explicitar a relação que existe entre a observação empírica e a construção de uma teoria científica, aludindo à função do método especulativo. A seu ver, não é possível conceber a construção de um saber científico apenas a partir de conceitos claros e precisamente definidos. A atividade científica deve se iniciar com a descrição dos fenômenos de interesse, seu agrupamento, ordenamento e delineamento das relações existentes entre eles. Freud ressalta ainda que, mesmo ao observar e descrever tais fenômenos, não é possível pensar que a atitude científica é livre de ideias pré-concebidas, pelo contrário: “é inevitável que, já ao descrever o material, apliquemos ideias abstratas obtidas não só a partir de experiências, mas também oriundas de outras fontes”².

O autor prossegue dizendo que tais ideias não são precisas, mas são, antes, mais ou menos indefinidas e seu conteúdo não é claramente delimitado. Freud acrescenta, ainda, que elas são aparentemente derivadas dos fenômenos observados, mas, na verdade, o material apreendido por observação se apresenta para o cientista da forma como se apresenta por estar sob influência dessas ideias. Para o autor, elas possuem o estatuto de “convenções”³. Em contrapartida, não é possível conceber tais ideias como completamente independentes do material empírico observado. Ocorre que elas são capazes de influenciar a observação do cientista por possuírem relações importantes com o material que se observa. Sobre isso, vemos em P.-L. Assoun: “são as ‘relações significativas’ ao material fenomenal que ponderam a arbitrariedade do conceito inicial. Indeterminadas como formas iniciais, é “por baixo” que são determinadas as convenções conceituais”⁴.

De acordo com Freud, essas ideias abstratas que influenciam a apreensão dos fenômenos só adquirem maior precisão (se constituindo como os conceitos básicos de uma ciência) após uma investigação detida do campo fenomênico. A partir daí, é possível delimitar com exatidão as definições dos conceitos. No entanto, o autor alerta que tal delimitação é passível de modificações ao longo do progresso científico.

Se, por um lado, a especulação tem lugar na elaboração de qualquer teoria que pretenda estabelecer uma conexão causal entre dados empíricos, por outro, é preciso reconhecer que o objeto de investigação da psicanálise, a saber, os processos psíquicos inconscientes, impõe a dificuldade de sua apreensão pelo discurso. O inconsciente se furta à fenomenalidade, é possível ter acesso apenas aos seus efeitos sobre a consciência. Os modelos teóricos/construtos metapsicológicos, construídos com o auxílio da atividade especulativa, são tão importantes para a

² Freud, 1915/2004, p. 145.

³ Id.

⁴ Assoun, 1981/1983, p. 92.

teoria freudiana porque são representações capazes de oferecer alguma inteligibilidade a estes processos.

Um dos textos de Freud em que a atividade especulativa aparece de maneira explícita e central é o *Além do princípio de prazer*, de 1920. O trabalho inicia-se relativizando o domínio (*Herrschaft*) do princípio de prazer no curso dos processos psíquicos e apresenta a montagem de um aparelho anímico impregnado por noções energéticas. Nos capítulos V e VI, o autor expõe um conceito que impõe dificuldades aparentemente incontornáveis – a pulsão de morte. Nas palavras de L. Monzani: “Os estudiosos divergem profundamente entre si quanto ao significado dessa noção que parece ter o dom de sempre os deixar inteiramente perplexos”⁵.

Já no primeiro capítulo de *Além...*, os significados das sensações de prazer e desprazer são caracterizados por Freud como o “território mais obscuro e inacessível da vida psíquica”⁶. Ele esclarece que pretende enfrentar esta dificuldade adotando, para explicá-los, uma hipótese que seja “o menos rígida possível”⁷ – a de que a sensação de desprazer corresponderia a um aumento da quantidade de energia livre no aparelho psíquico, enquanto que o prazer estaria relacionado a uma diminuição dessa quantidade e, ainda, que o psiquismo tende a manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível ou, pelo menos, constante. A essa tendência deu o nome de *princípio de prazer*, enfatizando, num primeiro momento, sua hegemonia no curso dos processos psíquicos.

Seguindo com suas considerações sobre as sensações de prazer e desprazer, o autor aponta para o fato de que, ainda que haja uma tendência do psiquismo ao princípio mencionado no parágrafo anterior, a experiência clínica mostra que a maioria dos processos psíquicos não são acompanhados por uma sensação de prazer. Nesse momento, é levantada a hipótese de que algumas circunstâncias são capazes de impedir ou atrapalhar a hegemonia do princípio.

O segundo capítulo de *Além...*, é dedicado a explicar dois tipos de situação em que os processos psíquicos parecerem não estar em consonância com o princípio de prazer: os sonhos em pessoas que sofrem de neurose traumática ou neurose de guerra e a brincadeira infantil.

O autor explica que os sonhos que acometem pacientes que sofreram um trauma acabam sempre por reconduzí-los à experiência traumática, culminando em um novo susto, e, por conseguinte, no despertar. Essa dinâmica parece contrariar o que, até então, se conhecia sobre a função original do sonho, que seria a realização de um desejo inconsciente⁸. Além disso, esse tipo

⁵ Monzani, 1989/2014, p. 144.

⁶ Freud, 1920/2006, p.135.

⁷ Ibid., p. 135.

⁸ Cf. *A interpretação dos sonhos* (1900).

de sonho parece não obedecer à atividade do princípio do prazer, uma vez que a repetição do evento traumático provoca uma sensação de desprazer naquele que sonha.

A outra situação – a brincadeira infantil – é descrita da seguinte maneira: Freud conta a história de uma criança que tinha o hábito de apanhar os objetos que estivessem ao seu alcance e jogá-los para, em seguida, apanhá-los novamente. Para o psicanalista, nessa repetição, a brincadeira representava a saída e a volta da mãe da criança para casa. A experiência que, em um primeiro momento, poderia ser encarada como uma vivência desprazerosa, uma vez que a criança repetia a situação que lhe causava desprazer, a saber, ser deixada pela mãe, permitia que o bebê exercesse um controle, ainda que simbólico, sobre as saídas e voltas da mãe, às quais era obrigado a submeter-se passivamente.

Avançando em suas considerações, no capítulo III do texto em questão, outro fenômeno psíquico é destacado pelo autor – a repetição, pelo analisando, através de sua transferência com o analista, de vivências infantis que sofreram recalçamento. Freud observa que o processo se desenrola, invariavelmente, no campo da relação transferencial, e tem sempre como conteúdo fragmentos da vida sexual infantil do paciente. As instâncias que se esforçam para manter o recalçado inconsciente são os sistemas superiores da vida psíquica que originalmente produziram o recalçamento. Essas instâncias estão obviamente a serviço do princípio de prazer, pois procuram evitar o desprazer que viria com a liberação do recalçado. No entanto, a repetição dessas vivências durante a análise causa a sensação de desprazer, pois, nesse processo, moções pulsionais recalçadas pelo Eu vêm à tona. A partir dessas constatações, Freud observa que a repetição deve ser um processo cujo responsável por realizar é o recalçado inconsciente.

Nesse momento do texto, a questão que se coloca é a seguinte: qual seria a relação que se estabelece entre o princípio de prazer e essa tendência a repetir vivências acompanhadas pelo desprazer? Não seria esperado que a descarga de uma moção pulsional conduzisse a uma vivência prazerosa? No entanto, o autor esclarece que as pulsões em questão provocam, quando são repetidas, tanto desprazer quanto no momento em que ocorreu o recalçamento. Apesar disso, os fenômenos descritos ilustram algo como uma inclinação do psiquismo à repetição que leva ao desprazer. Freud tenta dar conta de explicar esse fato levantando a hipótese da existência de uma espécie de “coação”⁹ que obriga a essa repetição, a qual dá o nome de *compulsão à repetição* e conclui que trata-se de uma tendência mais arcaica, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer, e que, desse modo, parece suplantá-lo. Monzani refere-se à construção da hipótese freudiana da seguinte maneira: “Nenhum dos fenômenos tomados isoladamente permite

⁹ O termo utilizado pelo autor é *Zwang*.

que se extraia a conclusão de que haveria um “além do princípio do prazer”. No entanto, no final do capítulo III, Freud reúne forças para concluir que, de fato, parece existir na mente uma “compulsão à repetição” e que esta não parece estar subordinada ao princípio do prazer”¹⁰.

A novidade abre o ensejo para outros questionamentos: “Mas, se essa compulsão à repetição realmente existir na vida psíquica, então gostaríamos de saber mais sobre a função que lhe corresponde, em que condições ela pode manifestar-se e qual sua relação com o princípio de prazer, pois foi a ele que até agora atribuímos o domínio sobre o curso dos processos de excitação da vida psíquica”¹¹.

Na tentativa de fornecer uma resposta a essas questões, Freud começa o capítulo IV de *Além do Princípio de Prazer* caracterizando como puramente especulativas as considerações que estão por vir:

O que se segue é pura especulação, que muitas vezes remonta ao passado longínquo e que cada um, de acordo com sua posição subjetiva, poderá levar em consideração ou desprezar. De resto, trata-se de uma tentativa, movida por pura curiosidade, de explorar uma ideia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar¹².

O autor inicia sua especulação esboçando o modelo da vesícula protoplasmática para explicar a trajetória de origem e evolução do aparelho psíquico, partindo do sistema responsável por fornecer a qualidade da consciência aos processos psíquicos, intitulado *Pcp-Cs*. Tal sistema tem como peculiaridade o fato de estar localizado na fronteira entre o interior do organismo e o mundo exterior. Assim, torna-se responsável por proporcionar a percepção de estímulos exteriores (na medida em que os recebe) e as sensações de prazer e desprazer, que se originam no interior do organismo.

Após sofrer uma infiltração excessiva de estímulos provenientes do mundo exterior, essa vesícula modelo cria, adaptativamente, uma camada externa inorgânica, que passa a servir como escudo protetor para as camadas mais internas, a fim de que elas recebam quantidades adequadas de estímulos externos, suficientes apenas para perceber o mundo exterior, sem causar-lhes modificações em sua constituição.

Voltando à questão da neurose traumática, Freud compara a vivência do trauma com uma ruptura nesse escudo protetor, o que causaria a patologia. Ocorre que um excesso de excitação adentra o aparelho psíquico na ocasião do trauma e o organismo precisa utilizar a energia ligada que já tinha disponível para atar a energia fluída que acabou de receber. Se há falha nessa tentativa, na comparação esboçada por Freud, a consequência é a neurose traumática.

¹⁰ Monzani, 1989/2014, p. 154.

¹¹ Freud, 1920/2006, p. 148.

¹² *Ibid.*, p. 149.

Os sonhos em pacientes que sofrem dessa patologia buscam resgatar a capacidade do aparelho de processar estímulos que afluem quando do desencadeamento do medo – processamento cuja ausência no passado foi a causa da neurose traumática. Esses sonhos mostram, portanto, uma função do aparelho psíquico que não está em contradição com o princípio do prazer, mas ocorre de modo independente dele e parece, na verdade, anteceder-lo. Freud explica essa suposta relação de antecedência pelo fato de que o sonho só poderia assumir essa função, depois que o psiquismo já tivesse incorporado em seu modo de funcionamento o princípio do prazer. Trata-se de um período primitivo, anterior a essa tendência de realização de desejos. Conclui-se, assim, que esse tipo de sonhos obedece muito mais à compulsão à repetição do que ao princípio do prazer.

Seguindo adiante com suas hipóteses, o autor aponta para o fato de que o organismo também é alvo de afluxos de excitações provenientes de seu próprio interior, contra os quais não possui proteção. Esclarece que tais excitações são constituídas principalmente pelas pulsões, que caracteriza como o mais importante e também o mais obscuro objeto de investigação psicológica¹³.

É importante lembrar que, no texto *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), o psicanalista define a pulsão como uma força que impele, provoca o organismo num sentido de mudança e desenvolvimento, nas seguintes palavras:

A pulsão, ao contrário [do estímulo], nunca age como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma *força constante*. Como não provém do exterior, mas agride a partir do interior do corpo, a fuga não é de serventia alguma. A melhor denominação para o estímulo pulsional é o termo “necessidade” [*Bedurfnis*], e a tudo aquilo que suspende essa necessidade denominamos “satisfação” [*Befriedigung*]. Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma *alteração direcionada e específica* (isto é, adequada) da fonte interna emissora de estímulos¹⁴.

Do ponto de vista da biologia, Freud referiu-se às pulsões como “uma exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo”¹⁵. No entanto, no *Além...*, diante do fenômeno de compulsão à repetição, especialmente quando observado nos sonhos de neurose traumática, as pulsões são apresentadas pelo autor como uma força de caráter conservador, que conduziria o organismo a reestabelecer um estado anterior:

*Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças conservadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica.*¹⁶

¹³ Ibid., p. 158.

¹⁴ Freud, 1915/2004, p. 146; grifos nossos.

¹⁵ Ibid., p. 148.

¹⁶ Freud, 1920/2006, p. 160; grifos do autor.

Levando a suposição apresentada no parágrafo anterior às últimas consequências, o autor supõe que o objetivo final das pulsões é o de alcançar um estado antigo, um estágio inicial de desenvolvimento, que um dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar, ainda que, nesse processo de retorno, tenha que enfrentar diversos desvios impostos pela exigência de estímulos do mundo exterior. Explica que não é difícil apontar o objetivo final da tendência das pulsões:

Se o objetivo da vida fosse chegar a um estado nunca alcançado anteriormente, isso estaria em frontal contradição com a natureza conservadora das pulsões. Portanto, esse objetivo deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo que passar por todos os desvios tortuosos do desenvolvimento. Se podemos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões *internas*, então podemos dizer que: *O objetivo de toda vida é a morte*, e remontando ao passado: *O inanimado já existia antes do vivo*.¹⁷

Ainda que em alguns momentos do texto de Freud a comparação entre a vesícula protoplasmática e o aparelho psíquico se enfraqueça e, em outros, seja mais evidente¹⁸, é possível perceber que o viés da perspectiva biológica no olhar para o psíquico, que implica em concebê-lo desde a sua origem, passando por etapas de desenvolvimento, levaram o autor a elaborar a hipótese da natureza conservadora das pulsões, que se expressa na tendência do vivo ao retorno ao inorgânico. A atividade especulativa alcança grandes proporções e o movimento argumentativo culmina na elaboração da questão teleológica, sobre o “objetivo da vida”.

Seguindo a proposta deste trabalho, passamos para a análise da apresentação do aparelho psíquico em *Projeto para uma psicologia científica*. Na ocasião, Freud inicia suas formulações sendo bastante explícito quanto ao seu objetivo: “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais capazes de serem especificadas”¹⁹, para formular uma psicologia precisa e livre de contradições, cujos conceitos fundamentais são os de quantidade e neurônio.

O autor define a quantidade (Q) como uma diferença entre a atividade e o repouso, e o neurônio como uma partícula material, que pode ser ocupada por uma certa quantidade. Estes dois elementos são regidos por um princípio, caracterizado como o “fundamento da atividade nervosa”²⁰: o princípio da inércia neuronal, segundo o qual o neurônio aspira a libertar-se da quantidade, a descarregá-la. Freud acrescenta que é segundo este princípio que procurará estabelecer a arquitetura, desenvolvimento e desempenho (*Leistung*) do sistema de neurônios.

¹⁷ Ibid., p.161; grifos do autor.

¹⁸ Este problema será acompanhado no Capítulo III deste trabalho.

¹⁹ Freud, 1895/2003, p. 175.

²⁰ Ibid., p. 176.

É, portanto, partindo do princípio da inércia que se inicia a construção do aparelho psíquico, identificado pelo autor ao sistema nervoso. Se os neurônios aspiram à descarga e as quantidades são consequências das excitações provenientes de estímulos, uma parte do construto deve ser destinada à recepção destes estímulos (parte sensorial), enquanto que, a outra deve ser responsável por anular, através de uma descarga motora, a diferença entre repouso e movimento que foi causada pela excitação (parte motora). Um primeiro esquema está montado: “O princípio [da inércia] dá o motivo para o movimento reflexo”²¹. O sistema nervoso, concebido neste estágio, caracterizado como primário, ao adquirir a quantidade a partir de sua extremidade sensorial, lhe transmite, através de ligações, para a parte motora, para conservar-se, assim, sem estímulos. Neste primeiro momento de apresentação do aparelho, ele é descrito como um sistema sensório-motor, que procura livrar-se das quantidades que lhe acometem. Trata-se de um aparelho sem vida, e seu modo de funcionamento é apresentado com a utilização do modelo mecânico de explicação: o movimento é transmitido de um elemento a outro, até a descarga. No entanto, ao caracterizar como “primário” tal estágio de funcionamento, o autor oferece indicações de que pretende abordá-lo através de uma perspectiva desenvolvimentista, de modo que, ao lado do modelo mecânico, haverá lugar também para o modelo biológico ao longo da construção do aparelho e da explicação sobre seu modo de funcionamento.

No Capítulo II deste trabalho, veremos que a montagem do construto, ao adquirir complexidade, exige que Freud associe o modelo de explicação biológico ao modelo de explicação mecânico. Quando o aparelho deixa de ser encarado apenas como receptor de estímulos externos e passa a ser considerado também como um gerador de excitações, condição imposta pelas necessidades da vida, o sistema desenvolve mecanismos para o escoamento da excitação que se aperfeiçoam, visando à adaptação e sobrevivência. A ideia é a de que o primeiro sistema postulado pelo autor funciona escoando livremente as excitações, enquanto que, o segundo, opera certas inibições de investimento, aumentando, desse modo, seu nível energético, para que, quando concluir seu trabalho, a descarga ocorra por determinados caminhos e resulte em um aproveitamento biológico. As leis de escoamento energético são utilizadas para explicar o movimento das cargas de investimento pelos elementos do sistema, mas passa a ser necessário considerar também a produção de diferenciação, complexidade, ao longo do tempo, cumprindo preceitos evolutivos. Os dois modelos são indissociáveis, na medida em que o escoamento da excitação é um mecanismo que garante a sobrevivência.

²¹ Id.

A montagem do sistema psíquico e a explicação de seu funcionamento empreendidas no Capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900/1992), também recorre aos modelos mecânico e biológico de explicação. A ideia de um aparelho funcionando segundo o esquema do arco reflexo é retomada: uma de suas extremidades é constituída pelo sistema perceptivo (*Pcp*), que recepciona os estímulos externos, e a outra pelo sistema eferente, responsável pela atividade motora.

Para dar conta de explicar o processo de inscrição, no aparelho psíquico, das percepções que incidem sobre ele, Freud introduz entre essas duas extremidades os traços mnêmicos, que consistem em modificações permanentes de determinados elementos que compõe o aparelho e a função que com eles se relaciona é a da memória: “Logo, representamos o aparelho psíquico (...) como um instrumento composto, cujos elementos vamos chamar de instâncias ou, com referência à sua visibilidade, de sistemas”²².

Baseando-se no modelo mecânico de explicação, o autor tece considerações sobre o percurso dos fluxos excitatório no interior destes sistemas e esboça uma analogia com a trajetória da luz no interior de um instrumento ótico. No entanto, a exemplo do que ocorre em *Projeto...*, quando o psíquico é considerado como uma das partes de um organismo, cujas necessidades vitais nele se expressam, a exigência de que esse modo de funcionamento se torne mais complexo se impõe e o modelo de explicação biológico é associado ao mecânico. O funcionamento do aparelho psíquico não é mais totalmente descrito através do que Freud denominou *processo primário*, caracterizado pelo livre escoamento das excitações. O *processo secundário*, que exige que certas inibições sejam operadas, para que a descarga seja eficiente do ponto de vista biológico, é postulado.

O psicanalista, fundamentado em uma perspectiva desenvolvimentista, chama a atenção para o fato de que, ao denominar de primário um dos modos de funcionamento do construto, faz referência não só à complexidade e à eficiência, mas, também, em consideração a um fator cronológico: os processos primários existem desde o início da vida e os processos secundários aparecem ao longo da evolução dos sistemas. Isso não quer dizer, no entanto, que, em algum momento, o psiquismo tenha sido regulado exclusivamente por processos primários. O autor afirma que um aparelho deste tipo só poderia ser uma “ficção teórica”:

É verdade que até onde sabemos não existe um aparelho psíquico que tivesse apenas o processo primário, e nesse sentido ele é uma ficção teórica: mas é um fato que os processos primários existem nele desde o começo, enquanto os secundários se constituem apenas gradativamente no decorrer da vida, inibem e recobrem os primários e talvez alcancem domínio completo sobre eles no apogeu da vida.²³

²² Freud, 1900/1992, p. 530.

²³ Id.

É possível verificar que nos momentos selecionados na obra de Freud, a construção das hipóteses especulativas sobre a estrutura do psíquico e seu modo de funcionamento exigem que o autor recorra a princípios mecânicos e biológicos de explicação. No entanto, é em *Além...* que não só a perspectiva biológica, como a atividade especulativa alcançam seu auge. Sobre o artigo de 1920, Laplanche afirma: “Mais do que nunca, o problema do “biologismo” freudiano nos pressiona aqui de todos os lados; qual é a função deste recurso às ciências da vida que se apresenta ora sob o aspecto de uma especulação sem limite, ora como uma referência a uma experimentação precisa?”²⁴.

Da tendência pulsional à repetição no indivíduo, a especulação avança e é levada ao limite, ao mesmo tempo em que a questão sobre os limites da vida é levantada e que a morte é explicitamente designada como o seu fim último. Nas palavras de Laplanche:

[...] num primeiro tempo, os fenômenos mais variados de repetição, naquilo que eles têm de irredutível, são considerados como a *essência da pulsão*. Num segundo movimento, essa tendência do indivíduo humano a reproduzir seus estados e seus objetos primeiros, é ligada a uma força universal, ultrapassando de muito o campo psicológico e mesmo o campo vital, força cósmica que tende irresistivelmente a levar, regressivamente, o mais organizado ao menos organizado, as diferenças de nível ao nivelamento, o vital ao inanimado.²⁵

²⁴ Laplanche, 1985, p. 109.

²⁵ *Ibid.*, p. 110.

**A psicanálise é uma *Naturwissenschaft*. A “querela dos métodos” (*Methodenstreit*):
diferenças entre as *Naturwissenschaften* e as *Geisteswissenschaften*.**

A psicanálise freudiana surgiu em um contexto em que a reflexão epistemológica colocava em oposição as ciências naturais (*Naturwissenschaften*) e humanas ou do espírito (*Geisteswissenschaften*). Para descrever as diretrizes que delinearam tal oposição, recorreremos a análise de P.-L. Assoun, em *Introdução à epistemologia freudiana* (1981), que se refere à célebre “querela dos métodos” (*Methodenstreit*)²⁶.

De acordo com o referido autor, essa discussão, que teve lugar nos círculos filosóficos da Alemanha no final do século XIX início do século XX, foi motivada pela ascensão das *Geisteswissenschaften* como um novo tipo de saber, fato que exigiu uma modificação nas concepções epistemológicas da comunidade científica da época. A separação fundou-se entre o domínio da natureza, já investigado através de métodos há muito tempo consolidados, e o domínio da história e do homem, que exigiu que fosse concebido um novo método de investigação. A diferença delineou-se, portanto, não apenas entre objetos de estatutos ontológicos diferentes, mas, também, entre procedimentos de pesquisa.

Os objetos das ciências naturais foram definidos como aqueles que existem sem que o homem precise fabricá-los, aqueles que simplesmente são encontrados na natureza; já as ciências humanas ocupavam-se dos objetos históricos ou culturais, que não podem existir sem que haja a intervenção humana, isto é, da ação do homem e seus produtos, aquilo que escapa à ordem da natureza, tudo aquilo que resulta da vida em sociedade e que caracteriza a existência humana. Estas disciplinas, como a Economia, História e Filologia investigam diferentes realidades culturais, enquanto que as ciências da natureza, como a Física e a Biologia, tratam dos corpos materiais ou organismos vivos.

No que diz respeito ao método de investigação utilizado, as *Naturwissenschaften* procuram estabelecer leis gerais, principalmente através de processos indutivos, que permitam deduzir posteriormente outras propriedades dos objetos investigados, através de observações e experimentos, isto é, tem como tarefa explicar (*erklären*) o objeto investigado, definir relações de causa e efeito. O modelo deste tipo de investigação é a física galilaico-newtoniana, responsável por diversas descobertas importantes nos séculos XVIII e XIX. Neste contexto, é indiferente que

²⁶ Assoun, 1981/1983, pp. 45 e seguintes.

um ou outro objeto seja tomado para a investigação, pois ele é um exemplo para a sua categoria, já que o interesse recai não sobre a sua singularidade ou individualidade, mas sobre aquilo que possui de universal.

Já nas *Geisteswissenschaften*, os objetos são caracterizados por sua individualidade e especificidades, e não serve aos propósitos da investigação subsumí-los a leis gerais, mas, antes, compreendê-los (*verstehen*) em sua singularidade, revelar a sua significação, aquilo que faz com que sejam o que são, e não outra coisa. Alguns exemplos de objetos para tais ciências são os sistemas linguísticos, políticos, econômicos, religiosos de diferentes culturas. Foi o filósofo neokantiano Wilhelm Dilthey que, em *Introdução às ciências do espírito* (1833), sistematizou a oposição entre *erklären* e *verstehen*, demarcando as diferenças existentes entre os dois métodos de investigação.

Como especificamos, de acordo com Assoun, a querela dos métodos teve lugar em um cenário em que as ciências do espírito reivindicavam também um lugar na comunidade científica. É neste contexto que Freud, em momentos diferentes de sua obra, alinha a construção do saber psicanalítico com a perspectiva naturalista da ciência. Isso ocorre, por exemplo, em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), *Apresentação autobiográfica* (1925), nas *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1932), na conferência XXXV, intitulada *Sobre uma visão de mundo* (*Weltanschauung*) e, em *Algumas lições elementares de psicanálise* (1940 [1938]), encontra-se a célebre passagem: “A psicologia também é uma ciência natural (*Naturwissenschaft*). Que outra coisa poderia ser?”²⁷.

Assoun, na obra citada, observa que essa tomada de posição de Freud nunca pareceu ser uma escolha entre duas alternativas possíveis. O autor afirma que, para o psicanalista, apenas as ciências da natureza mereceriam, de fato, o estatuto de disciplinas científicas:

Ainda é pouco dizer que, para Freud, a psicanálise é uma *Naturwissenschaft*: na realidade, não há, literalmente falando, ciência senão da natureza. *Naturwissenschaft* equivale, praticamente, a *Wissenschaft*. Quer dizer: a ambição de cientificidade remete, de modo exclusivo e pleonástico, a uma norma que emana da ciência da natureza. É por esse motivo que, nos escritos de Freud, a alternativa é tão clara: se a psicanálise é uma ciência digna desse nome, então ela é *Naturwissenschaft*²⁸.

É possível, de fato, identificar alguns momentos da obra de Freud nos quais o autor refere-se à atividade científica aproximando-a do método investigativo que é empregado pelas *Naturwissenschaften*. Nos primeiros parágrafos de *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), demarcando seu posicionamento epistemológico, Freud explicita a relação que existe entre a

²⁷ Freud, 1940[1938]/1989, p. 284.

²⁸ Assoun, 1981/1983, pp. 50-1.

observação empírica e a construção de uma teoria científica. A seu ver, não é possível conceber a construção de um saber científico apenas a partir de conceitos claros e precisamente definidos. A atividade científica deve iniciar-se com a descrição dos fenômenos de interesse, seu agrupamento, ordenamento e delineamento das relações existentes entre eles. O autor ressalta ainda que, mesmo ao observar e descrever tais fenômenos, não é possível pensar que o cientista é livre de ideias pré-concebidas, pelo contrário: “é inevitável que, já ao descrever o material, apliquemos sobre ele ideias abstratas (*abstrakte Ideen*) obtidas não só a partir de novas experiências, mas também oriundas de outras fontes”²⁹.

O psicanalista prossegue dizendo que tais ideias não são precisas, mas são, antes, mais ou menos indefinidas e seu conteúdo não é claramente delimitado. Freud acrescenta, ainda, que elas são aparentemente derivadas dos fenômenos observados, mas, na verdade, o material apreendido por observação se apresenta para o cientista da forma como se apresenta por estar sob a influência dessas ideias. Para o autor, elas possuem o estatuto de “convenções”³⁰. Em contrapartida, não é possível conceber tais ideias como completamente independentes do material empírico observado. Ocorre que elas são capazes de influenciar a observação do cientista por possuírem relações importantes com o material que se observa.

De acordo com Freud, essas ideias abstratas que influenciam a apreensão dos fenômenos só adquirem maior precisão –se constituindo como os conceitos básicos de uma ciência (*wissenschaftliche Grundbegriffe*)– após uma investigação detida do campo fenomênico. A partir daí, é possível delimitar com maior exatidão as definições dos conceitos. No entanto, o autor alerta que, a exemplo do que ocorre na física, tal delimitação é passível de modificações ao longo do progresso científico:

[...] só depois de termos investigado mais a fundo determinado campo de fenômenos é que poderemos formular com mais precisão seus conceitos básicos (*wissenschaftliche Grundbegriffe*) e modificá-los progressivamente, até que se tornem amplamente utilizáveis e, portanto, livres de contradição. É apenas então que talvez tenha chegado a hora de confinar os conceitos em definições. Entretanto, o progresso do conhecimento não suporta que tais definições sejam rígidas, e como ilustra de modo admirável o exemplo da física, mesmo os “conceitos básicos” que já foram fixados em definições também sofrem uma constante modificação de seu conteúdo³¹.

²⁹ Freud, 1915/2004, p. 145.

³⁰ Id. De acordo com Assoun, o texto de Freud oferece uma indicação de sua filiação epistemológica com o físico e filósofo Ernst Mach, um dos expoentes da ciência alemã, na segunda metade do século XIX. Cf. Assoun 1981/1983, pp. 84 e seguintes.

Em *Conhecimento e erro* (1905), Mach faz as seguintes considerações sobre a atividade científica: “Não tendo a boa sorte de possuir inquebrantáveis axiomas, o cientista se habituou a considerar como provisórias suas ideias e seus princípios os mais seguros e os mais bem fundados, e está sempre pronto a modificá-los após novas experiências” (Mach; citado por Assoun, 1981/1983, p. 92).

³¹ Id.

Mais tarde, em *Apresentação autobiográfica* (1925), ainda sobre o manejo de conceitos que guardam certo grau de imprecisão, como os de libido e pulsão, o psicanalista encontra mais uma oportunidade para diferenciar a psicanálise das *Geisteswissenschaften* e aproximá-la das *Naturwissenschaften*, recorrendo, desta vez, não apenas ao exemplo da física, mas também de outras ciências cujas pesquisas são mais recentes, como a zoologia e a botânica:

Escutei muitas vezes a ideia depreciativa de que não se pode esperar nada de uma ciência cujos conceitos principais são tão imprecisos como os de libido e pulsão na psicanálise. Mas na base desta crítica há um total desconhecimento da situação real. Conceitos básicos claros e definições com contornos nítidos só são possíveis nas ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), na medida em que estas querem incluir um domínio de fatos no quadro de uma construção intelectual sistemática. Nas ciências naturais (*Naturwissenschaften*), entre as quais se encontra a psicologia, esta clareza dos conceitos básicos é supérflua e mesmo impossível. Nem a zoologia, nem a botânica começaram com definições corretas e abrangentes de “animal” e de “planta”; a biologia, ainda hoje, não sabe preencher com um conteúdo seguro a noção de “ser vivo”. Mais uma: até a física teria se privado de todo o seu desenvolvimento se tivesse de ter esperado que seus conceitos de matéria, força e gravitação alcançassem a clareza e a precisão desejáveis³².

A imprecisão conceitual que, conforme descreve o autor, é presente ao menos no início da atividade científica, não desqualifica, portanto, o estatuto de cientificidade de uma disciplina. Pelo contrário, para Freud, é exatamente a indefinição parcial dos conceitos fundamentais da psicanálise que permite que ela seja reconhecida como uma ciência natural, uma vez que, segundo sua concepção, “contornos precisos” para os conceitos e definições são encontrados apenas nas ciências do espírito, na medida em que elaboram “uma construção intelectual sistemática”.

O psicanalista continua sua exposição afirmando que os conceitos básicos de uma ciência vão adquirir maior precisão, originando as definições, ao longo do progresso científico. Os dados observados são submetidos a um processo de elaboração intelectual e são novamente confrontados com a experiência, sendo, portanto, constantemente modificados. Neste processo de circunscrição do alcance de um conceito, Freud reconhece que a mera descrição dos fatos observados não pode satisfazer os objetivos de uma ciência da vida psíquica. Deve-se não apenas descrever os fenômenos de interesse, mas agrupá-los, ordená-los e delinear as relações existentes entre eles³³.

A psicanálise teve a sua origem na tentativa empreendida pelo autor de tratar certas psicopatologias que não puderam ser resolvidas por meio de outros métodos, como através da técnica da hipnose, por exemplo. Ao mesmo tempo em que se trata de uma teoria científica que, ao ser alinhada com a perspectiva naturalista da ciência, pretende ter valor explicativo e preditivo, alcançados através da formulação de leis gerais, ela se inicia a partir da descrição de fatos clínicos,

³² Freud, 1925/1989, pp. 53-4.

³³ Cf. Freud, 1915/2004, p. 145.

que são eventos particulares e carregados das especificidades das vidas psíquicas dos sujeitos que foram tratados por Freud. É preciso, portanto, partir do material empírico específico e ultrapassá-lo em alguma medida.

É possível observar que, nos principais textos em que o autor apresenta a psicanálise, o tratamento dos pacientes aparece como ponto de partida para a elaboração teórica. O psicanalista aponta alguns elementos da teoria que podem ser referidos a certos conteúdos empíricos da clínica como essenciais para fundar e orientar sua pesquisa. Em 1923, por exemplo, Freud escreve um verbete intitulado *Psicanálise* para a enciclopédia *Handwörterbuch der Sexualwissenschaft*. O texto aponta os “pilares” da psicanálise e acrescenta que quem não afirmá-los não se deve reconhecer como psicanalista:

Os Pilares da Teoria Psicanalítica— A hipótese de processos anímicos inconscientes, o reconhecimento da doutrina da resistência e da repressão, o valor dado à sexualidade e ao Complexo de Édipo são os conteúdos principais da psicanálise e os fundamentos de sua teoria, e quem não está em condições de subscrever todos eles não deveria se contar entre os psicanalistas³⁴.

Dois anos depois, em *Apresentação autobiográfica*, o autor reafirma a importância destes “pilares” para a construção da doutrina psicanalítica: “As doutrinas da resistência e da repressão, do inconsciente, da significatividade etiológica da vida sexual e da importância das experiências vividas na infância são os principais constituintes do edifício doutrinal psicanalítico”³⁵.

A hipótese de que existem processos psíquicos que exercem influência na vida psíquica do paciente estando, no entanto, separados das representações que ocupam a consciência, a de que tais processos foram afastados da consciência através da repressão e enfrentam uma resistência quando, por meio do processo terapêutico, é empreendida a tentativa de torná-los novamente acessíveis à consciência e a de que as experiências de conteúdo sexual, vividas no período da infância, têm papel fundamental na estruturação posterior da personalidade do sujeito, são elementos cruciais para a teoria psicanalítica e podem, sem a necessidade da interposição de elaborações muito sofisticadas, isto é, que ultrapassem em grande medida a esfera da experiência, ser articulados a partir dos fatos observados por Freud clínica.

O texto freudiano oferece, portanto, indicações de um privilégio do domínio empírico quando se refere à construção da psicanálise. No entanto, como já mencionamos, a descrição do campo fenomênico não é recurso suficiente para a edificação de uma disciplina que, como a psicanalítica, pretende alinhar sua perspectiva epistemológica com a das ciências da natureza. É necessário completar as teorias que derivam mais ou menos diretamente do processo de observação

³⁴ Freud, 1923/ 1989, p. 208.

³⁵ Freud, 1925/1989, p. 38.

por hipóteses que vão além dela: “Que seja suficiente marcar que pareceu legítimo completar as teorias, que são expressão direta da experiência, por hipóteses que são apropriadas à organização do material e que se referem a fatos que podem se tornar objeto de observação imediata”³⁶.

Da experiência às leis gerais: a metapsicologia como a superestrutura especulativa da psicanálise. Os conceitos de aparelho psíquico e pulsão.

Seguindo a proposta deste trabalho, analisaremos os conceitos metapsicológicos de aparelho psíquico e pulsão, cuja elaboração parece estar mais afastada do campo da experiência e mais próxima da atividade especulativa.

O primeiro modelo de aparelho psíquico publicado elaborado por Freud surge na tentativa de cumprir esta função da construção de uma teoria explicativa. O autor refere-se a ele como “fundamento explicativo”³⁷, ao qual deve-se subordinar todo o conhecimento sobre o sentido dos sonhos e os mecanismos específicos que ocorrem na psique para ocultá-lo, dados estes obtidos a partir do relato dos pacientes durante seu tratamento:

É impossível que cheguemos a explicar (*aufklären*) o sonho como processo psíquico, pois explicar (*erklären*) significa derivar de algo conhecido, e não existe atualmente nenhum conhecimento psicológico (*psychologische Kenntnis*) ao qual pudéssemos subordinar (*unterordnen*) aquilo que, na condição de fundamento explicativo (*Erklärungsgrund*), pode ser inferido (*erschlossen*) do exame psicológico (*psychologische Prüfung*) dos sonhos³⁸.

Antes mesmo do estudo dos sonhos, a experiência clínica trouxe uma série de indicações que conduziram o autor a pensar que existem diferentes lugares no psiquismo. Já nos *Estudos sobre a histeria* (1895), é possível verificar que o tratamento dos pacientes levou à hipótese de que a vivência de um trauma, de conteúdo sexual, era capaz de provocar uma cisão na consciência. O resultado deste acontecimento era a formação de dois grupos de representações distintos, sendo que, de um deles, o paciente não podia se lembrar. A hipótese pôde ser formulada a partir do relato dos enfermos e testada através do método hipnótico, que produzia um efeito análogo ao do trauma. A maneira como Freud descreve a organização do material psíquico, em torno de um “núcleo patogênico” e a reintegração deste material à consciência já implica na concepção da existência de lugares diferentes no psiquismo. A consciência é definida como um “desfiladeiro” que só deixa

³⁶ Ibid., p. 31.

³⁷ Freud, 1901-1900/2015, vol. 2, p. 537.

³⁸ Id.

passar uma lembrança de cada vez para o “espaço do eu”³⁹. Os lugares são distintos, mas não só isso, atribui-se a cada um conteúdos diferentes.

De acordo com indicações oferecidas pelo próprio Freud, não é apenas por constituir-se como uma ciência natural que a teoria psicanalítica não se esgota na mera descrição e classificação dos dados obtidos através da experiência. O fato de que o psiquismo não se restringe aos conteúdos que têm acesso à consciência, e, portanto, àquilo que a que se pode apreender através da observação, impõe a necessidade de que o processo de elaboração da teoria a ultrapasse. Os sonhos, os sintomas, atos falhos, lapsos, dentre outras manifestações, levaram à suposição de que há pensamentos que permanecem exercendo influência sobre a vida psíquica, embora estejam separados das representações que ocupam a consciência:

[...] apenas uma única observação compreensiva da vida psíquica de um neurótico ou uma única análise de um sonho deve lhe impor a convicção inabalável de que os processos de pensamento mais complexos e mais corretos, aos quais, no entanto, não se recusará o nome de processos psíquicos, podem ocorrer sem excitar a consciência da pessoa. O médico certamente não recebe notícia desses processos inconscientes antes que tenham exercido sobre a consciência um efeito passível de comunicação ou observação [...]. *O médico precisa se resguardar o direito de avançar do efeito sobre a consciência até o processo psíquico inconsciente mediante um processo de inferência*; por essa via, fica sabendo que o *efeito* sobre a consciência é apenas uma ação psíquica remota do processo inconsciente e que este último não se tornou consciente como tal e, além disso, que ele existiu e agiu sem se revelar de algum modo à consciência⁴⁰.

Assim, a insuficiência da descrição, que começa a dar sinais diante da necessidade de um fundamento explicativo, também se impõe perante as lacunas de sentido deixadas pelos fenômenos psíquicos que estão sendo investigados e exige a “inferência” de que existem processos psíquicos agindo sem que a consciência tenha notícia de sua ação.

A hipótese sobre a constituição do aparelho psíquico e seu mecanismo de funcionamento é elaborada para tentar suprir estas lacunas e inserir os fenômenos clínicos observados em uma organização dotada de sentido. O aparato exposto por Freud é composto por sistemas ordenados, também chamados instâncias psíquicas. Uma das extremidades é constituída pelo sistema perceptivo (*Pcp*), que recebe os estímulos externos, e a outra pelo sistema eferente, responsável pela atividade motora. Freud alerta para o fato de que seu modelo, até o momento, não mais do que atende a um requisito com o qual já estamos familiarizados: o aparelho psíquico deve ser construído como um aparelho reflexo. Em suas palavras: “O processo reflexo também é o modelo de todo funcionamento psíquico”⁴¹.

³⁹ Cf. Freud, 1895/1989, pp. 294-7.

⁴⁰ Freud, 1901-1900/2015, vol. 2, p. 639, grifos nossos.

⁴¹ *Ibid.*, p. 565.

Para dar conta de explicar o processo de inscrição, no aparelho, das percepções que incidem sobre ele, o autor introduz entre essas duas extremidades os traços mnêmicos, que consistem em modificações permanentes de determinados elementos que compõe o dispositivo. Freud relaciona tais elementos com a função da memória. Destaca que há, no entanto, dificuldades óbvias em supor que um mesmo sistema possa, ao mesmo tempo, reter alterações permanentes e permanecer apto à recepção de novos estímulos, isto é, a novas e infinitas oportunidades de sofrer alterações definitivas. Se fosse assim, seria inevitável que, em algum momento, o sistema estivesse completamente modificado com estas inscrições.

Diante das duas funções inconciliáveis, o autor acrescenta mais uma diferenciação ao modelo: “Supomos que o primeiro sistema do aparelho receba os estímulos perceptivos, mas nada conserve deles, ou seja, não tem nenhuma memória, e que por trás dele há um segundo sistema que transforma a excitação momentânea do primeiro em traços permanentes”⁴².

Antes de representar o dispositivo que permite visualizar a hipótese de como se constitui e como funciona o psiquismo, Freud avisa: “Sendo assim, vamos imaginar (*sich vorstellen*) o aparelho psíquico como um instrumento composto, cujos componentes vamos chamar de *instâncias* ou, com referência à sua clareza (*Anschaulichkeit*), de *sistemas*”⁴³.

O que é determinante na montagem do autor é a ideia de uma orientação espacial constante dos sistemas, a relação que guardam uns com os outros, como as “lentes de um telescópio”⁴⁴. Não se trata aqui da formulação de uma hipótese sobre o ordenamento espacial dos sistemas psíquicos, mas, antes, de uma hipótese sobre o sentido do fluxo excitatório que percorre este aparelho. Nas palavras do psicanalista: “No fundo, não precisamos fazer a suposição de um arranjo realmente *espacial* dos sistemas psíquicos. Basta-nos que a hipótese estabeleça uma sequência fixa— que durante certos processos psíquicos os sistemas sejam percorridos pela excitação numa sequência *temporal* determinada”⁴⁵. A representação espacial fornece, portanto, a possibilidade de visualizar uma ordem de sucessão de um processo, seu desenvolvimento no tempo. Em *A questão da análise leiga* (1926), encontramos:

Representamos o aparelho desconhecido que serve às operações psíquicas [...] realmente como um instrumento, constituído por diferentes partes – que chamamos de instâncias— que preenchem, cada uma delas, uma função particular e que têm uma relação espacial firme umas com as outras; ou seja, a relação espacial— o “na frente” e o “atrás”, o “superficial” e o “profundo” – tem para nós, inicialmente, apenas o sentido de uma representação (*Darstellung*) da sucessão regular das funções⁴⁶.

⁴² Ibid., p. 566.

⁴³ Ibid., pp. 564-5, grifos do autor.

⁴⁴ Ibid., p. 565.

⁴⁵ Id., grifos do autor.

⁴⁶ Freud, 1926/1989, p. 182.

É importante verificar que a representação do aparato psíquico coloca em evidência a importância do elemento espacial. Hanns (1996), em *Dicionário comentado do alemão de Freud*, tece as seguintes considerações sobre as conotações do verbo *darstellen*, empregado por Freud em sua forma substantivada na citação anterior:

Darstellen implica duplo movimento: “dar uma forma captável” e “mostrar”. Trata-se de colocar sob a forma de imagens apreensíveis e depois expor. Essa mediação consiste em apreender algo que, para o destinatário ainda se encontra num estado ininteligível e constituir-lo para um estado interpessoal e inteligível; implica, portanto, colocá-lo na dimensão da linguagem (inteligível aos sentidos, por exemplo assumindo a forma pictórica, auditiva ou de códigos, ou ainda tomando a forma de língua verbal, da música, etc.) e em seguida mostrar⁴⁷.

Em *Uma nota sobre o bloco mágico* (1925), Freud empreende mais uma tentativa de conferir inteligibilidade à constituição e ao funcionamento do psiquismo a partir de uma imagem. O autor utiliza o modelo do brinquedo mencionado no título do artigo para explicar o funcionamento do sistema psíquico e retoma a já estabelecida relação de exclusão entre percepção e memória: o sistema *Pcp* recebe as percepções, mas não retém qualquer traço permanente delas, estando assim sempre apto a receber novas percepções, enquanto que os traços permanentes desses estímulos são inscritos nos chamados “sistemas mnêmicos”. O bloco mágico é constituído por uma placa de resina ou cera com uma moldura de papel. Em cima da placa há uma folha dupla, cuja primeira face é de celulóide transparente e a segunda, de papel de cera fino e também transparente. Essa dupla camada se prende à placa de cera por sua extremidade superior, estando solta na parte inferior. Usando um instrumento como um estilete, risca-se a superfície de celulóide que transmitirá a pressão da escrita para a placa de cera e então os traços escuros da cera tornar-se-ão visíveis na superfície de celulóide. Para desfazer as anotações, basta levantar a parte inferior da folha dupla, descolando-a da placa de cera, para que os pontos de contato entre o papel de cera e a placa se desfaçam. Ao abaixar novamente a folha dupla, o bloco está pronto para novas anotações. Esse dispositivo permite a construção de uma analogia tríplice: 1) a cobertura de celulóide e o papel encerado podem ser comparados ao sistema *P.-Cs* 5 e seu escudo protetor; 2) a placa de cera, ao inconsciente por trás do sistema *P.-Cs*; 3) o aparecimento e desaparecimento da escrita, à ocorrência e à extinção dos processos perceptivos na consciência. Freud destaca que o traço que foi escrito, e que desapareceu após a ruptura do contato da dupla camada com a prancha de cera, fica retido sobre esta última, sendo ainda legível “sob luz adequada”⁴⁸. Assim, o traço fica

⁴⁷ Hanns, 1996, p. 397.

⁴⁸ Freud, 1925/2007, p. 139.

permanentemente inscrito na prancha, do mesmo modo que os traços mnêmicos ficam permanentemente inscritos no sistema inconsciente, sem sofrer alterações devido à passagem do tempo. Ao final do artigo, o autor conclui: “Penso que esta é a melhor forma de visualizar (*sich vorstellen*) toda a descrição que procurei fazer da função de nosso aparato perceptivo”⁴⁹.

Comparando o uso que Freud faz dos termos *darstellen* e *vorstellen*, Hanns afirma que o último tem “forte apelo visual-plástico”⁵⁰ e significa imaginar algo que já possui forma apreensível, já pode ser representado, já possui alguma inteligibilidade: “pode ser descrito como reevocar imagens obtidas a partir de experiências anteriores e colocá-las em cena”⁵¹. *Darstellen* teria mais o sentido de utilizar o elemento visual ou qualquer elemento sensorial para conferir forma, oferecer inteligibilidade: “Enquanto *darstellen* se trata de constituir ou “produzir” uma imagem, em *vorstellen* se trata de re-produzir uma imagem. [...], poder-se-ia pensar que *darstellen* precede *vorstellen*, ou seja, que primeiro o sujeito terá que constituir/representar (*darstellen*, torná-la visualizável) a ideia, para depois então imaginar/representá-la (*sich vorstellen*, visualizar)”⁵².

Em *A interpretação dos sonhos*, a ênfase da explicação recai sobre as partes que devem constituir o psiquismo para que o percurso dos fluxos excitatórios seja como indicam os sonhos e os fenômenos observados por Freud na clínica. É a partir de uma hipótese sobre o sentido e direção destes fluxos que autor constrói o modelo de um aparelho, uma primeira imagem da tópica psíquica. Já no artigo sobre o bloco mágico, o funcionamento do sistema perceptivo e dos sistemas de memória é pensado em analogia com o funcionamento do brinquedo que dá o título ao texto, ou seja, a imagem do brinquedo é exposta e reevocada quando o psicanalista traça a tríplice analogia entre ele e o aparato anímico. No entanto, nos dois casos, há uma tentativa de dar inteligibilidade a fluxos energéticos e mecanismos de funcionamento que não podem ser apreendidos sem a utilização de certas construções auxiliares.

Em *Apresentação autobiográfica*, o autor explica que a representação do aparelho em instâncias faz parte da “superestrutura especulativa” de sua teoria, enfatizando que os conceitos que compõe esta superestrutura podem ser substituídos se, ao longo do progresso da pesquisa, não forem mais úteis para organizar e facilitar a apreensão do material empírico:

A subdivisão do inconsciente é correlativa à tentativa de conceber (*denken*) um aparelho psíquico edificado a partir de um certo número de instâncias ou de sistemas, cuja relação mútua é expressa em termos espaciais sem que seja procurada, no entanto, uma ligação com a anatomia do cérebro real. (É o chamado ponto de vista *tópico*). Estas representações e outras similares pertencem a uma superestrutura especulativa

⁴⁹ Ibid., p. 141.

⁵⁰ Hanns, 1996, p. 398.

⁵¹ Id.

⁵² Id.

(*spekulativer Überbau*) da psicanálise, onde cada parte pode ser sacrificada ou trocada sem dano nem remorso, a partir do momento em que uma insuficiência é constatada⁵³.

Considerando a indicação de Freud de que o método especulativo foi empregado para elaborar a representação tópica do psiquismo e a importância do elemento visual para conferir inteligibilidade ao aparelho e seus mecanismos de funcionamento, parece ser possível afirmar que tudo se passa como se a especulação entrasse em cena quando a descrição dos fenômenos observados encontra o seu limite, com o objetivo de formular conceitos/modelos/construtos teóricos que ofereçam um fundamento explicativo para a teoria, ultrapassando a descrição e ordenamento dos fatos e conferindo inteligibilidade àquilo que não se pode apreender unicamente através da observação.

Se, por um lado, o recurso à especulação para a construção de imagens, como o modelo de aparelho descrito à maneira de um instrumento ótico com suas lentes, traz algo de incerto, provisório e até mesmo ficcional⁵⁴, por outro, é essencial para que a investigação psicanalítica continue. Neste sentido, Mezan afirma que Freud trava “um combate com o desconhecido”, empregando constantemente “um contraponto imagético que permeia a própria construção dos conceitos”⁵⁵. Acrescenta, ainda, que a representação em imagens dos modelos conceituais constitui a própria essência destes conceitos: “A necessidade de recorrer à expressão figurada não apenas como recurso para facilitar a tarefa do leitor, mas também como procedimento constitutivo da própria ideia que se busca expressar na luta inglória com as palavras”⁵⁶.

*

Outro construto metapsicológico formulado com o recurso da especulação é o conceito de pulsão (*Trieb*). Freud se refere à teoria as pulsões como a “mitologia”⁵⁷ da psicanálise, acrescentando que se trata de “um conceito convencional”, “bastante obscuro”⁵⁸, mas, ao mesmo tempo, indispensável para a teoria.

O termo *pulsão* aparece pela primeira vez nos escritos psicanalíticos em 1905, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, e é explicado pelo autor a partir dos conceitos de fonte, objeto e meta, em um contexto em que ele descreve as etapas de desenvolvimento da sexualidade humana. No entanto, mesmo antes do emprego do termo, Freud refere-se a dois tipos de excitação

⁵³ Freud, 1925/1989, p. 31, grifos do autor.

⁵⁴ Cf. Freud, 1901-1900/2015, vol. 2, p. 626.

⁵⁵ Mezan, 1995, p. 36.

⁵⁶ *Ibid.*, pp. 36-7.

⁵⁷ Freud, 1932/1989, p. 88.

⁵⁸ Freud, 1915/2004, p. 145.

a que o organismo está submetido e que irá descarregar, conforme os mecanismos que regulam o funcionamento do psiquismo— as que provem do exterior, das quais é possível que o indivíduo fuja ou se proteja de alguma maneira e aquelas que se originam no interior do organismo, e o submetem a uma estimulação constante, das quais não é possível escapar. Estas últimas atuam como o fator propulsor do funcionamento do aparelho psíquico.

A partir do estudo da sexualidade na infância, Freud amplia a concepção de pulsão vigente na época, que atribuía a ela uma meta e objeto específicos, além de circunscrever sua ação na excitação e funcionamento dos órgãos genitais. O psicanalista mostra que o objeto da pulsão é, na verdade, variável e é escolhido a partir de particularidades da história do sujeito e que as pulsões possuem metas múltiplas, parciais, estreitamente relacionadas com fontes somáticas de excitação. Freud afirma que a integração das metas parciais, visando à atividade sexual, só pode ocorrer após um processo de maturação biológica do indivíduo.

No artigo metapsicológico de 1915, dedicado exclusivamente à análise do conceito em questão, Freud propõe: “Tentemos dar-lhe um conteúdo (*mit Inhalt zu erfüllen*) a partir de diversos ângulos”⁵⁹.

O primeiro dos “ângulos” escolhido pelo autor é o da fisiologia. Neste ponto, o conceito de pulsão é relacionado com o de estímulo (*Reiz*), segundo o esquema do arco reflexo. O psicanalista explica que o estímulo exterior, quando atinge o tecido vivo da substância nervosa, provoca uma descarga, de modo que é novamente reconduzido para o ambiente, através de uma ação. A pulsão funcionaria como um estímulo deste tipo para o psiquismo, isto é, como uma força que impele, que pressiona e provoca o movimento. No entanto, Freud marca um limite importante para sua analogia: o estímulo é uma força momentânea, age pontualmente, e, segundo o esquema do arco reflexo, é imediatamente descarregado, enquanto que, a pulsão é uma força constante, na medida em que se origina de uma fonte de excitação no interior do organismo. As pulsões chegam ininterruptamente à psique e, após um certo limite de acúmulo energético, são percebidas sob a forma de uma representação, que indica uma necessidade ou urgência. Assim, o sujeito procura livrar-se dessa necessidade através de uma descarga (*Abfuhr*), que culmina na satisfação (*Befriedigung*).

O segundo ponto de vista é o biológico. Para abordá-lo, Freud coloca o conceito de pulsão em relação com quatro termos principais: pressão (*Drang*), meta (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*). A pressão é definida como um fator motor, como o caráter propulsor, que exerce pressão. Trata-se da “exigência de trabalho”⁶⁰ que a pulsão representa. Já a meta de qualquer pulsão é

⁵⁹ Id.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 148.

sempre a satisfação. A satisfação só ocorre quando o estado de estimulação (a fonte pulsional) cessa. Ainda que a meta das pulsões seja sempre a mesma— suspender a fonte de estimulação — os caminhos que conduzem a ela são diversos. Existem, por exemplo, metas intermediárias, que se combinam para alcançar a meta final. O objeto da pulsão é o que proporciona o alcance da meta. Trata-se de um elemento variável, que não é originalmente vinculado à pulsão, mas é acrescentado a ela exatamente por ter a propriedade de cessar sua fonte de estimulação. A fonte da pulsão é o processo somático que ocorre em uma parte do corpo e é representado no psiquismo pela pulsão. Freud alerta para o fato de que as fontes da pulsão não são objeto de estudo da psicologia, já que são processos de “natureza química”⁶¹.

A pulsão, portanto, atinge a esfera psíquica a partir do interior do organismo e o impele a realizar certas ações que provocam uma descarga da excitação gerada pela estimulação. O autor a define como um “conceito-limite” entre o somático e o psíquico, como a representação na vida psíquica de estímulos que têm sua origem no corpo, seja em um órgão ou outra parte, e, por fim, como uma “exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo”⁶².

Freud não elabora, como no caso do aparelho psíquico, um modelo espacial que permita a visualização das hipóteses esboçadas. No entanto, é empreendida a tentativa de olhar para a ação da pulsão em analogia com o efeito causado pela recepção de um estímulo externo, através do auxílio do modelo fisiológico de arco reflexo. Neste caso, também há o emprego da atividade especulativa na tentativa de circunscrever um conceito que se refere a algo cuja inteligibilidade não é, de modo algum, imediata. Mesmo que o artigo citado tenha sido escrito exclusivamente para abordar o conceito de pulsão, é importante notar que Freud não oferece simplesmente uma definição pronta para o termo, mas, antes, procura conferir-lhe “conteúdo”, primeiro a partir de uma perspectiva fisiológica, tomando o modelo do arco reflexo de empréstimo e depois através de um ponto de vista biológico, explicitando o sentido de termos que são utilizados sempre em conexão com o termo “pulsão” (pressão, meta, objeto e fonte). O autor é explícito ao referir-se à nebulosidade de sua teoria pulsional e reconhece, inclusive, que há algo de mítico, ficcional e misterioso na maneira como as pulsões são definidas:

A teoria das pulsões (*Trieblehre*) é, por assim dizer, nossa mitologia (*Mythologie*). As pulsões são entidades míticas (*mytische Wesen*), grandiosas em sua indeterminação (*Unbestimmtheit*). Em nosso trabalho, não podemos desprezá-las, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de as estarmos vendo claramente (*sie scharf zu sehen*). [...] Sempre se nos impôs a suspeita de que, por trás de todas essas pequenas e

⁶¹ Id.

⁶² Id.

numerosas pulsões emprestadas se esconda algo sério e grandioso (*etwas Ernsthaftes und Gewaltiges*), do qual gostaríamos de nos aproximar com cautela⁶³.

Há, portanto, algo por trás daquilo que se pode apreender quando das manifestações pulsionais. A pulsão é um conceito-limite: não pode ser reduzido nem ao de uma energia corporal, nem ao de uma representação ideacional. Sua origem é somática, mas só pode ser apreendida se representada psiquicamente, isto é, só é possível ter acesso ao representante psíquico da pulsão. O fator econômico, o afeto, quando se expressa na consciência já assume o registro de representante, isso significa dizer que é impossível ajustá-lo, enquanto tal, ao domínio discursivo. Conforme alerta o próprio Freud “o estudo da vida pulsional a partir da esfera da consciência oferece dificuldades quase insuperáveis”⁶⁴. A dificuldade do limite se impõe e, desse modo, o autor precisa buscar maneiras de oferecer alguma intelecção de seu construto, abordando-o a partir de diferentes perspectivas, traçando analogias para, de alguma forma, lhe oferecer contorno e conteúdo.

Especulação e metapsicologia

Considerando os exemplos oferecidos, é possível inferir que a especulação é especialmente presente nos escritos metapsicológicos, trabalhos que empreendem a tentativa de oferecer uma fundamentação teórica para a doutrina psicanalítica, ainda que, como vimos, apresentem conceitos que podem ser mais ou menos nebulosos e cujo alcance pode ser relativo e provisório.

Os modelos metapsicológicos, como a tópica psíquica e a pulsão, são elaborações conceituais que podem estar mais distantes ou mais próximas dos fatos clínicos. O conjunto de conceitos que estão para *além* desse material constitui a *teoria metapsicológica* – ou *metapsicologia*. De um lado, estão os fenômenos clínicos e outros dados obtidos empiricamente, dotados de individualidade e, de outro, a teoria, que oferece a explicação acerca do funcionamento psíquico em geral. Laplanche e Pontalis (1982) chamam atenção para a analogia que existe entre os termos *metapsicologia* e *metafísica*, argumentando que, provavelmente, tratou-se de um recurso utilizado por Freud de maneira intencional, para indicar uma série de hipóteses que, com objetivo de preencher certas lacunas explicativas e de sentido, de alguma maneira ultrapassam a observação, estão além dela⁶⁵.

Em *O inconsciente* (1915), o psicanalista define a representação (*Darstellung*) metapsicológica como a apresentação de um processo psíquico em suas relações dinâmicas,

⁶³ Freud, 1932/1989, p. 88.

⁶⁴ Freud, 1915/2004, p. 151.

⁶⁵ Cf. Laplanche e Pontalis, 1982/1994, pp. 284-5.

tópicas e econômicas⁶⁶. Os escritos metapsicológicos seriam, portanto, aqueles que apresentam modelos ou hipóteses levando em conta estes três registros. São os trabalhos que se referem aos “princípios” (*Prinzipien*), “conceitos fundamentais” (*Grundbegriffe*), “modelos teóricos” (*Darstellungen, Fiktionen, Vorbilder*) da psicanálise⁶⁷. O arcabouço conceitual da metapsicologia compreende, como destacamos, o modelo de aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo de recalque, dentre outros.

O ponto de vista econômico se refere à hipótese de que os processos psíquicos consistem na circulação, pelo aparelho anímico, de um montante de energia quantificável, que pode aumentar, diminuir ou permanecer constante. Nas palavras do próprio Freud: “[...] uma perspectiva que visa acompanhar o destino das quantidades de excitação e busca, ao menos aproximativamente, estimar as magnitudes dessas quantidades”⁶⁸. De acordo com Laplanche e Pontalis, a utilização deste ponto de vista na explicação metapsicológica cumpre uma exigência que não é apenas teórica, decorrente da montagem de um aparelho “inteiramente impregnado por noções energéticas”⁶⁹, mas é também imposta pela experiência clínica como, por exemplo, através da constatação do caráter irreprímível do sintoma neurótico, do alívio do sintoma através da ab-reação, da associação entre uma representação que provoca pouca ou nenhuma reação afetiva com outra representação, aparentemente inofensiva, mas que provoca reação afetiva intensa.

A hipótese econômica também se relaciona com o modelo de aparelho psíquico, da maneira como foi elaborado por Freud no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Quando o autor descreve o funcionamento do aparato, explica que deve ser um dispositivo que possui a função de manter a quantidade que nele circula constante ou no nível mais baixo possível. Essa elaboração supõe a distinção entre dois tipos de elementos na vida psíquica: a representação e a quantidade (*quantum* de afeto). A quantidade circula pelas cadeias associativas e é suscetível de investir ou não uma determinada representação. Assim, o funcionamento do aparelho pode ser apreendido a partir de descritores econômicos como investimento, desinvestimento, contra investimento, sobre investimento, etc.

O ponto de vista dinâmico permite a compreensão de que os processos psíquicos são resultantes de um conflito entre forças psíquicas que pressionam em direções opostas, nas palavras do próprio autor “... a [clivagem do psiquismo] explicamos dinamicamente pelo conflito de forças psíquicas que se opõe e nela reconhecemos o resultado de uma luta ativa dos dois agrupamentos

⁶⁶ Cf. Freud 1915/2006, p. 33.

⁶⁷ Cf. Laplanche e Pontalis, 1982/1994, p. 285.

⁶⁸ Freud 1915/2006, pp. 32-3.

⁶⁹ Laplanche e Pontalis, 1982/1994, p. 121.

psíquicos, um contra o outro”⁷⁰. A perspectiva dinâmica é especialmente importante na explicação freudiana na medida em que é a hipótese do conflito entre forças opostas que pode explicar a produção dos sintomas e de outros atos psíquicos que podem ser verificados na clínica.

O ponto de vista tópico refere-se ao fato de que o psiquismo possui uma diferenciação em certo número de sistemas ou instâncias, que possuem funções e características distintas e que guardam uma relação espacial entre si, podendo, portanto, ser representado espacialmente, através de um modelo que indica tais lugares. Apesar das teorias dos anatomistas e fisiologistas da segunda metade do século XIX, que pretendiam traçar uma correspondência entre determinados tipos de representação e localizações cerebrais, é importante enfatizar que as formulações de Freud sobre a tópica psíquica nunca caminharam no sentido desta correspondência.

As formulações metapsicológicas permitem que a psicanálise deixe de ser apenas um método de tratamento das psicopatologias, um instrumento de intervenção, e passe a ser também uma teoria explicativa dos processos psíquicos, normais e patológicos. Para Freud, com a metapsicologia, sua doutrina adquire o estatuto de uma “psicologia das profundezas”, o que culmina, inclusive, numa abertura de seu campo de aplicação para outras disciplinas. Nas palavras do próprio autor:

Nossa primeira intenção foi, de fato, compreender as perturbações da vida da alma humana, uma notável experiência que mostrou ser a compreensão e a cura quase coincidentes, que uma prática levava à outra. Essa foi, durante um longo tempo, nossa única intenção. Mas, em seguida, reconhecemos as relações próximas e, mesmo a identidade interna, entre os processos patológicos e os processos ditos normais; a psicanálise tornou-se psicologia das profundezas, e como nada do que os homens criam ou fazem é compreensível sem a ajuda da psicologia, as aplicações da psicanálise a numerosos domínios do saber, em particular aqueles das ciências do espírito, produzem-se por elas mesmas, impõem-se e exigem elaboração⁷¹.

A psicanálise não é uma visão de mundo (*Weltanschauung*)

Há, portanto, lugar para a especulação na elaboração dos conceitos psicanalíticos, mas não se trata de especulação baseada em pressupostos fundamentais incontestáveis, destacados da experiência e que se sobrepõem a ela, como ocorre, para Freud, com a filosofia. Para o autor, os sistemas filosóficos são visões de mundo (*Weltanschauungen*)⁷². Em sua concepção, a doutrina psicanalítica, como qualquer outra disciplina científica, precisa lançar mão da especulação para que seja possível apreender o campo fenomênico, para organizar o material empírico e avançar na

⁷⁰ Freud, 1909/1989, p. 88.

⁷¹ Freud, 1933/1989, p. 134.

⁷² Freud, 1933/1989, p. 146.

investigação, mas, os conceitos especulativos estão sempre abertos à revisão, sempre podem ser e são substituídos ao longo do progresso da pesquisa, se a experiência impuser esta necessidade.

Em *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914), o autor introduz o conceito de narcisismo, a partir de uma perspectiva energética, que revela a existência de um investimento libidinal primário e permanente do Eu. No momento em que surge o questionamento sobre um possível enfraquecimento da distinção entre libido sexual, que investe os objetos, e uma energia não-sexual, referente às pulsões do Eu, o autor faz as seguintes considerações:

É verdade que noções como a de uma libido do Eu, energia pulsional do Eu e outras não são nem claramente apreensíveis, nem suficientemente ricas em seu conteúdo; assim uma teoria especulativa a respeito das relações em questão teria sobretudo por meta formular conceitos rigorosamente delimitados que lhes servissem de fundamento. Todavia, acredito ser essa a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência construída sobre a interpretação de dados empíricos. Esta última não invejará da especulação o privilégio de uma fundamentação impecável e logicamente inatacável. Ao contrário, a ciência se dará por satisfeita com ideias básicas, nebulosas e ainda difíceis de visualizar, sempre, porém, com a esperança de mais adiante, no decorrer de seu desenvolvimento, vir a apreender tais ideias com mais clareza, mostrando-se ainda disposta a eventualmente trocá-las por outras.⁷³

De imediato, verifica-se que Freud marca uma diferença importante entre uma teoria especulativa e uma ciência, ao contrário de outros trechos selecionados anteriormente em que o autor parece aproximar a especulação da atividade científica. No entanto, é possível pensar que a diferença que está sendo, de fato, colocada em evidência é entre uma teoria edificada em pressupostos puramente especulativos, “inatacáveis” e rígidos diante do campo da experiência e o método científico que, ainda que utilize da especulação em momentos estratégicos, funda seus alicerces na observação e interpretação dos dados que são obtidos empiricamente e não “inveja” uma “fundamentação impecável e logicamente inatacável”, isto é, não pretende que seus fundamentos sejam estabelecidos de maneira definitiva e desde o princípio claramente delimitados.

O autor continua o texto aproximando, mais uma vez, a psicanálise das ciências naturais já consolidadas, retomando, novamente, o exemplo da física e deixando claro que não é possível esperar de uma ciência que ela ofereça um sistema explicativo fechado e definitivo, precisamente pelo fato de que é fundada na observação dos fenômenos:

Afinal, o fundamento da ciência não são essas ideias, mas sim a observação pura sobre a qual tudo repousa. Elas não são a base, mas o topo do edifício, e podem, sem prejuízo, ser substituídas e removidas. Atualmente, vivemos a mesma situação na física, cujas concepções básicas sobre matéria, centros de força, atração e outros não são menos questionáveis do que as concepções correspondentes na psicanálise⁷⁴.

⁷³ Freud, 1914/2004, p. 100.

⁷⁴ Id.

Nas *Novas Conferências de Introdução à Psicanálise* (1933), na conferência XXXV, intitulada *Sobre uma visão de mundo*, Freud afirma que a teoria psicanalítica não pode oferecer uma visão de mundo unitária, mas, deve, antes, tratar de seus problemas dentro da perspectiva do que caracteriza como uma visão de mundo científica naturalista: “Como ciência especializada, ramo da psicologia— psicologia das profundezas ou psicologia do inconsciente—, ela é completamente imprópria para formar uma visão de mundo que lhe seja própria, é-lhe necessário admitir a visão de mundo da ciência”⁷⁵.

O autor segue explicando que uma visão de mundo é uma construção intelectual, que pretende resolver, dentro de seu sistema, todos os problemas “de nossa existência”⁷⁶, a partir de sua hipótese, que funciona como um pressuposto fundamental, um ponto de partida que é assumido. Desse modo, nenhuma questão permanece em aberto, e não há espaço para reformulações, para o questionamento de seus princípios fundadores. É o que ocorre, dirá Freud, não só com a filosofia, mas também com a religião. Para ele, uma visão de mundo tem, portanto, três características principais: seu aspecto de sistema, isto é, se resolve em si mesmo e permanece fechado a reformulações; seu aspecto abrangente, na medida em que pretende dar conta de tudo o que se refere ao seu objeto e, por fim, seu aspecto arbitrário, por partir de uma suposição fundamental que não precisa ser verificada através de qualquer critério, desde que se acredite nela. A premissa é sustentada apenas pela crença sendo, portanto, autoevidente e daí derivam seus aspectos sistemático e abrangente. Já que todo o discurso de uma visão de mundo é assentado sobre uma premissa fundamental, faz-se necessário eliminar a possibilidade de questioná-la ou de questionar seus corolários, imprimindo rigidez ao conjunto de proposições que o constitui.

Freud identifica as diferenças existentes entre a ciência psicanalítica e os sistemas teóricos, referindo-se à filosofia:

A psicanálise não é um sistema, como o da filosofia, que parte de alguns conceitos fundamentais, rigorosamente definidos, com os quais ela procura apreender o universo e depois, uma vez acabado, não dispõe mais de espaço para novas descobertas e melhores maneiras de ver. Ela se liga, preferencialmente, aos fatos de seu domínio de trabalho, procura resolver problemas imediatos da observação, avança tateando na experiência, é sempre inacabada, sempre pronta a mudar ou modificar suas doutrinas⁷⁷.

A incompletude e parcial indeterminação dos conceitos psicanalíticos, sempre passíveis de modificação, distancia, portanto, a doutrina psicanalítica de um sistema filosófico. Para o autor, a

⁷⁵Freud, 1933/1989, p. 146.

⁷⁶ Id.

⁷⁷ Freud, 1923/1989, p. 249.

diferença entre um discurso sistêmico e o discurso científico não se refere exclusivamente ao método de investigação que é empregado, mas, antes, recai sobre a completude e rigidez do conjunto de proposições os constituem:

A filosofia não se opõe à ciência, comporta-se como uma ciência e, em parte, trabalha com os mesmos métodos; diverge, porém, da ciência, apegando-se à ilusão de ser capaz de apresentar um quadro do universo que seja sem lacunas e coerente, embora tal quadro esteja fadado a ruir ante cada novo avanço em nosso conhecimento. Perde o rumo com seu método de superestimar o valor epistemológico de nossas operações lógicas e, talvez, admitindo outras fontes de conhecimento, como a intuição. E muitas vezes parece que não é injustificado comentário do poeta (H. Heine) quando diz acerca do filósofo: “*Mit seinen Nachtmützen und Schlafrockfetzen Stopft er die Lücken des Weltenbaus*”⁷⁸.

É possível verificar que as características que Freud atribui às *Weltanschauungen* são as muito semelhantes àquelas que utilizou para qualificar as *Geisteswissenschaften* em *Apresentação autobiográfica*⁷⁹. Para o autor, ambos os discursos se constituem como construções intelectuais sistemáticas, exigem conceitos precisamente delimitados e suas premissas fundamentais não estão abertas a questionamentos e modificações, aspectos que os diferenciam da psicanálise ou de qualquer disciplina que se pretenda científica.

Ao alinhar a sua perspectiva com a visão de mundo da ciência, Freud não pretende assumir um certo conjunto de pressupostos que, a exemplo do que ocorre com os discursos sistêmicos, procuram dar conta dos problemas do mundo, de fornecer um entendimento ou solução dos problemas em termos universais. Há uma diferença crucial entre o psicanalista definiu como sendo uma visão de mundo e o terreno sob o qual se assenta a prática científica: para a ciência a compreensão dos problemas do mundo é uma diretriz, mas sempre projetada para o futuro. Nas suas próprias palavras:

[...] a visão de mundo científica se distancia notavelmente de nossa definição. A natureza unitária da explicação do mundo é, a bem dizer, igualmente admitida por ela, mas somente enquanto um programa, cuja realização se encontra deslocada para o futuro. Afora isso, ela se distingue por seus caracteres negativos, pela restrição ao que se pode atualmente saber e pela recusa definitiva de certos elementos que lhe são estrangeiros. Ela afirma que não há outra fonte para o conhecimento do mundo que a elaboração intelectual de observações cuidadosamente verificadas, que se chama pesquisa, sem que haja, por outro lado, conhecimento por revelação, intuição ou adivinhação⁸⁰.

Assim, Freud refere-se à visão de mundo científica não como um sistema, já que a completude de suas explicações ou, mais precisamente, “a natureza unitária da explicação do mundo” aparece como um ideal, uma ideia diretora ou um projeto para o futuro.

⁷⁸ Ibid., p. 148. Tradução: “Com seu gorro de dormir e os andrajos do pijama, ele tapa os buracos do edifício do universo”.

⁷⁹ Cf. p. 4 deste trabalho.

⁸⁰ Ibid., p. 146-7.

A elaboração da psicanálise é, de acordo com o autor e como foi possível verificar examinando a formulação dos construtos metapsicológicos da pulsão e do aparelho psíquico, tateante, hesitante, em que uma obscuridade inicial é aceita, para que seja possível a busca contínua da inteligibilidade dos problemas que pretende abordar. O processo de observação dos fenômenos e elaboração intelectual dos dados observados vai, aos poucos, proporcionando à teoria uma melhor definição e clareza de seus conceitos fundamentais.

Conclusão

O conjunto de trabalhos classificados por Freud como metapsicológicos oferecem um fundamento teórico para a doutrina psicanalítica. De acordo com a maneira como o próprio autor caracteriza uma ciência, a psicanálise precisa de um fundamento explicativo, que só pode ser alcançado se, em alguma medida, os fatos empíricos forem ultrapassados na elaboração dos conceitos. Como Freud retoma em diversos momentos distintos que foram destacados, ocorre na psicanálise o que ocorre com qualquer outra *Naturwissenschaft*: no início da pesquisa é necessário formular e manipular conceitos mais ou menos nebulosos, cujo alcance não se encontra precisamente definido e cujos contornos adquirem maior precisão na medida em que são confrontados com a experiência novamente e refutados ou confirmados neste processo. Neste contexto, há espaço para a atividade especulativa, especialmente nos trabalhos que são essencialmente teóricos, chamados de metapsicológicos, que, como destacamos, procuram explicar os processos psíquicos, normais ou patológicos, segundo os pontos de vista tópico, dinâmico e econômico.

Se, por um lado, a especulação tem lugar na elaboração de qualquer teoria que pretenda estabelecer uma conexão causal entre dados empíricos, por outro, é preciso reconhecer que o objeto de investigação da psicanálise, a saber, os processos psíquicos inconscientes, impõe a dificuldade de sua apreensão pelo discurso. O inconsciente se furta à fenomenalidade, é possível ter acesso apenas aos seus efeitos sobre a consciência. Os modelos teóricos/construtos metapsicológicos, construídos com o auxílio da atividade especulativa, são representações capazes de oferecer alguma inteligibilidade a estes processos, como mostramos que ocorre com a representação da tópica psíquica e com o conceito de pulsão.

Capítulo II: *Os modelos de aparelho psíquico de 1895 e 1900*

O objetivo deste capítulo é acompanhar as montagens do aparelho psíquico delineadas por Freud na primeira parte do *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900). Guardadas as diferenças entre a linguagem utilizada pelo autor nos dois textos, é possível verificar que, nas duas ocasiões, Freud recorre ao modelo mecânico de explicação, referindo-se ao fluxo de quantidades, ou diferença entre repouso e movimento, transmitidas de um para outro elemento no interior deste aparelho, estabelecendo as relações de causa e efeito que regem seu funcionamento. O recurso ao modelo biológico de explicação também é utilizado pelo psicanalista nestes trabalhos para referir-se à evolução e ao desenvolvimento dos elementos que compõem o aparato, responsáveis pelo refinamento de seu modo de funcionamento, visando à adaptação. Porém, é em *Além do princípio de prazer* (1920) que o modelo biológico de explicação ocupa o primeiro plano, ocasião em que o psiquismo é pensado a partir de uma perspectiva evolutiva, desde a sua origem, como veremos no Capítulo III.

O esquema do sistema de neurônios em *Projeto para uma psicologia científica*

Em *Projeto para uma psicologia científica*, Freud inicia suas formulações sendo bastante explícito quanto ao seu objetivo: “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais capazes de serem especificadas”⁸¹, para formular uma psicologia precisa e livre de contradições, cujos conceitos fundamentais são os de quantidade e neurônio.

O autor define a quantidade (Q) como uma diferença entre a atividade e o repouso, e o neurônio como uma partícula material, que pode ser ocupada por uma certa quantidade. Estes dois elementos são regidos por um princípio, caracterizado como o “fundamento da atividade nervosa”⁸²: o princípio da inércia neuronal, segundo o qual o neurônio aspira a libertar-se da quantidade, a descarregá-la. Freud acrescenta que é segundo este princípio que procurará estabelecer a arquitetura, desenvolvimento e desempenho (*Leistung*) do sistema de neurônios.

É, portanto, partindo do princípio da inércia que se inicia a construção do aparelho psíquico, identificado pelo autor ao sistema nervoso. Se os neurônios aspiram à descarga e as quantidades são consequências das excitações provenientes de estímulos, uma parte do construto deve ser destinada à recepção destes estímulos (parte sensorial), enquanto que, a outra deve ser responsável

⁸¹ Freud, 1895/2003, p. 175.

⁸² *Ibid.*, p. 176.

por anular, através de uma descarga motora, a diferença entre repouso e movimento que foi causada pela excitação (parte motora). Um primeiro esquema está montado: “O princípio [da inércia] dá o motivo para o movimento reflexo”⁸³. Freud explica que o sistema nervoso, concebido neste estágio, que caracteriza como primário, ao adquirir a quantidade a partir de sua extremidade sensorial, lhe transmite, através de ligações, para a parte motora, para conservar-se, assim, sem estímulos. Neste primeiro momento de apresentação do aparelho, ele é descrito como um sistema sensório-motor, que procura livrar-se das quantidades que lhe acometem. Trata-se de um aparelho sem vida, e seu modo de funcionamento é apresentado com a utilização do modelo mecânico de explicação: o movimento é transmitido de um elemento a outro, até a descarga. No entanto, ao caracterizar como “primário” tal estágio de funcionamento, o autor oferece indicações de que pretende abordá-lo através de uma perspectiva desenvolvimentista, de modo que, ao lado do modelo mecânico, haverá lugar também para o modelo biológico.

Freud segue explicando que, a partir desta função primária, desenvolve-se uma função secundária: os caminhos pelos quais ocorre a eliminação da quantidade são conservados e tornam-se caminhos prioritários para a passagem da excitação, garantindo a imobilidade do sistema, isto é, a anulação da diferença entre repouso e movimento, imprimida pela afecção por estímulos. De acordo com Gabbi Jr. (2003), em *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*, ao acrescentar a função secundária ao funcionamento do aparelho psíquico, Freud não só utiliza simultaneamente dois modelos explicativos– o mecânico e o biológico– como também constrói um raciocínio aparentemente circular: a função primária do sistema abre o ensejo para o aparecimento da função secundária, ao mesmo tempo em que a função secundária garante a descarga através da conservação de caminhos, isto é, permite que a função primária se exerça: “Para que o sistema nervoso primitivo mantivesse sua imobilidade foi preciso construir caminhos de eliminação; uma vez constituídos, eles permitem manter a imobilidade do sistema”⁸⁴.

Ainda que seja evocado como fundamento da constituição e funcionamento do aparelho psíquico, o princípio de inércia é, de acordo com o psicanalista, “violado”⁸⁵ desde o início, segundo uma outra relação, que surge com o aumento da complexidade do sistema que está sendo apresentado: a recepção de estímulos endógenos, provenientes do próprio interior do corpo, caracterizados como as necessidades impostas pela vida (*Not des Lebens*) – a fome, a respiração e a sexualidade. A fuga do estímulo, realizada por uma descarga motora, é insuficiente para livrar o

⁸³ Id.

⁸⁴ Gabbi Jr., 2003, pp. 29-30.

⁸⁵ Cf. Freud, 1895/2003, p. 176.

aparelho da quantidade quando a fonte de estimulação é endógena⁸⁶. Estes só cessam caso ocorra uma determinada modificação no mundo externo, por exemplo, no caso da fome, o carecimento de alimento. A esta alteração, Freud dá o nome de *ação específica*⁸⁷.

Para realizar a ação específica, é necessário que o sistema possa suportar estar ocupado por uma determinada quantidade, com o objetivo empregá-la com esta finalidade, sendo, portanto, coagido a “violiar” sua tendência originária para a inércia. Assim, se não fosse atingido por estímulos internos, o sistema nervoso funcionaria exclusivamente segundo o princípio da inércia, conforme o modelo sensório-motor, esboçado em primeiro lugar pelo autor. No entanto, com as excitações impostas pelas necessidades da vida, coloca-se um outro princípio— o de constância— segundo o qual o sistema, ainda que conserve sua tendência à inércia, deve ser capaz de manter-se ocupado por uma certa quantidade, que seja tão baixa quanto possível, mas permita a realização da ação específica, pois, sem esse recurso, pereceria.

Gabbi Jr. afirma que o esboço do aparelho psíquico pensado segundo o esquema do arco reflexo se aproxima de uma ficção teórica, que tem como propósito conferir inteligibilidade à busca pela imobilidade ou, em outros termos, à tendência ao princípio de inércia:

O princípio de inércia, totalmente entendido em analogia com algo mecânico [...] indica, como já assinalamos, a ausência de variação na quantidade de movimento de um suposto objeto que estaria em repouso absoluto. Ora, todo objeto existente, como Freud defende, está em movimento. Por conseguinte, o princípio aplica-se a um objeto fictício. Sua função teórica é assinalar a prioridade da quantidade externa sobre a interna⁸⁸.

Assim, quando o sistema nervoso real, capaz também de produzir estímulos e não apenas recebê-los, é levado em consideração, é impossível concebê-lo em um estado de completa imobilidade, ou regido exclusivamente pela tendência ao repouso absoluto, uma vez que é não apenas acometido por quantidades (Q), mas também as produz ($Q\eta$), ao mesmo tempo em que busca anulá-las.

Para dar conta de explicar como pode ocorrer a conservação de uma determinada Q no interior do sistema, Freud inicia a segunda seção do *Projeto...* tratando do segundo pressuposto principal da exposição: o de que os neurônios são partículas materiais. Ele explica que o aparelho psíquico é composto por neurônios de constituição idêntica, que estão em contato uns com os outros, acabando uns nos outros, como partes de um tecido.

O neurônio pode estar ocupado com Q , que recebe pelo corpo celular e conduz para a eliminação pelo cilindro do eixo, ou vazio. Uma vez postulada a função secundária do aparelho, é

⁸⁶ Freud denota como Q a quantidade de origem externa e $Q\eta$ a quantidade de origem interna.

⁸⁷ Ibid., p. 177.

⁸⁸ Gabbi Jr., 2003, p. 35.

necessário supor, também, que haja alguma resistência à condução da quantidade que possibilite algum armazenamento. Neste ponto, Freud supõe a existência de *barreiras de contato*⁸⁹ caracterizando estes locais como espaços em que a condução atravessa um meio indistinto, indiferenciado, diferente do caminho que percorre no interior do neurônio.

A suposição da existência das barreiras de contato prefigura, portanto, uma diferenciação causada na matéria neuronal pela passagem da quantidade. Essa diferenciação facilita a passagem de Q , em conduções posteriores. A ideia que se delineia é a de uma alteração que se conserva, o que oferece ocasião para a representação da faculdade da memória, cuja característica principal é justamente a capacidade de conservar experiências.

O autor observa que, se por um lado, o tecido nervoso possui a capacidade de alterar-se de maneira definitiva, por outro, precisa ainda estar apto para receber novas excitações e passível de modificações posteriores. A montagem do sistema exige que seus elementos possam ser influenciados e também que permaneçam inalterados para a recepção de novos estímulos. A solução encontrada por Freud para o impasse é supor que existem duas classes de neurônios e que cada uma delas responde por uma função: as células perceptivas— ϕ , responsáveis por receber novos estímulos, e as células recordativas— ψ , que retêm permanentemente alterações.

Unindo a ideia das duas classes de partículas, com funções distintas, à hipótese da existência de barreiras de contato entre elas, o psicanalista supõe que as células perceptivas deixam a quantidade passar mais facilmente, como se tais barreiras não oferecessem qualquer resistência, o que permite que, após curso excitativo, permaneçam no mesmo estado do que o anterior. Enquanto que, para as células recordativas, as barreiras de contato assumem o papel de deixar a quantidade passar com dificuldade, apenas parcialmente, retendo uma parcela desta excitação e modificando-se por ela. Os neurônios ϕ seriam, portanto, permeáveis à Q , não opõem resistência a sua passagem e dela nada retêm. Já os neurônios ψ são impermeáveis à Q , resistem a sua passagem, permitindo que apenas uma parcela de seu montante escoe.

A classe de neurônios ψ representa, portanto, a memória, é caracterizada como impermeável e passível de modificação pelo percurso da quantidade. Seguindo um modelo mecânico de explicação, esta modificação causa uma maior capacidade condutiva de suas barreiras de contato, pois, na medida em que retêm uma parcela de Q , aumenta-se a probabilidade de que a quantidade volte a percorrer este caminho quando os elementos do sistema forem novamente excitados. Freud explica que, na passagem da quantidade, quando um caminho é escolhido em

⁸⁹ Cf. Freud, 1895/2003, p. 178.

detrimento de outro, diz-se que *o grau de facilitação*⁹⁰ do primeiro é maior do que o grau de facilitação do segundo.

O psicanalista alerta para o fato de que, ao supor as duas classes de neurônio, não pretende defini-las por uma diferença fundamental nas suas condições funcionais⁹¹. Acrescenta que não seria legítimo fazê-lo já que, até o momento, não há pesquisas que indiquem que tal distinção possa ser sustentada histológica ou morfológicamente. Ao que se deve, então, atribuir a diferença de permeabilidade existente entre as partículas dos sistemas ϕ e ψ ? Freud afirma que deve explicá-la, como é de praxe no caso de qualquer objeto natural⁹², a partir de seu desenvolvimento biológico:

De onde mais se deve retirar um fundamento para essa divisão em classes? Se possível, do desenvolvimento biológico do sistema nervoso, que é para o investigador da natureza, como todas as outras coisas, algo que se forma gradualmente. Deseja-se saber se as duas classes neurônicas poderiam ter tido um significado biológico distinto e, se sim, por meio de que mecanismos foi-lhes permitido desenvolver suas características distintivas de permeabilidade e impermeabilidade⁹³.

Acrescenta ainda: “Naturalmente, o mais satisfatório seria se o mecanismo procurado resultasse, ele mesmo, do papel biológico primitivo [das duas classes neurônicas], pois teríamos solucionado duas questões com uma resposta”⁹⁴.

A hipótese sobre a diferenciação neuronal envolve não apenas o modelo explicativo mecânico, ao atribuir o processo de diferenciação à magnitude de Q que percorre os neurônios, mas também o modelo biológico, na medida em que leva em consideração os antecedentes genéticos dos sistemas, seu desenvolvimento e evolução ao longo tempo. Nesse percurso, a frequência com a qual é percorrido pela quantidade, dá a ideia de um aproveitamento biológico atual de uma experiência anterior, que se mostrou efetiva segundo a finalidade do escoamento da quantidade.

A consideração das quantidades na produção da diferença de permeabilidade implica em uma hipótese sobre a localização dos sistemas. O raciocínio é fundado na suposição de que as quantidades de estímulo que chegam do mundo externo aos neurônios devem ser de maior magnitude do que as excitações que são geradas internamente. Freud afirma, com o respaldo da física⁹⁵, que o mundo externo é a origem das grandes quantidades de energia, responsáveis por imprimir movimento na matéria. Desse modo, os sistemas ϕ , como são permeáveis, seriam aqueles

⁹⁰ Ibid., p. 179.

⁹¹ Freud, 1895/2003, p. 181-2.

⁹² Ibid., p. 182.

⁹³ Id.

⁹⁴ Id.

⁹⁵ Cf. Freud, 1895/2003. p. 183.

aos quais chegam os estímulos oriundos do ambiente; os sistemas ψ , por serem impermeáveis, estariam localizados mais ao interior do corpo:

Cabe, então, conjecturar que as quant[idades] que chegam até os neurônios ϕ sejam tais que a resistência das barreiras de contato contra elas não seja levada em conta, mas que as quant[idades] que chegam até os neurônios ψ sejam da ordem de magnitude dessa resistência. Assim, um neurônio ϕ tornar-se-ia impermeável e um neurônio ψ permeável, se pudéssemos trocar sua tópica e ligações; mas manteriam suas características, visto que o neurônio ϕ só estaria em conexão com a periferia, e o neurônio ψ apenas com o interior do corpo. A diferença de essência é substituída por uma de destino e de localização.⁹⁶

Freud vai ainda mais longe e identifica o sistema de neurônios ϕ à substância cinzenta da medula espinhal, por ser o único em contato com o mundo externo, e os neurônios ψ , a um sistema superposto a este último, a substância cinzenta do cérebro, que não apresenta ligações diretas com a musculatura, mas que é responsável pelo desenvolvimento do sistema nervoso e das funções psíquicas. Essa suposição se ajusta ao fato de que os sistemas ψ são aqueles que se multiplicam e se desenvolvem e que armazenam Q .

O modelo mecânico permite pensar o espaço psíquico em função das quantidades que o percorrem. Como Q é maior na área externa, a periferia do sistema recebe quantidades maiores do que as resistências impostas por suas barreiras de contato, fazendo com que os neurônios sejam totalmente permeáveis. Mas Q vai diminuindo na medida em que penetra no aparelho e, quando alcança o sistema ψ , possui magnitude igual a resistência oferecida por suas barreiras de contato, e não pode mais escoar livremente. É possível perceber que toda a explicação sobre as diferentes funções neuronais se fundamenta sobre o percurso da quantidade, a suposição sobre a localização do sistema também ocorre de acordo com a magnitude da quantidade nele presente. Gabby Jr. chama atenção para o alcance da hipótese freudiana de que as quantidades de estímulo chegadas na periferia do sistema nervoso são de ordem mais elevada do que a quantidade endógena:

[...] permite descrever mecanicamente o modo de funcionamento de ϕ e ψ , pois recorre apenas a diferenças quantitativas que são, por sua vez, função da localização anatômica destes sistemas. O sistema nervoso é construído de modo a limitar progressivamente a diferença entre repouso e movimento quando é percorrido na direção da periferia para o seu interior⁹⁷.

No entanto, o modelo biológico também é utilizado pelo autor para dar conta de explicar o mecanismo de funcionamento do aparelho que está sendo construído. Como foi destacado, quando é trazida a questão da produção de excitações internas, a regulação exclusiva pelo princípio de inércia torna-se insuficiente e o aparelho psíquico precisou apoiar-se em um armazenamento de Q

⁹⁶ Ibid., p. 183.

⁹⁷ Id.

que, ainda seguindo a tendência à inércia, deve ser o menor possível. Para fazê-lo é necessário que haja uma determinada gama de neurônios que sejam impermeáveis à passagem das quantidades, papel cumprido pelos sistemas ψ . Assim, a função da memória relaciona-se estreitamente com um mecanismo adaptativo do sistema, resultante de seu desenvolvimento. Nas palavras de Gabbi Jr.:

A tese evolutiva, segundo a qual a memória resulta de um mecanismo adaptativo a uma modificação introduzida pela geração de uma quantidade interna, é anunciada com todas as letras. A exigência de um armazenamento (devida à fome, à necessidade da vida) obriga ao abandono da tendência à inércia. Com isso, torna-se necessário o aparecimento de neurônios impermeáveis, resultantes da transformação de parte dos neurônios ϕ em ψ . A primeira tentativa de resolver o problema da diferença está baseada, por conseguinte, no modelo biológico. Se o organismo tratar as recordações como se fossem percepções – ou seja, se não obedecer à exigência de um armazenamento quantitativo – ele perecerá.⁹⁸

A diferenciação surge da necessidade de um armazenamento mínimo e é explicada pela magnitude da quantidade que acomete o sistema, isto é, de acordo com o modelo mecânico. A memória é desenvolvida como um mecanismo adaptativo gerado pela necessidade de lidar com os estímulos internos e, portanto, explicada também segundo o modelo biológico.

Após construir os sistemas ϕ e ψ e explicar seu funcionamento em razão das quantidades que os percorrem e de seu processo de desenvolvimento, visando à adaptação, Freud, ao avançar na montagem do sistema psíquico, defronta-se com o problema das qualidades que conhecemos através da consciência. O autor define as qualidades como sensações diversas, cuja diversidade produz-se de acordo com relações que se estabelecem entre o aparelho e o mundo externo. Esta diversidade não compreende quantidades, mas sim séries, similaridades, etc. A pergunta que se coloca é: como e onde se originam as qualidades?

O autor lembra que a origem das qualidades não pode ser atribuída ao mundo externo sem violar os preceitos naturalistas, segundo os quais o mundo é composto por matéria e quantidades. A única saída é responsabilizar o próprio aparato anímico por sua produção. No entanto, as qualidades não podem ocorrer nos sistemas ϕ , já que tal suposição seria contraditória à hipótese de a consciência está localizada nos níveis mais elevados do sistema nervoso e não na periferia do mesmo. Resta o sistema ψ ; mas sabe-se que as lembranças e recordações são desprovidas de qualidade, caso contrário, seriam alucinações. A única estratégia vislumbrada pelo psicanalista é supor a existência de um terceiro sistema neurônico, ao qual dá o nome de ω . Tal sistema, ao ser percorrido pelas quantidades, seria capaz, segundo mecanismos que precisam ser desvendados, de oferecer à consciência suas qualidades sensoriais.

Freud acrescenta que, de acordo com a ciência natural, o mundo pode ser apreendido apenas como matéria e quantidade. Assim, se percebemos qualidades, a arquitetura do sistema

⁹⁸ Gabbi Jr., 2003, p. 38.

nervoso deve indicar mecanismos que sejam capazes de transformar as quantidades externas em sensações. Em outros termos, as qualidades não estão nas coisas, não são propriedades inerentes às coisas, mas são, antes, predicados que atribuímos às coisas, em função de certos efeitos que elas causam sobre nós.

Seguindo a ideia da organização do aparelho pelas diferenças quantitativas que percorrem os sistemas, o psicanalista afirma que as quantidades que ocupam as partículas ω são ainda menores do que as que se encontram nos sistemas ψ e, fundamentando-se nesta ideia, acrescenta, que a qualidade se produz onde Q estiver no máximo de interrupção⁹⁹, o que não quer dizer que esteja ausente. Apesar da especificidade de realizar sensações conscientes, em ω os neurônios só podem estar ocupados e seguir a tendência ao princípio de inércia, como no resto do aparelho, sob a pena de violar os dois postulados principais que orientam a montagem do sistema.

Mas, se em ω os neurônios são ocupados por quantidades ainda menores do que em ψ , conseqüentemente eles teriam que ser ainda mais impermeáveis do que as partículas deste sistema. No entanto, em ω , as partículas neuronais apresentam todas as características que indicam uma total permeabilidade e facilitação, pois as sensações conscientes são inconstantes e sugerem uma facilidade de ligação entre qualidades simultaneamente presentes.

O autor explica que, até o momento, considerou apenas o aspecto quantitativo do movimento neuronal, sem, no entanto, ocupar-se do fator temporal das trajetórias. O tempo que transcorre para que o movimento de uma partícula volte a se repetir chama-se período. Freud supõe que a resistência das barreiras de contato se efetivem no momento da transferência de Q , mas que o período do movimento neurônico se propague sem qualquer interferência de tais barreiras. Pensando nas características atribuídas ao sistema ω à luz do fator temporal que engendra o percurso das quantidades pelo aparelho, é formulada a hipótese de que os neurônios ω se apropriam do período de excitação na passagem da quantidade, mesmo com o mínimo preenchimento por Q , e enquanto afetados desta maneira, oferecem as sensações conscientes. A consciência é, portanto, entendida como afecção pela periodicidade do movimento. Nas palavras do autor:

[...] os neurônios ω são incapazes de receber $Q\eta'$, e, em compensação, apropriam-se do período de excitação, e este seu estado de afecção pelo período, desde um mínimo preenchimento de $Q\eta'$, é o fundamento da consciência. [...] As divergências, segundo este período psíquico próprio, chegam à consciência como qualidades.¹⁰⁰

A diversidade das sensações produzidas é explicada pelas diferenças de período que afetam ω , resultante da submissão dos fluxos excitatórios a tipos diferentes de crivos —os órgãos dos

⁹⁹ Freud, 1895/2003, p. 188.

¹⁰⁰ Ibid., p. 189.

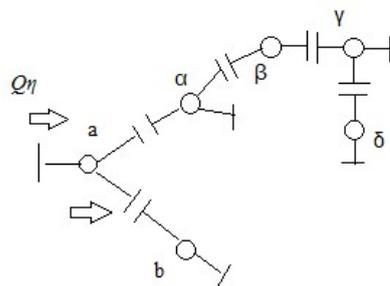
sentidos. O psicanalista afirma que, quando a excitação chega em ϕ , tais órgãos só permitem a entrada de estímulos resultantes de processos que possuam um determinado período, transferem para ϕ estas diferenças, que prosseguem até ψ e, em ω , quase livres de quantidade, produzem sensações diversas. A propagação da qualidade não é contínua, não promove qualquer modificação no sistema e não pode ser reproduzida.

Freud atribui à consciência não só a produção das qualidades sensoriais, mas também as sensações de prazer e desprazer e identifica a tendência a evitar o desprazer com a tendência primária do sistema psíquico à inércia. O desprazer corresponde, então, à sensação gerada nos sistemas ω , quando do aumento da quantidade no aparelho; enquanto que, o prazer é sentido quando ocorre a eliminação da diferença entre repouso e movimento. O autor acrescenta que as sensações de prazer e desprazer prejudicam a aptidão do aparelho para perceber as qualidades sensoriais. Ele explica que, quando ocupado por uma determinada quantidade, ω está em uma condição ótima para receber o período da excitação neuronal e proporcionar as sensações. A cima dela, é produzida a sensação de desprazer e, abaixo, de prazer. Se os sistemas ω não estiverem ocupados por alguma Q nada é percebido.

Depois de descritos os sistemas que compõem o aparelho, Freud avança para detalhar seu modo de funcionamento. Ele explica que as quantidades do mundo externo chegam às terminações do sistema ϕ e são fracionadas ao serem recebidas. Nem todo processo quantitativo é convertido em estímulo para o sistema nervoso, pois a conversão depende da magnitude da excitação e do período de seu movimento, e os sistemas ϕ agem como crivo dos processos que se efetivarão ou não como estímulos. Como foi detalhado, a característica qualitativa do estímulo, representada pelo período do movimento da quantidade nas partículas materiais, prossegue de ϕ para ψ até ω , onde é produzida a sensação. Quando um processo quantitativo afeta ϕ e se converte em estímulo, a tendência do aparelho é transmiti-lo até a via motora, que estão diretamente ligadas às terminações deste sistema, para a eliminação.

Por outro lado, as terminações dos neurônios ψ também se ligam às terminações de ϕ , e as últimas transmitem às primeiras uma fração da quantidade correspondente ao estímulo recebido. Sabe-se que, como as partículas do sistema ψ são impermeáveis, sua ocupação não pode ultrapassar certo limiar. Para garantir que este limite seja respeitado, se uma quantidade muito grande chega a ϕ , ela precisa se ramificar em caminhos diferentes, terminando em diversos pontos no sistema ψ . Freud usa a metáfora de uma malha ferroviária e afirma que a condução se ramifica

em “trilhas”, esclarecendo que um estímulo mais forte percorrerá mais caminhos do que um estímulo menos intenso, desembocando em mais “pontos terminais”¹⁰¹.



Assim, os neurônios ψ não são percorridos por grandes quantidades como ocorre em ϕ , pelo contrário, são ocupados por quantidades relativamente pequenas. No entanto, resta ainda considerar que as partículas em ψ , por ligarem-se diretamente à periferia interna do corpo, também estão ocupadas por excitações de origem endógena ($Q\eta$). Neste ponto, o psicanalista realiza uma distinção neste sistema, distinguindo dois grupos de neurônios em sua composição: os neurônios ψ do manto, ocupados por quantidades transmitidas por ϕ , e os neurônios ψ do núcleo, ocupados por estímulos endógenos.

Os estímulos endógenos, antes de alcançarem ψ , não passaram por um crivo que selecionasse sua magnitude ou período, como ocorre com aqueles que o alcançam a partir de ϕ . Freud afirma que, é por estar exposto a $Q\eta$, sem qualquer proteção, que a afecção de ψ por estas quantidades constitui a “*mola impulsiva (Triebfelder)* do mecanismo psíquico”¹⁰². Geradas continuamente pelo corpo, as excitações internas só se tornam estímulos psíquicos periodicamente, após um certo acúmulo, a partir do qual é possível ultrapassar as resistências entre as barreiras de contato de ψ . O armazenamento da Q neste acúmulo cria o impulso para toda a atividade psíquica, definido por Freud como a *vontade*, um derivado da *pulsão*¹⁰³.

O armazenamento da quantidade cria uma tensão que visa o escoamento pela via motora do aparelho. No entanto, como já foi explicado, os estímulos são continuamente produzidos pelo corpo e o simples escoamento pela extremidade motora não resolveria o problema da estimulação constante, que só cessaria mediante uma intervenção apropriada no mundo externo – a *ação específica*. Por exemplo, se o estímulo gerado internamente é interpretado como fome, a alteração no mundo responsável pela obtenção do alimento é a ação específica, única capaz de suspender o

¹⁰¹ Freud, 1895/2003, p. 193.

¹⁰² Ibid., p. 194, grifos do autor.

¹⁰³ Ibid., p. 195.

estado de excitação no interior do corpo, por um determinado período. Ao processo de cessação desse estado, através da ação específica, Freud dá o nome de *vivência de satisfação*¹⁰⁴.

A vivência de satisfação e a *vivência dolorosa*¹⁰⁵ são casos prototípicos para pensar o desenvolvimento dos processos psicológicos, normais e patológicos. Esta última ocorre quando os sistemas ψ são afetados por quantidades exteriores tão grandes, que chegam a romper os dispositivos protetores de ϕ , que seriam responsáveis por transmiti-las em uma magnitude reduzida. O resultado é a *dor*. Na dor, a ocupação de ψ é responsável por produzir um signo de desprazer em ω , gerando uma tendência para a eliminação, isto é, para que a quantidade desocupe o traço produzido nos sistemas de memória pelo objeto externo que provocou a irrupção em ϕ . Essa tendência à desocupação em ψ , impedindo que ocorra a associação de traços neste sistema e, conseqüentemente, a formação da noção do objeto hostil, é chamada por Freud de *defesa*¹⁰⁶.

Se o traço da imagem do objeto responsável pela dor for reocupado, por uma nova percepção, por exemplo, produz-se o signo de desprazer em ω , o que corresponde à vivência dolorosa propriamente dita. De acordo com o autor, a diferença entre esta experiência e a dor é a de que, na vivência dolorosa, o desprazer não é resultante da ocupação apenas por quantidades de origem externa, provenientes da percepção, mas, também, por excitações despertadas no interior do corpo, por “neurônios-chave” ou “secretores”¹⁰⁷. Para denotar a reocupação da imagem do objeto hostil em ψ , Freud utiliza o termo *afeto*¹⁰⁸. O afeto, assim como o desejo, consiste, portanto, na ocupação de um circuito por quantidades de origem interna: no primeiro, por liberação imediata dos neurônios secretores; no último, por somação de estímulos endógenos que, após atingirem uma determinada magnitude, rompem a resistência entre o núcleo de ψ e o interior do corpo.

Como foi explicado, no estado desiderativo, a tendência é a de que a imagem do objeto de desejo seja ocupada até a alucinação. Já na vivência dolorosa, a imagem do objeto hostil é inicialmente ocupada para que seja possível uma dissolução das associações desse circuito e o objeto deixe de ser percebido. Para esclarecer como o traço da imagem do objeto hostil é rapidamente abandonado pela ocupação, Freud ressalta que é necessário introduzir um novo fundamento explicativo: o modelo biológico. O autor alerta que não se trata de abandonar os preceitos do mecanicismo:

O aparecimento de um outro objeto no lugar do objeto hostil foi o sinal de que a vivência dolorosa terminara, e o sistema ψ procura, *instruído biologicamente*, reproduzir em ψ o estado que assinalou a cessação de dor. Com a expressão *instruído biologicamente*,

¹⁰⁴ Ibid., p. 196.

¹⁰⁵ Ibid., p. 197.

¹⁰⁶ Ibid., p. 199.

¹⁰⁷ Ibid., p. 198.

¹⁰⁸ Id.

introduzimos um novo fundamento explicativo que deve ter validade própria, ainda que não exclua uma redução a princípios mecânicos (momentos quantitativos [*quantitative Momente*]), mas os exija¹⁰⁹.

De acordo com Gabbi Jr., a ressalva de Freud em relação a prevalência dos princípios mecânicos na explicação tem como objetivo ressaltar o fato de que os próprios mecanismos associativos são resultantes de um processo evolutivo. Para o comentador, o autor pretende associar os dois modelos de explicação— o mecânico e o biológico— ao tentar provar que a tendência do sistema nervoso à descarga das quantidades, na busca pelo prazer, segue preceitos evolutivos, na medida em que a redução das quantidades tem um efeito de adaptação do organismo.

O autor prossegue explicando que, tanto o processo de desocupação da imagem do objeto hostil, como o de atração para reinvestir a imagem do objeto desiderativo exigem a formação de uma organização neuronal em ψ , na medida em que ambos implicam no abandono de um caminho anteriormente percorrido pelas quantidades e que está, portanto, facilitado. Esta organização, alerta Freud, é o *eu*. Trata-se de um agrupamento de neurônios em ψ cuja ocupação é constante e que corresponde ao armazenamento da quantidade interna exigida pela função secundária— a de conservação dos caminhos de eliminação. O eu é capaz de influenciar na repetição das vivências dolorosas e de satisfação, por meio de um mecanismo que o autor denomina *ocupação lateral*¹¹⁰: sabe-se que o curso de Q depende de facilitações que são o resultado de associações anteriores, mas, se um neurônio adjacente for simultaneamente ocupado, ele também age como uma facilitação, sendo capaz de modificar o curso de Q . Assim, os neurônios que constituem o eu, através de ocupações laterais, são capazes de inibir a descarga de quantidades pela via mais imediata. Nas palavras de Freud: “Assim, se existir um eu, ele tem de inibir processos psíquicos primários”¹¹¹.

O processo de inibição pelo eu é capaz de evitar a alucinação do objeto desiderativo na repetição da vivência de satisfação e, na vivência dolorosa, possibilita o rompimento de vínculos associativos que produziriam a percepção do objeto hostil e é, portanto, compreendido como uma organização que garante o princípio de constância. A observância a este princípio exige que o eu seja capaz de distinguir entre uma percepção e uma recordação, caso contrário, tanto a vivência de satisfação, como a de dor terminariam em fracasso biológico, na medida em que não culminariam na descarga adequada de quantidades, descumprindo preceitos adaptativos:

Tanto a ocupação desiderativa como a liberação de desprazer no caso de nova ocupação da respectiva re[cordação] podem ser biologicamente prejudiciais. A ocupação

¹⁰⁹ Ibid., pp. 199-200, grifos do autor.

¹¹⁰ Ibid., p. 201.

¹¹¹ Id., grifos do autor.

desiderativa toda vez que ultrapassar uma certa medida e, assim, atrair eliminação; a liberação de desprazer ao menos toda vez que a ocupação da imagem recordativa hostil não se efetuar desde o mundo externo, mas desde o próprio ψ (por associação). Portanto, também se trata aqui de um signo para diferenciar p[ercepção] de re[cordação]¹¹².

Toda percepção de um objeto externo provoca uma excitação qualitativa em ω . Esta excitação, como qualquer outra, causa uma tendência à eliminação que envia uma mensagem a ψ . A mensagem de eliminação que percorre o caminho de ω até ψ é chamada de *signo de realidade*¹¹³ para ψ . Se a imagem do objeto desiderativo for ocupada até ser animada alucinatoriamente, também ocorre a produção do signo de eliminação ou realidade. Mas se sua ocupação se realizar por intermédio de inibições, possibilitadas pelas ocupações do eu, é concebível que não resulte em um signo qualitativo, como ocorreria no caso da percepção, por tratar-se de uma ocupação menos intensa. É, portanto, a inibição pelo eu que permite ao aparelho diferenciar entre percepção e recordação.

Freud explica que ψ aprende a “aproveitar biologicamente”¹¹⁴ signos de realidade: se, quando aparecer um signo de realidade, o eu encontrar-se em um estado de tensão desiderativa, a eliminação seguirá na direção da ação específica; se, junto com o signo de realidade, ocorrer um aumento de desprazer, ψ promoverá por ocupação lateral com quantidades apropriadas uma defesa de magnitude normal; se não ocorrer nenhum dos dois casos, Q continua seu curso levando em consideração as relações de facilitação: “A experiência biológica ensinará, então, a não iniciar a eliminação antes que o signo de realidade tenha chegado e, com este objetivo a não estimular a ocupação das [imagens] re[cordativas] desiderativas acima de certa medida”¹¹⁵. A estes processos psíquicos que permitem diferenciar o interior do exterior do organismo, percepção e recordação, o autor dá o nome de processos secundários¹¹⁶.

O eu cumpre, portanto, um papel importante na garantia da adaptação do sistema nervoso ao meio, e as vivências de dor e satisfação, abordadas segundo os modelos explicativos mecânico e biológico, isto é, as explicações pela transmissão da quantidade aos elementos e pelo desenvolvimento no tempo, para a sobrevivência, permitem visualizar os processos por meio dos quais isso ocorre. Nas palavras de Gabbi Jr.:

Assim, o eu obriga o aparelho psíquico a considerar tanto condições internas quanto externas e a estabelecer uma mediação entre as mesmas. A obrigação resulta, de um lado, da necessidade da vida, da satisfação do delegado da fome, que, apesar de ter uma origem interna, impõe a observância de condições externas, e do outro, da dor, que, mesmo tendo uma origem externa, ao ser recordada, requer a apreciação de condições internas. [...] O

¹¹² Ibid., p. 202.

¹¹³ Ibid., p. 203.

¹¹⁴ Id.

¹¹⁵ Id.

¹¹⁶ Ibid., p. 204.

eu serve, destarte– nunca é demais insistir–, para diferenciar percepção de recordação, isto é, para garantir que os caminhos percorridos levem em conta as indicações da realidade¹¹⁷.

A máquina de *A interpretação dos sonhos*

As elaborações teóricas desenvolvidas por Freud no *Projeto...* são retomadas no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. O modelo de aparelho psíquico apresentado pelo autor neste capítulo engendra a sistematização, síntese e articulação de praticamente as mesmas teses e conceitos que foram expostos na obra de 1895.

A construção do psíquico em 1900 ocorre através de um esquema abstrato e, diferentemente do cenário no *Projeto...*, Freud não se pronuncia sobre a sua natureza. Tudo se passa como se a questão do estatuto ontológico do objeto que está sendo representado estivesse suspensa, colocada entre parênteses. Mesmo assim, Monzani (1989/2014) afirma que é possível identificar referências ao orgânico e ao neurológico na maneira como o autor o apresenta. Para ele, o psicanalista elabora uma topologia que, embora esteja ancorada no sistema neuronal, não se confunde com ele¹¹⁸.

O comentador chama atenção para o fato de que, diferente do que ocorre no *Projeto*, em *A interpretação dos sonhos*, o esquema utilizado para representar o psíquico oscila entre uma representação real e uma representação analógica, sendo que esta última acaba prevalecendo. Na obra de 1895, o autor refere-se explicitamente ao sistema nervoso, ainda que a um esboço simplificado, composto por neurônios, e às quantidades que os ocupam. Já no capítulo VII, a distância entre o esquema e aquilo que ele pretende representar é muito maior, o que pode ser observado, inclusive, nas representações gráficas utilizadas pelo autor. Neste trabalho, Freud se recusa a fundamentar seu esquema em um referencial neuroanatômico e, além disso, o modelo funciona por comparação, ou seja, tudo se passa *como se* o psíquico funcionasse dessa maneira, como um telescópio ou máquina fotográfica¹¹⁹. A relação que se estabelece entre o representante e o representado é, portanto, analógica e Freud é explícito quanto a isso:

Tais analogias (*diese Gleichnisse*) apenas devem nos apoiar numa tentativa de tornar compreensível a complexidade do funcionamento psíquico enquanto o decomposmos e atribuímos cada função isolada a um componente diferente do aparelho.¹²⁰

¹¹⁷ Gabbi Jr., 2003, p. 64.

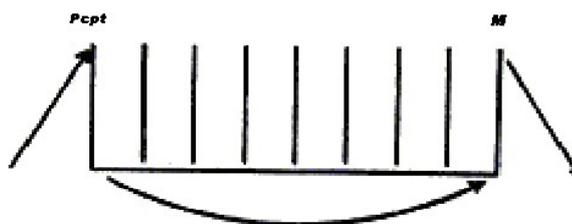
¹¹⁸ Cf. Monzani, 1989/2014, pp. 116-7.

¹¹⁹ Cf. Freud, 1901-1900/2015, vol. 2, p. 564.

¹²⁰ Freud, 1901-1900/2015, vol. 2, p. 564.

O autor inicia a montagem de seu aparelho evocando a hipótese de Fechner, expressa em *Psicofísica*¹²¹, de que a cena (*Schauplatz*) do sonho não é a mesma do que a da vida representacional durante a vigília. A ideia que está por trás da hipótese refere-se a uma tópica: o psíquico compreende lugares distintos. Freud reconhece que o aparelho que pretende apresentar é também conhecido como uma estrutura anatômica, no entanto, afirma que não pretende traçar qualquer correspondência com tais estruturas, mas, antes permanecer “em terreno psicológico”¹²². Para ilustrar a diferença entre a estrutura anatômica e os lugares que merecem o título de “psíquicos”, o autor evoca a imagem de um microscópio composto ou uma máquina fotográfica. A analogia é a seguinte: o lugar psíquico corresponderia a um lugar no interior do aparelho, sem se confundir com sua estrutura, algo como o espaço em que se forma um dos estágios da imagem. Acrescenta que se trata de um lugar ideal (*Teil ideelle Örtlichkeiten*), que não se confunde com as partes palpáveis (*greifbarer Bestandteil*) do aparelho.

O aparelho, como se fosse (*als ob*) um microscópio composto, é constituído por componentes aos quais Freud deu o nome de *instâncias* (*Instanzen*) ou *sistemas* (*Systeme*). Tais componentes ordenam-se sucessivamente, no entanto, o autor afirma que a hipótese que pretende esboçar não é a de um ordenamento espacial destes sistemas, mas, antes, a sequência temporal do trajeto do fluxo excitatório pelo psiquismo. Este fluxo possui uma direção: origina-se com a afecção por um estímulo e termina em inervações motoras. A partir desta ideia de direção, são atribuídas ao aparelho duas extremidades: a perceptiva, responsável pela recepção dos estímulos e a motora, que culmina na atividade muscular, conforme a figura abaixo:

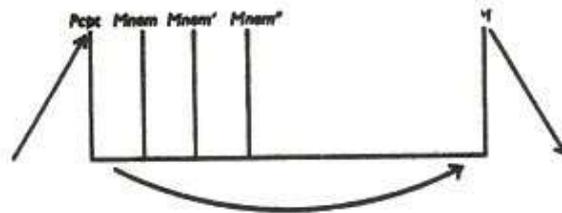


Nessa versão primitiva do aparelho, a exemplo do que ocorre nos parágrafos iniciais do *Projeto...*, seu funcionamento é explicado segundo o esquema do arco reflexo: o estímulo alcança a extremidade perceptiva e gera uma resposta motora imediata. Posteriormente, ao construto é acrescentada uma diferenciação: os *traços mnêmicos*, que possuem como função a *memória*— são inscrições resultantes das percepções que chegam à extremidade perceptiva do aparelho. Se os traços mnêmicos são responsáveis pela faculdade da memória, eles devem consistir em

¹²¹ *Psicofísica* (1889, vol. 2, pp. 520-1).

¹²² Cf. Freud, 1901-1900/2015, vol. 2, p. 564.

modificações permanentes do psiquismo. No entanto, o aparato, além de reter tais modificações também deve estar apto a receber novos estímulos e ser novamente alterado por eles. Para conciliar as duas funções, Freud vê-se obrigado a supor a existência de um outro sistema ou instância, que seja responsável por fornecer as percepções dos estímulos sem, no entanto, reter qualquer traço deles. Assim, por trás do sistema perceptivo há um outro que retém do estímulo recebido pelo primeiro um traço permanente:



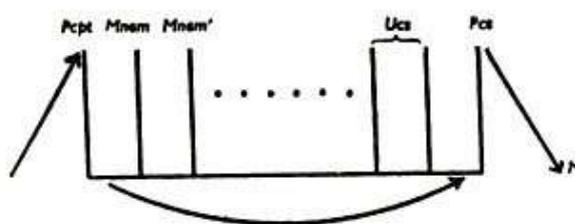
A representação gráfica, até o momento, não traz nenhum dado novo: trata-se, como foi mencionado, do já conhecido esquema do arco reflexo, com uma extremidade perceptiva, que recebe estímulos externos e uma extremidade motora, que reage a eles. É como um organismo funcionando da percepção à ação. A marcação dos sistemas mnêmicos no interior deste esquema, para indicar outros lugares em seu interior, cumpre a tarefa de discriminar também uma diferenciação funcional, isto é, cada um destes lugares exibe leis e mecanismos de funcionamento próprios, constituindo-se, portanto, como subsistemas no interior do sistema psíquico.

Freud lembra que as percepções que acometem o sistema perceptivo (*P*) estão, de alguma maneira, associadas em nossa memória de acordo, sobretudo, com o critério de simultaneidade. Mas, como a instância *P* não é capaz de reter traços de memória, são os sistemas *Mn* que devem fornecer o fundamento para que ocorra a associação. O autor explica, fundamentado em preceitos mecânicos, que a associação significa que a excitação se propaga com maior facilidade de um dos elementos de *Mn* para outro do que para um terceiro elemento deste tipo.

O sistema *P* também é responsável por fornecer à consciência as qualidades sensoriais. Sabe-se que todas as lembranças, que consistem nos sistemas de memória postulados, são inconscientes. Embora seja possível que elas alcancem a consciência, são capazes de exercer toda a sua ação no psiquismo em estado inconsciente. O autor observa que tais lembranças, ao tornarem-se conscientes, não adquirem qualidade sensorial, são apenas recordações. Isso o conduz a

afirmação de que a capacidade de oferecer as qualidades sensoriais e a faculdade da memória são funções que se excluem mutuamente¹²³.

Até o momento, a montagem do esquema não considerou os achados provenientes do estudo dos sonhos. Para explicar o mecanismo de formação do sonho, o psicanalista supôs a presença de duas instâncias diferentes no psiquismo: uma submete a atividade da outra a uma crítica, disso resulta a formação de um grupo de representações que se mantêm excluídas da consciência. Freud acrescenta que a instância crítica parece possuir estreita relação com as decisões que são tomadas durante a vida de vigília e com a atividade voluntária. Aplicando tais informações ao modelo que está sendo construído, ele localiza a instância crítica em maior proximidade com a consciência, entre ela e a instância criticada e na extremidade motora do aparelho. O novo sistema é chamado de pré-consciente, para indicar que nele os processos excitatórios podem chegar à consciência sem grandes dificuldades, caso cumpra algumas condições, como, por exemplo, atingir uma determinada intensidade energética.



O inconsciente, isto é, a instância criticada, é o sistema que está “por trás” do sistema pré-consciente, cujos processos só obtêm acesso à consciência através deste último. A passagem pelo pré-consciente resulta em modificações nos processos excitatórios inconscientes, que os tornam toleráveis à consciência.

Confrontando a montagem com o estudo dos sonhos, Freud afirma que o ímpeto para a formação do sonho situa-se no sistema inconsciente e que, durante a vigília, o caminho de acesso dos pensamentos oníricos à consciência está barrado pela censura da instância crítica. Durante a noite, tais pensamentos adquirem qualidades sensoriais, o que significa dizer que, mediante certas modificações, chegam à consciência passando pelo sistema *P*. Isso só pode ocorrer porque o processo excitatório que correspondem a tais pensamentos assume uma direção retrógrada, isto é, em vez de se propagar em direção à extremidade motora do aparelho, caminha no sentido da extremidade perceptiva, produzindo as qualidades sensoriais quando a alcança.

¹²³ Cf. Freud, 1901-1900/2015, vol. 2, pp. 567-8.

O autor esclarece que assumir a direção regressiva é uma das peculiaridades dos processos oníricos, mas não apenas deles e coloca a seguinte questão: o que, durante o sono, que não está presente durante a vida de vigília, permite o movimento regressivo dos processos excitatórios pelo psiquismo? A explicação oferecida fundamenta-se no modelo mecânico: é a diferença de ocupação energética dos sistemas, que implica diretamente no quanto eles serão transitáveis pelos fluxos de excitação. Durante o dia, há um fluxo contínuo de estímulos exteriores que atingem o aparelho a partir do sistema perceptivo e se propagam até a motilidade. Já no sono, ocorre uma espécie de isolamento em relação ao mundo exterior, que faz com que os processos excitatórios percorram um caminho regressivo, em direção aos sistemas que permanecem com investimento energético maior. Esta explicação, no entanto, não dá conta de processos patológicos, como as alucinações na histeria e paranoia, que ocorrem durante a vigília e também exibem caráter regressivo.

Freud, ainda fundamentando-se no modelo mecânico, explica que o sentido regressivo, nesses casos, é o resultado da resistência oferecida pela instância crítica ao acesso de certos processos de pensamento à consciência e da atração que lembranças inconscientes com grande carga sensorial, na maioria das vezes resultantes de vivências infantis, exercem sobre eles. Só sofrem regressão processos de pensamento que estejam em íntima ligação com lembranças reprimidas, afastadas da consciência pela instância crítica do psiquismo. O autor não explicita, neste momento do texto, quais os elementos que oferecem ocasião para que esta íntima ligação ocorra.

O esquema esboçado oferece uma imagem da direção dos processos excitatórios no psiquismo na vida normal, no sonho e nos sintomas psicopatológicos. Sob a perspectiva do modelo biológico, o autor afirma que o funcionamento do aparelho apresentado, da maneira como ocorre nessas formações psíquicas, é o resultado de um “longo caminho de desenvolvimento”¹²⁴. Em estágios anteriores de sua capacidade, o sistema psíquico seguia o esquema de um aparelho reflexo, descarregando imediatamente pela via motora toda excitação que lhe acometesse, obedecendo a tendência de se manter livres de estímulos tanto quanto fosse possível. No entanto, as necessidades da vida (*Not des Lebens*) exigem que esse modo de funcionamento se torne mais complexo.

Tais necessidades são as excitações geradas no interior do corpo que acometem o aparelho em sua extremidade perceptiva. A descarga desse fluxo pelas vias motoras não cumpre a tarefa do sistema de livrar-se dos estímulos que o afetam, uma vez que as “grandes necessidades corporais”¹²⁵ são continuamente produzidas. Freud utiliza o exemplo da fome para ilustrar a situação: um bebê, quando sente fome, chora e se debate, e nada disso faz com que a sensação de

¹²⁴ Cf. Freud, 1901-1900/2015, vol. 2, p. 593.

¹²⁵ Id.

fome desapareça. Para que o estímulo cesse, é necessário que seja efetuada uma intervenção no mundo externo que possibilite que o bebê obtenha alimento. A esta intervenção, já tematizada no *Projeto...*, o autor dá o nome de *ação específica*¹²⁶, que seria no caso do exemplo utilizado, a amamentação. A experiência da interrupção da excitação endógena, alcançada pela ação específica é a *vivência de satisfação*¹²⁷.

O psicanalista explica que, no momento em que surge a percepção da nutrição, é produzido nos sistemas mnêmicos um traço de memória desta imagem que é associado ao traço de memória resultante da percepção da necessidade, no caso, a fome. O investimento completo desta percepção pela excitação é o caminho mais imediato para a realização do desejo. Freud afirma que, em um estágio primitivo de desenvolvimento do aparelho psíquico, este caminho deve ter sido, de fato, percorrido, culminando em uma alucinação do alimento.

Este modo de funcionamento é ineficaz para a satisfação da necessidade. Desse modo, tornou-se necessário que o aparelho desenvolvesse uma segunda atividade, executada por um segundo sistema, que barrasse o investimento energético até o traço mnêmico da percepção da nutrição, para que esta energia pudesse ser utilizada para produzir o efeito no mundo exterior que interrompa a estimulação endógena. O impedimento da descarga imediata da excitação acumulada exige que os sistemas psíquicos sejam capazes de suportar o acúmulo energético gerado pelas necessidades da vida, para poder descarregá-la, através das vias motoras, gerando a modificação eficaz no ambiente, que coloque em cena, novamente, a percepção do objeto que extinguiu a necessidade. Depois que o sujeito experienciou a vivência de satisfação, quando a necessidade reaparecer, ocorre um processo excitatório que procura investir o traço da percepção da nutrição, a este processo o autor dá o nome de *desejo*.

O autor caracteriza o aparelho regulado pelo esforço de manter-se tão livre quanto possível de um acúmulo de excitação como primitivo e fictício¹²⁸. Por isso foi esquematizado de acordo com o esquema do arco reflexo, tendo a via da motilidade a sua disposição para descarga. O acúmulo de excitação gerado pelas necessidades impostas pela vida é sentido como desprazer pela consciência e coloca o aparelho em atividade para descarregá-lo e a redução da energia acumulada, resultante da descarga, é sentida como prazerosa. Esta corrente no interior do psiquismo, que parte do desprazer e visa o prazer, é o desejo. Freud afirma que o desejo é o que coloca o sistema psíquico em movimento, isto é, os processos excitatórios em seu interior são regulados pelas sensações de prazer e desprazer produzidas na consciência.

¹²⁶

¹²⁷ Id.

¹²⁸ Ibid., p. 626.

A tarefa de gerar esta modificação é complexa e exige uma soma de inscrições de experiências no psiquismo para que, a partir das associações que se estabelecem entre elas, o fluxo excitatório assuma o caminho correto. Freud descreve a atividade deste segundo sistema como “tateante”¹²⁹, que envia e recolhe investimentos, mantendo cargas em repouso e movimento, para que a condução energética produza o resultado esperado:

Assim, por consideração à eficiência, postulo que o segundo sistema consegue manter em repouso a maior parte de energia e empregar apenas uma pequena quantidade para o deslocamento. A mecânica destes processos é completamente desconhecida para mim; quem quisesse levar essas ideias a sério deveria escolher analogias físicas e abrir caminho para a ilustração do processo de movimento que ocorre na excitação neuronal.¹³⁰

É possível perceber que a montagem de construto, ao adquirir complexidade, exige que Freud associe o modelo de explicação biológico ao modelo de explicação mecânico. Quando o aparelho deixa de ser encarado apenas como receptor de estímulos externos e passa a ser considerado também como um gerador de estímulos, condição imposta pelas necessidades da vida, o sistema desenvolve mecanismos para o escoamento da excitação que se aperfeiçoam, visando à adaptação e sobrevivência. A ideia é a de que o primeiro sistema postulado pelo autor funciona escoando livremente as excitações, enquanto que, o segundo, opera certas inibições de investimento, aumentando, desse modo, o nível energético do aparelho, para que, quando concluir seu trabalho, a descarga ocorra por determinados caminhos e resulte em um aproveitamento biológico. As leis de escoamento energético são utilizadas para explicar o movimento das cargas de investimento pelos elementos do sistema, mas passa a ser necessário considerar também a produção de diferenciação, complexidade, ao longo do tempo, cumprindo preceitos evolutivos, como ocorreu no *Projeto*. Os dois modelos são indissociáveis, na medida em que o escoamento da excitação é um mecanismo que garante que o aparelho não perecerá.

O modo de funcionamento do primeiro sistema é denominado por Freud de *processo primário* e, do segundo, de *processo secundário*¹³¹ e explica que o primeiro se preocupa apenas com a identidade perceptiva do objeto de satisfação, enquanto que, o segundo procura uma identidade de pensamento, ou seja, a ligação entre representações desprovidas de qualidades sensoriais: “O pensamento deve procurar as vias de ligação entre as representações sem se deixar iludir pela intensidade delas”.¹³² É claro que a busca pela identidade de pensamento precisa vencer percalços impostos pela regulação pelo princípio de desprazer. Assim, o esforço do processo secundário é no sentido de libertar-se de uma regulação que se dê exclusivamente por este

¹²⁹ Ibid., p. 627.

¹³⁰ Id.

¹³¹ Ibid., p. 631.

¹³² Id.

princípio, caracterizado por um refinamento no desempenho do aparelho psíquico. No entanto, nem sempre isso é possível, e o resultado do trabalho de pensamento (processo secundário) pode ser afetado pelo processo primário, como ocorre na formação dos sonhos e dos sintomas psicopatológicos.

Freud, fundamentado em uma perspectiva desenvolvimentista, chama a atenção para o fato de que, ao denominar de primário um dos modos de funcionamento do aparelho psíquico descritos, faz referência não só à complexidade e à eficiência, mas, também, em consideração a um fator cronológico: os processos primários existem desde o início da vida e os processos secundários aparecem ao longo da evolução dos sistemas. Isso não quer dizer, no entanto, que, em algum momento, o psiquismo tenha sido regulado exclusivamente por processos primários. O psicanalista afirma que um aparelho deste tipo só poderia ser uma “ficção teórica”:

É verdade que até onde sabemos não existe um aparelho psíquico que tivesse apenas o processo primário, e nesse sentido ele é uma ficção teórica: mas é um fato que os processos primários existem nele desde o começo, enquanto os secundários se constituem apenas gradativamente no decorrer da vida, inibem e recobrem os primários e talvez alcancem domínio completo sobre eles no apogeu da vida.¹³³

Continuando a montagem do psíquico, embora o autor tenha utilizado o termo *consciência* de maneira descritiva ao longo de sua exposição, é apenas na última seção do capítulo que ele trata da consciência como uma das instâncias que compõem o aparato anímico— sistema *Cs*— qualificando-a como um “órgão sensorial”¹³⁴ para a percepção de qualidades. Sobre as características mecânicas do sistema, esclarece que são semelhantes às do sistema *P*, isto é, excitável por estímulos qualitativos e incapaz de reter alterações quando afetado por eles. Os fluxos excitatórios que acometem *Cs* são provenientes tanto do mundo exterior, após passarem por *P*, como do interior do organismo, cuja excitação, embora seja de ordem quantitativa, é sentida como série de qualidades de prazer e desprazer, depois de sofrer certas alterações, que não são especificadas.

A percepção, pelos órgãos sensoriais, tem a consequência de dirigir um investimento energético —atenção— para os caminhos pelos quais se difunde a excitação sensorial que chega ao sistema. Assim, a excitação qualitativa percebida, serve como um regulador das quantidades móveis que circundam o aparelho. Ocorre algo análogo no sistema *Cs*: quando são produzidas as sensações de prazer e desprazer, ele influencia os deslocamentos das quantidades no interior do psiquismo, buscando interromper o desprazer e produzir prazer.

¹³³ Id.

¹³⁴ Ibid., p. 643.

O psicanalista afirma que é provável que, mesmo que no início o princípio de desprazer regule os fluxos de investimento que circulam pelo aparelho, o que traz a ideia de certo automatismo, com a introdução de um segundo sistema, a consciência, o aparelho adquira uma regulação “mais fina”, que “aperfeiçoe sua eficiência”¹³⁵, fazendo com que se submeta a certos acúmulos de investimento, que culminam na liberação de desprazer, contrariando sua disposição original. Esse novo mecanismo de regulação, mais fino e eficiente, depende da excitação dos órgãos sensoriais o que, de acordo com Freud, também ocorre segundo mecanismos automáticos:

Num contexto teleológico, nada demonstra melhor a importância do sobreinvestimento produzido pela influência reguladora do órgão sensorial da *Cs* sobre a quantidade móvel do que a criação de uma nova série de qualidades e, assim, de uma nova regulação, que constitui a prerrogativa do homem frente aos animais. Pois os processos de pensamento são em si desprovidos de qualidade, exceto pelas excitações de prazer e desprazer que os acompanham, que, afinal, precisam ser refreadas como possível perturbação do pensar.¹³⁶

Nessas considerações sobre o aparecimento da consciência e a função adaptativa que assume, é possível identificar mais uma vez a presença do modelo biológico em conjunto com o modelo mecânico de explicação e o pensamento teleológico é explicitamente colocado pelo autor. A questão evolutiva é, inclusive, pensada em um contexto da espécie, a partir de um ganho que o homem teria em relação aos outros animais, e não apenas a partir de um olhar para o psiquismo individual.

*

Freud inicia a última seção do capítulo VII de *A interpretação...* dizendo que todo o conhecimento que a análise dos sonhos proporcionou o conduziu a elaboração da hipótese não da existência de sistemas distintos no aparelho psíquico, indicando lugares distintos, mas, antes sobre duas maneiras diferentes pelas quais o fluxo excitatório o percorre. Dizendo de outro modo, a hipótese não é tópica, mas sobre a dinâmica dos processos psíquicos.

Assim, quando se diz de um pensamento inconsciente que se esforça para emergir na consciência ou que é recalcado e então tomado pelo inconsciente, a ideia não é a de que esteja em um lugar da tópica psíquica e se forme em outro, mas a de um modo de investimento energético que é retirado ou colocado em um certo arranjo psíquico, fazendo com que esteja sobre o domínio de uma ou outra das duas instâncias descritas pelo autor.

¹³⁵ Ibid., p. 644.

¹³⁶ Ibid., p. 645.

Mesmo assim, Freud alerta que é vantajoso manter a representação plástica ou tópica do sistema, desde que não se confunda seus elementos com as representações, pensamentos e outras formações psíquicas. A analogia do instrumento ótico é novamente utilizada:

Evitaremos qualquer abuso desse modo de figuração se nos recordarmos que representações, pensamentos e formações psíquicas em geral absolutamente não podem ser localizados em estruturas orgânicas do sistema nervoso, e sim *entre eles*, por assim dizer onde resistências e facilitações constituem seu respectivo correlato. Tudo o que se pode tornar objeto de nossa percepção interna é *virtual*, tal como a imagem produzida no telescópio pela passagem dos raios luminosos. Porém, quanto aos sistemas, que não são algo psíquico e nunca se tornam acessíveis a nossa percepção psíquica, estamos autorizados a supor sua existência tal qual as lentes de um telescópio que projetam a imagem. Continuando esta comparação, a censura entre os dois sistemas corresponderia à refração dos raios na passagem para um novo meio.¹³⁷

O lugar privilegiado que o aspecto quantitativo dos fluxos excitatórios ocupa na descrição do funcionamento do aparelho está alinhado com a utilização do modelo mecânico na fundamentação das explicações. A analogia com a máquina ótica e a ideia do lugar psíquico como lugar virtual parecem reforçar este privilégio. Mas, mesmo que os referentes dos sistemas sejam lugares “ideais”, é possível perceber que a relação que o modelo mantém com um referencial anatômico não é tão remota assim. Antes mesmo de considerar o sistema como produtor de estímulos, por tratar-se de um organismo vivo, o esquema do arco reflexo, ao ser esboçado com uma extremidade sensível e uma extremidade motora, já contém alguma alusão a estruturas corporais. A ideia do aparelho traz, em alguma medida, uma referência a estruturas orgânicas, que é alinhada a explicações que consideram o desenvolvimento e o valor de adaptação para a sobrevivência. Monzani chama atenção para a presença de alguma referência ao corpo na montagem freudiana:

[...] podemos perceber o caráter ambíguo dessa montagem de Freud, que é uma característica de todas as suas representações tópicas (e que se exacerba ao extremo na montagem feita no capítulo IV de *Além do princípio de prazer*, levando o leitor a nunca saber exatamente do que se trata), ao colocar em pé de igualdade e no mesmo esquema coisas que pertencem lógica e ontologicamente a lugares distintos: um traço de memória, a pele, um músculo, etc.¹³⁸

No *Projeto...*, partindo de dois postulados principais, a saber, que os neurônios são partículas materiais e que os processos psíquicos são estados quantitativamente determinados destas partículas, Freud pretende explicar, a partir de princípios puramente mecânicos, uma diversidade de funções psicológicas como percepção, consciência, memória, pensamentos, juízos, etc. O texto encontra-se impregnado de noções científicas, fisicalistas e quantitativistas que, de acordo com

¹³⁷ Ibid., p. 638.

¹³⁸ Monzani, 1989/2014, p. 120.

Monzani, são características da escola de Helmholtz e de Du Bois-Reymond, revelando-se como o trabalho freudiano em que o mecanicismo e energetismo aparecem com toda evidência:

Dedutivismo e apriorismo, por outro lado, manifestam-se também de forma inegável: conceitos, ideias, teoremas e princípios não sendo colocados ou deduzidos nesse afã de construir uma máquina psíquica que se mova por si mesma, regulada por leis e princípios automáticos, cujo modelo elementar está dado no esquema do arco-reflexo¹³⁹.

O próprio Freud, em correspondência com Fliess, referiu-se às elaborações teóricas contidas em seu trabalho através da ideia de uma máquina em funcionamento: “Tudo parecia encaixar no lugar correspondente; as engrenagens ajustavam à perfeição, dando a impressão de que o conjunto era realmente uma máquina que, de um instante para outro, poderia começar a andar sozinha”¹⁴⁰

No entanto, diversas vezes, o autor se vê impossibilitado de cumprir a tarefa exclusivamente com a utilização do modelo mecânico de explicação, o que o faz recorrer ao a representações do ponto de vista biológico, afinal, o sistema psíquico parece ser concebido como um sistema de neurônios e, embora a representação da anatomia do cérebro seja esquemática no texto, é construído segundo hipóteses evolutivas. Nas palavras de Monzani: “o *Projeto...* tentou elaborar uma teoria do aparelho psíquico e do seu funcionamento através de uma representação anatômica. Anatomia abstrata, sem dúvida, porque se trata de uma representação esquematizada ao extremo do sistema de neurônios”¹⁴¹. O comentador afirma que o modelo teórico apresentado em 1895 é um modelo simplificado e, portanto, abstrato, de seu “referente empírico”: o cérebro. Assim, as leis e princípios que regem o funcionamento do sistema são as mesmas em vigor nos outros campos da fisiologia. O *modus operandi* da “máquina” freudiana segue, portanto, os princípios gerais da mecânica fisiológica. Monzani explicita: “De direito, são os princípios mecânicos que devem ter a última palavra”¹⁴².

¹³⁹ Ibid., p. 82.

¹⁴⁰ Id. (Freud citado por Monzani).

¹⁴¹ Ibid., p. 113.

¹⁴² Ibid., p. 115.

Capítulo III: *O modelo biológico de Além do princípio de prazer e a ênfase no ponto de vista teleológico*

Como foi destacado, em *Além do princípio de prazer* (1920), o modelo biológico do aparelho psíquico ocupa o primeiro plano da explicação, ocasião em que o psiquismo é pensado a partir de uma perspectiva evolutiva, desde a sua origem e que as formulações de caráter declaradamente especulativo constituem um eixo importante para a construção do texto, levando o autor a postular seu conceito central (e bastante controverso) – a pulsão de morte. Neste contexto, há lugar para perguntas sobre a origem e o fim último da vida.

No artigo, é possível reconhecer que as hipóteses colocadas se dividem em dois tempos diferentes até que o conceito de pulsão de morte seja apresentado em todo o seu alcance. Em um primeiro momento, Freud parte da constatação da característica repetitiva de fenômenos observados na clínica ou em outros tipos de investigação psicanalítica, a saber, os sonhos que acometem pacientes que sofrem de neurose traumática, a brincadeira infantil e a repetição pelo analisando, na relação transferencial com o analista, de vivências infantis que sofreram recalçamento. Tais fenômenos, analisados a partir de considerações sobre como o aparelho psíquico lida com quantidades de energia provenientes do ambiente e de seu interior, permitem, como veremos detalhadamente, que o autor tematize a repetição como a característica mais fundamental da pulsão. Num segundo movimento, que se inicia no capítulo V do texto em questão, essa tendência pulsional, inicialmente restrita às experiências individuais observadas, vai adquirindo um contorno muito mais amplo. A coação impingida pela pulsão deixa de traduzir-se apenas nas experiências do sujeito e passa a exercer sua ação nos estágios de desenvolvimento do indivíduo, seus primeiros objetos e, numa projeção ainda mais ousada, é assimilada a uma força universal que age ultrapassando o campo psicológico e cuja atuação é observada em toda a matéria viva. Explica Laplanche:

[...] essa tendência do indivíduo humano a reproduzir seus estados e seus objetos primeiros, é ligada a uma força universal, ultrapassando de muito o campo psicológico e mesmo o campo vital, força cósmica que tende irreversivelmente a levar, regressivamente, o mais organizado ao menos organizado, as diferenças de nível ao nivelamento, o vital ao inanimado¹⁴³.

Constata-se que a pulsão de morte sob a roupagem dessa “força universal” exhibe claramente uma tendência que dirige o desenvolvimento da vida em geral: a condução das formas mais complexas, mais organizadas, até estágios que apresentam organizações cada vez mais

¹⁴³ Laplanche, 1985, p. 110.

simples, que compreendem menores diferenças de nível energético em relação ao meio. A finalidade desta força parece ser alcançar o ponto em que esta diferença não exista mais e que, portanto, o organismo se desfça, passando a integrar o inorgânico. Em um primeiro momento, a compulsão à repetição é apresentada como a característica mais fundamental da pulsão. Entretanto, o texto é construído de maneira que ela passa a ser a expressão de uma força que atua na matéria viva e cujo aparente fim último é conduzi-la à morte. Das considerações sobre a tendência pulsional à repetição no indivíduo, a especulação freudiana avança e a questão sobre os limites da vida é levantada.

Se, para investigar as manifestações pulsionais, considerarmos que estas são forças orientadas por um fim, é possível perceber que há, no *Além...*, uma ênfase no ponto de vista teleológico: em um primeiro momento, a finalidade do aparelho é descarregar-se das quantidades de excitação que lhe acometem; posteriormente, a argumentação freudiana conduz à conclusão de que a morte é o fim último perseguido pela pulsão.

Em oposição a essa tendência incontornável à morte, que constrange o ser vivo a retornar ao estado inorgânico, Freud postula a pulsão de vida. Definida por oposição à pulsão de morte, ela aparece, portanto, como exigência de ligação, como um movimento que visa à conservação do organismo e, para tanto, promove a união das células germinativas, construindo unidades cada vez maiores, formas cada vez mais complexas e organizadas. Enfim, quanto mais a vida triunfa, maior é a diferença de nível energético entre o organismo e o meio que o envolve. Nesse contexto, as manifestações da vida aparecem como resultados da adaptação dos organismos ao meio, da superação da influência de forças externas perturbadoras e desviantes. Os estágios evolutivos são reproduzidos na trajetória que o ser vivo percorre para assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte e afastá-lo de qualquer possibilidade – que não seja imanente a ele mesmo – de retornar ao inorgânico.

O organismo como modelo para o psíquico

O caminho que conduz à noção da pulsão de morte, inicia-se com a montagem de um aparelho anímico impregnado por noções energéticas. Já no primeiro capítulo de *Além...*, os significados das sensações de prazer e desprazer são caracterizados pelo autor como o “território mais obscuro e inacessível da vida psíquica”¹⁴⁴. Ele esclarece que pretende enfrentar esta dificuldade adotando, para explicá-los, uma hipótese que seja “o menos rígida possível”¹⁴⁵ – a de

¹⁴⁴ Freud, 1920/2006, p. 135.

¹⁴⁵ Id.

que a sensação de desprazer corresponderia a um aumento da quantidade de energia livre no aparelho psíquico, enquanto que o prazer estaria relacionado a uma diminuição dessa quantidade e, ainda, que o psiquismo tende a manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível ou, pelo menos, constante. A essa tendência deu o nome de princípio de prazer, enfatizando, num primeiro momento, sua hegemonia (*Herrschaft*) no curso dos processos psíquicos.

No entanto, logo no início do texto, essa hegemonia será questionada. Freud destaca que, em rigor, é incorreto falar em um domínio absoluto do princípio de prazer sobre o curso dos processos psíquicos, pois, se isso ocorresse, a maioria deles seria acompanhada de sensações prazerosas, fato que pode ser facilmente refutado pela experiência. Desse modo, o autor explicita que, na verdade, existe, na vida psíquica, uma forte *tendência* (*Tendenz*) ao princípio de prazer, que, devido a ação de outras forças ou circunstâncias, nem sempre se realiza. A questão que se coloca, então, é quais são estas circunstâncias que impedem que o domínio do princípio de prazer se exerça.

De acordo com o psicanalista, a primeira fonte de inibição do princípio de prazer é a sua substituição pelo princípio de realidade. O princípio de prazer comanda um modo de funcionamento primitivo do aparelho psíquico, denominado *primário*, que é ineficiente para a adaptação do organismo ao ambiente. Ao longo de seu desenvolvimento, surgem as pulsões de autoconservação do eu responsáveis pela substituição desse modo de funcionamento. O propósito da obtenção de prazer é, então, adiado, em função de condições impostas pelo mundo exterior. No entanto, as pulsões sexuais são um entrave para esta modificação, pois são dificilmente educáveis e, por meio delas, o princípio de prazer volta a se sobrepor ao princípio de realidade, prejudicando o organismo inteiro.

A outra fonte de liberação de desprazer descrita por Freud está relacionada com os conflitos e clivagens próprios do desenvolvimento do eu. O autor explica que nem todas as pulsões existentes no aparelho anímico podem percorrer as mesmas etapas de desenvolvimento. Algumas delas possuem metas que são intoleráveis para outras que se ligam para formar o eu. Desse modo, o psiquismo separa as primeiras das últimas, através do processo de recalçamento, mantendo-as em níveis inferiores do desenvolvimento psíquico. As pulsões que sofreram este processo, principalmente as de natureza sexual, costumam conseguir percorrer caminhos alternativos para obter sua satisfação, seja esta direta, ou através de uma formação substitutiva. Quando isso ocorre, o resultado, que poderia ser o alcance do prazer, é sentido pelo eu como desprazeroso. Esse é caso dos sintomas nas neuroses.

No entanto, o autor alerta para o fato de que estas duas fontes estão longe de responder por todo o desprazer experimentado pela vida psíquica e acrescenta que grande parte do desprazer que sentimos é de ordem perceptiva e resultante tanto da pressão interna causada por pulsões insatisfeitas, como da percepção de estímulos desagradáveis provenientes do mundo externo, que são reconhecidos como perigo para o aparelho psíquico.

Para avançar em seus resultados, Freud inicia a investigação dos pormenores da relação do aparelho com o perigo externo a partir do problema dos sonhos que acometem pacientes que sofrem de neurose traumática. Segundo o psicanalista, a neurose traumática é um quadro psíquico que se instaura após acidentes envolvendo grandes choques mecânicos. Os sintomas que aparecem são parecidos com os sintomas histéricos, embora também apresente forte indício de sofrimento subjetivo, como nos casos de melancolia ou hipocondria. No que diz respeito aos fatores etiológicos, o choque mecânico e uma lesão orgânica subsequente têm sua importância questionada, ao passo que o susto (*Schreck*)— estado definido como o que ocorre quando o perigo é experimentado, sem que se esteja preparado para ele— aparece como um fator necessário.

Nos pacientes que sofrem de neurose traumática, os sonhos costumam reproduzir a situação do acidente, culminando em um novo susto e no despertar. É comum acreditar que isso ocorre devido à intensidade da impressão causada pela vivência traumática. No entanto, tais pacientes, no estado de vigília, pouco são acometidos pela lembrança do trauma. Além disso, Freud aponta para o fato de que a repetição, no sonho, da vivência traumática está em contradição com a função dos sonhos, postulada em 1900— a de realizar um desejo inconsciente. Para resolver o entrave entre a tese de 1900 e os dados apresentados na clínica, coloca-se a hipótese de que, no estado do trauma, a função do sonho, a exemplo do resto do funcionamento psíquico, teria sido abalada, ou, pelo menos, suspensa.

O autor continua a investigação de experiências que produzem desprazer passando para a questão da brincadeira infantil. Ele conta a história de uma criança, que teve a oportunidade de observar enquanto ela brincava. O garoto tinha o hábito de apanhar certos objetos que estivessem ao seu alcance e jogá-los para, em seguida, apanhá-los novamente. Na ocasião, o primeiro ato — de atirar para longe o objeto— era incessantemente repetido, em um número de vezes bastante superior ao de trazê-lo para perto novamente, ainda que, aparentemente, o maior prazer estivesse vinculado a este último ato. Freud relacionou a brincadeira com uma aquisição cultural da criança: a renúncia pulsional que conseguiu operar ao permitir a partida da mãe, sem manifestar oposição. Jogando os objetos, o garoto se ressarcia da perda da mãe, exercendo um controle, ainda que simbólico, sobre suas saídas, às quais era obrigado a submeter-se passivamente fora do jogo. Assim, a experiência repetitiva que, em um primeiro momento, poderia ser encarada unicamente

como uma vivência desprazerosa, envolvia também um ganho de prazer. À luz desta situação, é possível verificar que, mesmo sob o domínio do princípio de prazer, a atividade psíquica é capaz de tomar um evento em si desprazeroso como objeto de recordação e processamento.

Freud afirma, no entanto, que as experiências repetitivas, aparentemente desprazerosas, nas quais também é possível identificar, em alguma medida, a obtenção de prazer, não são úteis à sua investigação. Seu interesse aponta para outra direção:

Todavia, devemos deixar os casos e as situações que resultam em uma obtenção de prazer para serem estudados por uma estética voltada à dimensão econômica; eles de nada servem para os nossos propósitos, pois pressupõem a existência e o domínio do princípio de prazer, e nós estamos justamente em busca da ação de tendências que estariam além do princípio de prazer, isto é, tendências que seriam mais arcaicas e que atuariam de forma independente do princípio de prazer.¹⁴⁶

É, portanto, na busca de tendências “mais arcaicas”, que se sobrepõem ao princípio de prazer, que o autor volta sua investigação para o fenômeno da transferência na clínica. O psicanalista observou que a técnica de desvelar para o paciente suas resistências, para tentar convencê-lo a abrir mão delas e, assim, tornar o recalcado inconsciente acessível para a consciência, mostrou-se ineficaz. Notou que o analisando vê-se “forçado” a repetir as vivências recalçadas como se fossem experiências presentes, ao invés de recordá-las, como sendo eventos do passado e atribuiu a esse fenômeno o nome de “compulsão à repetição” (*Wiederholungszwang*).

As vivências penosas da vida sexual infantil são exemplos disso. São experiências vinculadas a pulsões que, além de serem inconciliáveis com a exigências do eu, também não causaram prazer nem quando satisfeitas no passado, pelo contrário, apenas trouxeram desprazer. Mesmo assim, na relação transferencial que se estabelece entre analisando e analista, o primeiro é coagido a repetir esses fragmentos de sua vida passada: “A ação das pulsões é repetida mesmo assim, há uma coação (*Zwang*) que obriga a essa repetição”¹⁴⁷.

Levando em conta tais observações a respeito do que ocorre na relação transferencial, Freud assume a hipótese de que existe, na vida psíquica, uma compulsão à repetição e que ela ultrapassa o princípio de prazer, já que, nesta situação, a impossibilidade de verificar o ganho de prazer é conclusivamente estabelecida. Entretanto, reconhece que é difícil identificar esta compulsão agindo em estado puro no psiquismo, isto é, sem a influência de outras circunstâncias, como ocorre na brincadeira infantil e na repetição de vivências que causaram prazer quando de sua satisfação no passado. Ele aponta, no entanto, que os sonhos em pacientes que sofrem de neurose traumática são um exemplo da manifestação mais pura dessa coação. A situação que se

¹⁴⁶ Ibid., p. 143.

¹⁴⁷ Ibid., p. 147.

coloca é a seguinte: todos os fenômenos destacados não estão suficientemente esclarecidos quando explicados apenas através de hipóteses já estabelecidas pela psicanálise e, ao olhar para a série de exemplos, é possível verificar que o ponto de intersecção entre eles é a repetição, portanto, diante deste cenário, Freud afirma que assumir a hipótese da existência de uma compulsão à repetição no psiquismo seria um movimento teórico legítimo. Tudo se passa como se a investigação dos fenômenos de repetição avançasse no sentido de colocar em primeiro plano situações em que a obtenção de prazer seja cada vez menos evidente e a repetição de vivências desprazerosas cada vez menos compreensível no contexto da teoria psicanalítica. Monzani explica a decisão de Freud em assumir a hipótese destacada pelo valor probatório que os exemplos, colocados em série, proporcionam:

[...] a estratégia de Freud parece ser a de que o argumento singular, por si só, nada prova, só adquirindo valor quando se insere numa série. É a série, enquanto tal, que tem valor probatório. Em si mesmas as neuroses traumáticas e suas consequências nada provam. Nem as brincadeiras e os jogos infantis. Nem essas estranhas características do neurótico que, no processo de análise, insiste em, no lugar de rememorar, repetir situações. Nem as pessoas acometidas pela neurose de destino, se consideradas isoladamente provam coisa alguma. Nenhum desses fatos, tomados isoladamente, leva a ponto algum. Mas a relação, ou melhor, seu arranjo, não deixa de ser ilustrativo. Em todos os casos apontadas, trata-se de *uma atividade que não parece visar diretamente o prazer* (embora possa ser assim interpretada) ¹⁴⁸.

*

Após eleger os sonhos nas neuroses traumáticas para investigar as situações em que parece haver algo além do princípio de prazer comandando o funcionamento psíquico, Freud, antes de iniciar a montagem do aparelho anímico, anuncia que irá se aventurar no terreno da especulação:

O que se segue é pura especulação, que muitas vezes remonta ao passado longínquo e que cada um, de acordo com sua posição subjetiva, poderá levar em consideração ou desprezar. De resto, trata-se de uma tentativa, movida por pura curiosidade, de explorar uma ideia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar ¹⁴⁹.

O ponto de partida para sua especulação e para a montagem do aparelho é a constatação, feita a partir da investigação dos processos psíquicos, de que a consciência não é um atributo universal destes processos, mas apenas a função de um dos sistemas do aparato anímico— o sistema *Cs* —que é responsável por fornecer as percepções de excitações que provêm do mundo exterior, bem como as sensações de prazer e desprazer, que provêm do interior do aparelho psíquico. A partir dessas considerações lhe atribui uma *localização espacial*: ele deve estar situado na fronteira

¹⁴⁸ Monzani, 1989/2014, pp. 151-2, grifos do autor.

¹⁴⁹ Freud, 1920/2006, p. 149.

entre o interior o exterior e voltado para o mundo externo, formando uma camada que recobre os outros sistemas. O passo seguinte da argumentação é extrair as consequências desta localização.

Freud relaciona a localização atribuída ao sistema *Cs* com a característica que lhe é própria: os processos psíquicos que ocorrem neste sistema possuem a qualidade da consciência. Diferentemente do que ocorre nos outros sistemas psíquicos, no sistema *Cs*, os processos de excitação não deixam atrás de si nenhuma alteração permanente (fundamento da memória), pois, se assim fosse, tal sistema logo se sobrecarregaria, estaria completamente modificado e, portanto, não apto para receber novos estímulos. Assim, tornar-se consciente e deixar atrás de si um traço de memória são atributos incompatíveis, que não podem ocorrer para os processos excitatórios de uma mesma instância psíquica. Como foi destacado no segundo capítulo deste trabalho, essa explicação foi exposta por Freud quando da elaboração do seu primeiro modelo de aparelho psíquico publicado, em *A interpretação dos sonhos* (1900). O autor afirma que é como se a consciência surgisse “no lugar do traço de memória”. A peculiaridade dos processos excitatórios no sistema *Cs* é, portanto, tributária de sua localização: “Essa exceção a uma regra geral só poderia ser explicada por um fator que se aplicasse exclusivamente a esse sistema específico”¹⁵⁰.

Para explorar as consequências deste contato direto do sistema *Cs* com o meio exterior, o autor toma como modelo um organismo vivo, em sua versão mais simplificada, menos organizada, algo como uma vesícula indiferenciada de substância excitável, inserida em um meio capaz de afetá-la. Apoiado em dados da embriologia, Freud supõe que, por conta do impacto incessante de estímulos que incidem sobre a vesícula viva, sua superfície se alteraria de modo permanente, até uma determinada profundidade, de modo que a recepção de estímulos nesta parte alterada se processaria de maneira diferente do que ocorre no resto do organismo.

O modelo reúne, portanto, algumas características importantes: trata-se de um organismo vivo, definido por um limite que separa seu interior, capaz de ser afetado por excitações e o meio que o circunda, caracterizado por grandes quantidades de energia em movimento. Além disso, sua interação com o ambiente lhe proporcionou uma primeira diferenciação, que faz com que os estímulos se processem de modo diferente na parte diferenciada.

Aplicando este modelo ao esquema do aparelho psíquico, a parte mais externa da vesícula, diferenciada, corresponderia ao sistema *Cs*. Assim, sua diferenciação, decorrente de sua localização, faria com que a passagem da excitação por seus elementos não produzisse nenhuma modificação duradoura, pois estes já teriam se alterado em definitivo, como ocorreu com a camada

¹⁵⁰ Ibid., p. 150.

mais externa da vesícula. Freud acrescenta: “Esses elementos agora estariam capacitados a fazer a consciência surgir”¹⁵¹.

A pergunta que se coloca, então, é a seguinte: em que consiste essa modificação sofrida pelo sistema *Cs*, decorrente de sua localização? Para responder à questão, Freud retoma a tese desenvolvida em *Projeto...*¹⁵², de que a excitação, ao passar de um elemento a outro do sistema psíquico, precisa vencer uma resistência e que, ao fazê-lo, produz a inscrição de um traço duradouro. Assim, é possível que a modificação do sistema *Cs* tenha feito com que a passagem da excitação de um elemento a outro ocorra sem nenhuma resistência, de modo que não haveria inscrição de traços de memória. O autor afirma, no entanto, que esta é apenas uma hipótese. Entretanto, apesar de seu caráter de incerteza, ela permite articular uma explicação relacionando a origem da consciência, sua localização e a peculiaridade dos processos excitatórios que nela ocorrem.

Laplanche, no curso de suas considerações sobre as montagens dos modelos de aparelho psíquico empreendidas por Freud e sobre o uso que o autor faz do termo *Vorbild* para referir-se a uma imagem, uma primeira ideia, um protótipo do conceito que está sendo explicado, reconhece dois tipos diferentes de modelos utilizados para explicar o psiquismo: o modelo de memórias e o modelo de nível. No primeiro cenário, que, de acordo com o comentador, é o caso do capítulo VII de *A Interpretação...* e da primeira parte do *Projeto...*, trata-se de modelos de livre circulação de energia e que podem, em alguma medida, serem aproximados dos atuais modelos informáticos¹⁵³. O segundo tipo é o caso da vesícula protoplasmática que aparece no capítulo IV de *Além...*. Para Laplanche, o que está em jogo, neste caso, é um modelo muito mais próximo da noção de um organismo e que, portanto, exige explicações fundamentadas em preceitos biológicos. O comentador afirma que o modelo é ambíguo: em alguns momentos pode ser interpretado como um organismo primitivo, em outros, Freud é mais claro ao pontuar a referência ao aparelho psíquico e, ainda é possível pensar que se trata de explicar o aparelho psíquico a partir da ideia de uma forma simplificada de vida, que vai adquirindo complexidade quando do seu contato com o meio. O que interessa principalmente no modelo de nível é a imagem de uma vesícula viva que procura, de todas as maneiras, manter um determinado nível energético, isto é, a condição de homeostase:

Um aparelho de nível é, antes de mais nada, um aparelho energético, leva em consideração quantidades de energia e, sobretudo, diferenças entre quantidades de energia; levando em conta essas diferenças, o aparelho tem por função e como única

¹⁵¹ Ibid., p. 151.

¹⁵² Conferir pp. 37-8 deste trabalho.

¹⁵³ Laplanche, 1985, pp. 22-3.

finalidade manter-se em existência, o que, *para ele*, não é outra coisa senão manter constante seu nível. É o que se chama de homeostase e princípio de homeostase¹⁵⁴.

Laplanche afirma que o olhar biológico adotado por Freud cumpre a função de assinalar, em primeiro lugar, uma anterioridade quanto à origem, partindo da evidência de que, antes de sofremos influências da cultura, somos seres vivos, dando a ideia de que um estágio puramente biológico do psiquismo deve ser anterior a um estágio cultural. Um segundo aspecto a ser notado no emprego do olhar biológico é a perspectiva evolutiva. Um ser vivo com uma origem, confrontado com um meio que, para adaptar-se, evolui para estágios mais complexos, acumulando diferenciações. Coloca-se a ideia de que a origem do sistema psíquico, bem como sua evolução e adaptação sejam regidas também por leis biológicas.

A ideia principal que o modelo de nível permite que seja apresentada é, portanto, a de “quantidades de energia e, sobretudo, diferenças entre quantidades de energia”, separadas por um limite. Em um primeiro momento, o aparelho tem como função ou finalidade manter-se vivo. Para a vesícula, manter-se viva significa manter constante a diferença energética que existe entre o seu interior e o seu exterior – como já foi dito, manter a homeostase. É importante notar que o nível energético é menor no interior da vesícula do que em seu exterior, de modo que o invólucro é responsável por resguardar essa quantidade:

O organismo possui uma reserva energética própria e, acima de tudo, precisa esforçar-se para manter as formas específicas de transformação de energia que nele operam livres das influências capazes de igualar e rebaixar as diferenças, portanto, protegidos do efeito destrutivo das energias superintensas que operam no mundo exterior¹⁵⁵.

Assim, a ideia de uma vesícula viva como modelo implica em considerar que há um nível energético específico sob o qual ela mantém um bom funcionamento e o limite que engendra o próprio envoltório tem a função de resguardá-lo. Além disso, a própria substância possui mecanismos internos que contribuem para a manutenção deste nível energético. A ideia que se coloca é a de neutralização de influências do mundo exterior e, portanto, de uma defesa. Nas palavras de Laplanche (1980/1998):

O essencial é que temos um limite e que esse limite tem uma significação econômica, energética: serve para proteger e para manter uma diferença de nível. Seja “*n*” a estiagem energética interna, em relação a um nível “*N*” no exterior: trata-se de manter um nível constante no interior do sistema do organismo vivo, protegendo-o das energias extremamente potentes que funcionam no exterior. É, portanto, uma concepção do vivo como homeostase, manutenção de um nível constante, delimitado e preservado por seu invólucro.¹⁵⁶

¹⁵⁴ Ibid., p. 27, grifos do autor.

¹⁵⁵ Freud, 1920/2006, p. 152.

¹⁵⁶ Laplanche, 1980/1998, p. 178.

O meio que circunda a vesícula é caracterizado por Freud como o caos energético: o envoltório é constantemente bombardeado por fluxos de energia de grande magnitude que podem, a qualquer tempo, destruí-lo. É por conta deste bombardeio de estímulos e da ameaça à vida que surge a primeira diferenciação no modelo da vesícula– o escudo protetor (*Reizschutz*):

Esse fragmento de substância viva flutua em meio a um mundo exterior que está carregado de energias de grande intensidade e, se não possuísse um *escudo protetor de estímulos*, não tardaria a ser aniquilado pela ação desses estímulos. O escudo protetor se forma quando a superfície mais externa da vesícula perde a estrutura característica da matéria viva, isto é, quando, até certo ponto, ela se torna inorgânica e passa a funcionar como envoltório especial ou como uma membrana destinada a amortecer estímulos¹⁵⁷.

O bombardeio de estímulos foi a causa de uma modificação na membrana mais externa do envoltório e a sobrevivência foi o motivo ou fim para que tal modificação ocorresse. O desenvolvimento do escudo pára-excitação na vesícula possui um significado biológico. O recurso desenvolveu-se a partir de uma adaptação diante de fatores ambientais, na medida em que a finalidade da vesícula era manter-se viva. Freud explica o surgimento do escudo a partir de sua causa e também de sua finalidade.

O escudo protetor assume, portanto, o papel de sistema de defesa contra o perigo exterior e, ao mesmo tempo em que é parte dessa versão simplificada de organismo, é o que, com sua morte, garante a sobrevivência do mesmo. O processo de diferenciação da vesícula viva não termina com o desenvolvimento desta camada inorgânica. Com a sua morte, a quantidade de energia que é transmitida para as camadas imediatamente inferiores é a adequada para garantir o processamento dos estímulos do ambiente sem que haja desequilíbrio energético no interior do invólucro. Assim, passa a ser função da camada seguinte a percepção do mundo externo, que orientará o organismo.

Neste momento do texto, Freud afirma que, nos organismos mais desenvolvidos, esta camada que possui a função de recepção das quantidades e, conseqüentemente, percepção do ambiente, ao longo do processo evolutivo, transformou-se nos órgãos dos sentidos. Estes tornaram-se dispositivos que funcionam como uma espécie de crivo para tipos específicos de estímulos, em quantidades apropriadas. Mais adiante, é explícito no que diz respeito à camada com função receptora: “mais tarde formará o sistema *C5*”¹⁵⁸.

É possível perceber, portanto, o tratamento ambíguo que o psicanalista dá ao modelo da vesícula: em alguns momentos parece tratar-se de um organismo primitivo como um todo,

¹⁵⁷ Freud, 1920/2006, p. 151, grifos do autor.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 153.

composto por partes definidas por suas funções e que, ao longo do processo evolutivo, vai adquirindo uma organização nervosa mais complexa. Em outros, a trajetória evolutiva do modelo parece conduzir à ideia não de um organismo inteiro, por mais simplificado que seja, mas do próprio sistema nervoso.

*

Seguindo a intenção de abordar os sonhos na neurose traumática, escolhidos, em um primeiro momento, como campo privilegiado para investigar a relativização do domínio do princípio de prazer na vida psíquica, após empreender a montagem do aparelho e do seu sistema de defesas, Freud volta-se para o problema da falha nesse sistema. Para tanto, o autor começa com a explicação do traumatismo físico que é definido justamente como uma ruptura no sistema de defesas – no escudo protetor – da vesícula viva, por quantidades de grande magnitude, oriundas do meio ambiente. Nesses casos, o escudo protetor, por ter se tornado inorgânico, é capaz de oferecer alguma proteção ao organismo e o trauma só ocorre quando o estímulo for suficientemente intenso para rompê-lo. Quando ocorre a ruptura, a vesícula é inundada por grandes quantidades de energia e entra em estado de desequilíbrio energético. Para garantir sua sobrevivência, é necessário que certos mecanismos sejam colocados em ação. O modelo metapsicológico da dor oferece algumas diretrizes para compreender tais mecanismos.

A dor física, de acordo com o autor, é uma consequência do rompimento do escudo protetor em uma área limitada. Partindo desta área, as excitações fluem livremente e continuamente até o aparelho psíquico central, como ocorre com as excitações vindas do interior do organismo. Diante desta situação, para voltar ao equilíbrio, o sistema precisa recrutar energia de investimento de diversas regiões do psiquismo, a fim de garantir um contrainvestimento com a magnitude necessária para ligar a energia que aflui pela área rompida. Isso provoca uma limitação importante dos sistemas psíquicos, fato que pode ser verificado no caráter paralisante da dor. Assim, não é apenas a efração que provoca a dor, mas o mecanismo de mobilização que tenta dar conta do fluxo de excitações que inundam o aparelho, quando do rompimento do escudo protetor. O autor acrescenta que quanto maior for a energia de investimento ligada disponível no aparelho anímico, mais sucesso este obterá ao tentar ligar (*binden*) as quantidades provenientes do trauma e, inversamente, quanto menos energia ligada estiver disponível, maior será a dificuldade para ligar a energia excedente. Comparando dois tipos diferentes de mecanismos de defesa – o escudo protetor e o recrutamento de energia para o contrainvestimento do afluxo de excitação proveniente

do exterior – da vesícula modelo, Laplanche afirma: “A reação dolorosa substitui o limite material, estável que é o para-excitações, por essa espécie de limite funcional que é justamente a ligação”¹⁵⁹.

É a luz destas considerações que Freud retorna ao problema das neuroses traumáticas. O psicanalista define a neurose traumática como a consequência de uma ruptura no escudo protetor, mas esclarece que, ao colocar a definição nestes termos, não pretende acompanhar a “velha e ingênua”¹⁶⁰ teoria do choque, que atribui importância etiológica à lesão orgânica dele decorrente. Para ele, a neurose se instaura devido ao susto (*Schreck*) e compara as duas formulações teóricas: “Enquanto esta última teoria concebe o choque como uma lesão direta da estrutura molecular ou mesmo da estrutura histológica dos elementos nervosos, nós procuramos compreender a ação do choque ao *aparelho psíquico*, a partir da ruptura do escudo protetor e de todas as consequências que daí resultam”¹⁶¹.

A importância do susto na etiologia deste quadro clínico vem do fato de que, uma vez que não há prontidão para o perigo, os sistemas superiores do aparelho psíquico não estão sobreinvestidos e, portanto, não são capazes de atar (*binden*) a grande quantidade de energia que flui para o seu interior, decorrente da ruptura da proteção. Sabe-se que, no caso do trauma físico, o excesso de excitação que inunda o sistema psíquico provém de uma lesão orgânica. Nas neuroses traumáticas não há uma lesão desta natureza e, mais do que isso, Freud afirma que a ocorrência de um ferimento físico diminuiria muito as chances de que o quadro clínico em questão se instaurasse. De onde, então, viria o excesso de excitação que, ao não ser ligado, resulta na neurose traumática? Para responder à questão, autor retoma considerações realizadas em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), ocasião em que afirma que abalos mecânicos, bem como a dor e febre podem exercer grande influência na mobilização de uma quantidade de excitação de natureza sexual. Assim, a agitação decorrente do trauma seria responsável por mobilizar uma certa quantidade de libido que, em razão da falta de preparação para o evento, produziria um efeito traumático. Se um ferimento físico ocorresse simultaneamente, ele mobilizaria o excesso de excitação gerado pelo abalo mecânico para realizar um contrainvestimento no órgão afetado e a neurose seria, portanto, evitada. Desse modo, uma lesão física exclui, ou pelo menos diminui, a possibilidade de que uma afecção psíquica ocorra.

Quando o sistema *Cs* é bombardeado por estímulos que surgem no próprio interior do corpo, não é possível contar com o escudo protetor como uma primeira forma de defesa e as perturbações geradas pelas excitações também podem ser capazes de desequilibrar toda a economia

¹⁵⁹ Laplanche, 1980/1998, p. 178.

¹⁶⁰ Freud, 1920/2006, p. 155.

¹⁶¹ Id., grifos nossos.

psíquica. As principais fontes dos processos excitatórios de origem interna são as pulsões (*Triebe*) definidas, neste momento, da seguinte maneira: “Elas são as representantes (*Repräsentanten*) de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico. Entretanto, as pulsões são o mais importante e também o mais obscuro objeto da investigação psicológica”¹⁶².

Como se sabe, as pulsões iniciam seu trabalho no sistema inconsciente do psiquismo. O estudo dos sonhos revela que os processos excitatórios nesse sistema envolvem energia em estado livre e móvel, que são capazes de operar condensações e deslocamentos e pressionam no sentido de escoamento. Vimos que, a esse tipo de processo psíquico, Freud deu o nome de *primário*. As pulsões obedecem, portanto, ao tipo primário de funcionamento. Desse modo, quando os processos excitatórios relacionados às pulsões alcançam os sistemas superiores do aparelho psíquico a tarefa que se impõe a estas instâncias é a de atar a energia livre destes processos, transformando-a em cargas de investimento presas, ligadas. Se tais instâncias fracassam nesta tarefa, ocorre uma perturbação econômica no aparelho, análoga àquela decorrente da neurose traumática.

O autor afirma que, enquanto não há êxito na transformação das cargas de investimento móveis em cargas ligadas, o aparelho não pode funcionar sobre a regulação do princípio de prazer, pois a tarefa primeira que se impõe é a de ligar (*binden*) a energia, o que exige que a quantidade seja associada e, portanto, tolerada, para que só então ela possa ser descarregada. Não se trata de uma oposição ao princípio de prazer, mas de uma necessidade que se impõe e o antecede.

À luz destas considerações, Freud retoma os exemplos já destacados dos casos nos quais parece ter se instaurado uma compulsão à repetição no psiquismo. No caso da brincadeira infantil, a compulsão à repetição caminha junto com a satisfação pulsional— ao mesmo tempo em que a criança repete a brincadeira, ela obtém prazer por assenhorar-se de uma situação que, no passado, foi obrigada a viver passivamente. Já nos sonhos em pessoas que sofrem com a neurose traumática, a repetição parece ter como propósito empreender uma tentativa de ligar a quantidade de energia que inundou o aparelho e, não sendo capturada, ocasionou a enfermidade. Assim, a compulsão a repetição parece ocorrer com a proposta de preparar o psiquismo para que o princípio de prazer seja instaurado. Mas, no caso da reprodução de vivências penosas da infância, no campo da relação transferencial com o analista, a repetição, segundo Freud, sobrepõe-se ao princípio de prazer em todos os sentidos. A série de exemplos trazidos por Freud vai progressivamente demarcando uma oposição gradual entre o princípio de prazer e a repetição, até que esta se torne uma oposição absoluta. Como explica Monzani:

¹⁶² Ibid., p. 158.

Ora ela [a compulsão à repetição] parece estar trabalhando em conjunção com o princípio de prazer, como nos casos dos jogos infantis, em que a compulsão à repetição a satisfação pulsional, que é imediatamente agradável, parecem convergir em associação íntima, ora ela parece ter a função de preparar a instauração deste princípio, como no caso dos sonhos na neurose traumática a que nos referimos. Ora por fim, ela parece manifestar algo em absoluta oposição com este princípio, como seu completo negativo, como nos casos da repetição transferencial¹⁶³.

Mesmo com todo o desprazer que as acompanha, o analisando é coagido a repetir tais vivências recalçadas, como fatos do presente, em vez de recordá-las, como lembranças do passado. Os traços de tais lembranças fazem parte do recalcado inconsciente e estão, portanto, investidos de energia no estado móvel e livre, que pressionam para escoar.

Ainda que nas neuroses de transferência não ocorra uma efração no sistema de defesas do aparelho psíquico, a situação econômica que se instaura é a mesma que aparece no caso traumatismo físico e da dor – é imposta ao aparelho a tarefa de ligar uma grande quantidade de energia que o acomete de seu próprio interior, para que, depois, seja possível escoá-la, obedecendo ao princípio que comanda seu funcionamento:

Portanto, a tarefa das camadas superiores do aparelho psíquico seria justamente enlaçar e atar (*binden*) a excitação das pulsões que chegam ao processo primário. No caso de fracasso desse enlaçamento (*Bindung*), provocar-se-ia uma perturbação análoga à da neurose traumática. Só depois de ter havido um enlaçamento (*Bindung*) bem-sucedido é que poder-se-ia estabelecer o domínio irrestrito do princípio de prazer (e de sua modificação em princípio de realidade)¹⁶⁴.

Monzani observa que o percurso argumentativo freudiano desenha uma continuidade: “[...] da dor e do traumatismo corporal para a neurose traumática, e desta para as psiconeuroses. Trata-se de pensar a neurose traumática como *análoga* ao traumatismo corporal e as psiconeuroses como análogas às neuroses traumáticas¹⁶⁵. A neurose traumática funciona, portanto, como ponto de contato, como um termo médio, entre situações que são quase excludentes: o traumatismo corporal e psiconeurose.

Qual seria, então, a relação que se estabelece entre a compulsão à repetição e o que é pulsional? Poder-se-ia pensar que o recalçamento destas lembranças ocorreu por se tratar de moções pulsionais que, caso alcançassem a consciência, gerariam desprazer para o eu, mas prazer advindo da satisfação pulsional. Freud destacou, no entanto, que a repetição destas vivências é sempre dolorosa, contrariando o princípio de prazer em todos os sentidos. Mas, ao mesmo tempo, não é possível pensar em uma defesa em relação à repetição, já que esta se instaura como uma

¹⁶³ Ibid., p. 174.

¹⁶⁴ Freud, 1920/2006, p. 158.

¹⁶⁵ Monzani, 1989/2014, p. 169, grifos do autor.

consequência do próprio recalçamento: a pulsão se repete porque faz parte do recalçado inconsciente. Mezan esmiúça a montagem freudiana:

É desta forma que o quebra-cabeças pode ser ordenado: na neurose traumática, em que não houve repressão, a excitação tem que ser dominada pela repetição, que portanto atua a serviço do princípio de prazer; mas nas neuroses de transferência, cuja pré-condição é a repressão, o que se repete é a própria pulsão, impedida de se manifestar de outra forma pela barreira repressiva¹⁶⁶.

Assim, Monzani conclui: “A repetição é um dos modos pelos quais o inconsciente trabalha seus conteúdos, é um dos operadores do inconsciente, ou melhor, é um dos seus modos de funcionamento. *Repetir é um dos modos de ser do psiquismo inconsciente*”¹⁶⁷.

Freud enfatiza que sua argumentação se desenvolve na direção de encontrar uma característica universal das pulsões, isto é, que esteja presente em todas elas, mas reconhece que talvez o alcance de sua formulação teórica seja ainda mais amplo: “Nesta altura, talvez estejamos na pista de encontrar uma característica universal das pulsões— *ou até mesmo da vida orgânica em geral*— a qual creio que até hoje ainda não foi claramente reconhecida, ou pelo menos não devidamente destacada”¹⁶⁸. É nesse contexto que o autor apresenta uma outra definição para as pulsões:

Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente (Drang) interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças conservadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica¹⁶⁹.

É possível perceber algumas diferenças em relação à definição anteriormente apresentada, neste mesmo texto. As pulsões haviam sido definidas como as principais fontes de excitações que atingem o aparelho psíquico a partir de seu próprio interior, pressionam no sentido do escoamento, pois estão relacionadas com o processo primário, e referem-se à representação psíquica de estimulações de origem somática. Na definição apresentada no parágrafo anterior, Freud expõe a ideia de uma força de natureza conservadora, que busca estabelecer um estado anterior e que, ainda que tenha sua origem no interior do organismo, é apresentada como a manifestação de uma “tendência da vida orgânica em geral”. O alcance da definição é, sem dúvidas, mais amplo e os exemplos que o autor evoca para ilustrá-la também apontam nesse sentido. Ele fala da migração dos peixes e das aves, empreendidas no momento da reprodução. Tais animais procurariam moradas anteriores que as espécies procuravam para reproduzir-se e que, com o passar do tempo,

¹⁶⁶ Mezan, 1982/2013, p. 258.

¹⁶⁷ Monzani, p. 177, grifos do autor.

¹⁶⁸ Freud, 1920/2006, p. 160, grifos nossos.

¹⁶⁹ Id., grifos do autor.

foram trocadas por outras. Outro exemplo colocado refere-se às fases de desenvolvimento de um embrião, que repete as fases de desenvolvimento de cada uma das estruturas das quais o animal descende. A pulsão aparece, portanto, como fator que influencia a história evolutiva dos seres vivos.

Freud afirma, ainda, que, se as condições do ambiente se mantivessem as mesmas, os primeiros seres vivos nunca teriam alcançado outros estágios do desenvolvimento, sua vida repetiria sempre o mesmo trajeto. No entanto, com a imposição de fatores ambientais, o processo evolutivo entrou em curso. De acordo com o autor, as pulsões, devido à sua natureza conservadora, assimilaram cada um destes desvios impostos à vida pelas condições do ambiente e forçam o organismo a repetir esses percursos. Daí a aparência de que seriam forças que pressionam no sentido do desenvolvimento e da mudança. Levando ao limite esta ideia, o psicanalista aponta o “objetivo final” dessa “tendência orgânica”¹⁷⁰:

Não é difícil apontar o objetivo final dessa tendência orgânica. Se o objetivo da vida fosse chegar a um estado nunca alcançado anteriormente, isso estaria em frontal contradição com a natureza conservadora das pulsões. Portanto, esse objetivo deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo que passar por todos os desvios tortuosos do desenvolvimento. Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões *internas*, então podemos dizer que: *O objetivo de toda a vida é a morte*, e remontando ao passado: *O inanimado já existia antes do vivo*¹⁷¹.

O autor segue supondo que, quando a vida surgiu ou “foi despertada”¹⁷² na matéria inanimada, através de mecanismos ainda desconhecidos, gerou-se uma tensão na substância, até então inanimada, e, assim, surgiu também a primeira pulsão: a pulsão para distensionar-se, para retornar ao estado inanimado. Ao longo da evolução dessa substância, diante dos obstáculos impostos pelo ambiente, ela precisou percorrer caminhos cada vez maiores, desviando-se de sua meta: a de retornar ao estado inanimado. De acordo com Freud, tais desvios foram preservados pelas pulsões, dada a sua natureza conservadora, e nos permitem visualizar o quadro geral da evolução da vida.

O autor reconhece a aparência de “sentido profundo” e até “místico” de suas considerações. No entanto, afirma que, na tentativa de manter sua hipótese sobre a natureza conservadora das pulsões, necessariamente precisa especular sobre a origem e o objetivo da vida. Mesmo assim, reforça a intenção de que os resultados de sua tentativa de explorar uma ideia até o final sejam objetivos, e lhe forneçam o caráter de certeza:

¹⁷⁰ Ibid., p. 161.

¹⁷¹ Id., grifos do autor.

¹⁷² Id.

Embora o resultado de nossas tentativas possa parecer algo como um “sentido profundo” ou mesmo soar como uma ideia mística, essas críticas não nos atingem, pois não é isso que buscamos; ao contrário, queremos que os resultados de nossas pesquisas e hipóteses baseadas nesses resultados sejam objetivos, por tanto, nosso desejo é que tenham o caráter de certeza¹⁷³.

*

No segundo capítulo deste trabalho, foi possível verificar, em momentos selecionados na obra de Freud, que a construção das hipóteses especulativas sobre a estrutura do psíquico e seu modo de funcionamento exigem que o autor recorra a princípios mecânicos e biológicos de explicação. No entanto, é em *Além...* que não só a perspectiva biológica, como a atividade especulativa são colocadas, como mostramos, em primeiro plano. Sobre o artigo de 1920, Laplanche coloca o seguinte questionamento: “Mais do que nunca, o problema do “biologismo” freudiano nos pressiona aqui de todos os lados; qual é a função deste recurso às ciências da vida que se apresenta ora sob o aspecto de uma especulação sem limite, ora como uma referência a uma experimentação precisa?”¹⁷⁴.

Abordar o psíquico como um organismo vivo conduziu, como foi exposto, a formulações sobre a origem e o objetivo da vida. Diante do alcance das explicações freudianas, procurou-se situar minimamente a questão do problema da irreducibilidade do organismo a explicações meramente mecânicas na história da Filosofia. Para tanto, procurou-se explorar brevemente a redução da explicação dos seres vivos a leis mecânicas, que teve lugar com a revolução científica do século XVII e utilizava a máquina como metáfora, e confrontá-la com a tese kantiana de que os juízos sobre os organismos devem assentar-se não só sobre asserções mecânicas, mas exigem a consideração da questão teleológica para que as explicações sejam, de fato, completas, permitindo o avanço da investigação científica. A digressão não tem como objetivo traçar uma continuidade de ideias entre as explicações do organismo de um ou outro tipo e as formulações de Freud, mas apenas encontrar um ponto de apoio que ajude a pensar o psíquico como vivo, esboçado em *Além...*

¹⁷³ Id.

¹⁷⁴ Laplanche, 1985, p. 109.

A redução da explicação do organismo vivo a leis mecânicas

De acordo com Cottingham¹⁷⁵, uma das principais características da revolução científica do século XVII, que tem em Descartes um de seus principais inauguradores, é o reconhecimento de que a explicação dos fenômenos através da evocação de causas finais subordinava a investigação científica a preceitos teológicos. Em outras palavras, atribuir a causa dos fenômenos à criação divina, como preconizava a teleologia universal aristotélica, embargava o processo da investigação científica. Neste contexto, Descartes propõe uma explicação completa do universo físico recorrendo exclusivamente a leis mecânicas, aplicáveis a toda matéria em movimento, o que culminou no abandono da busca pelas causas finais. Encontra-se na Quarta Meditação Metafísica: “[...] todo esse gênero de causas que se costumam tirar do fim não é de uso algum das coisas físicas ou naturais; pois não me parece que eu possa sem temeridade procurar e tentar descobrir os fins impenetráveis de Deus”¹⁷⁶.

Descartes adotou, portanto, a concepção mecanicista para a investigação da matéria, fosse ela animada ou inanimada, lançando mão das causas eficientes na explicação dos fenômenos, em detrimento das causas finais. O mecanicismo fundamenta-se na ideia de que a realidade física pode ser identificada a um conjunto de partículas que se agitam e se entrecrocaram. A metáfora que serve de base a esse tipo de explicação é a da máquina: em seu conjunto, o mundo se apresenta como uma espécie de sistema mecânico, constituído por um conjunto de partículas agindo umas sobre as outras, da mesma forma que as engrenagens de um relógio. Assim, qualquer que seja o fenômeno estudado, o empreendimento científico procura elucidar certo número de elementos últimos e descobrir as leis que determinam suas manifestações. Para o filósofo, a natureza nada mais é do que uma máquina complexa, na qual a matéria e a energia, cooperando e interagindo de diversos modos, desempenham o papel de constituintes últimos.

Cottingham explica que o modelo mecanicista adotado por Descartes na investigação científica possui quatro aspectos que merecem ser ressaltados. O primeiro deles é a explicação de macrofenômenos através de sua redução à interação de micropartículas. O segundo traço é a recusa de explicar o movimento da matéria a partir de “forças ocultas”, como “misteriosos poderes em pedras e plantas” ou “maravilha das influências simpáticas e antipáticas”, pois tudo deve ser explicado a partir da figura e do movimento das partes constituintes da matéria. O terceiro aspecto a ser ressaltado é a atitude “simplificadora” da abordagem cartesiana, segundo a qual a “natureza se vale apenas de meios muito simples” e, ainda que a observação leve a supor o alto grau de

¹⁷⁵ Cottingham, 1943/1995, p. 103.

¹⁷⁶ Descartes, [1641/42]/1962, p. 161.

complexidade de um fenômeno, os mecanismos que o engendram devem ser tão simples quanto “aqueles familiares ao artesão no macromundo”. Em quarto lugar, para o filósofo, os mecanismos da natureza exibem uma total homogeneidade: o funcionamento dos corpos naturais “animados” e “inanimados” e dos fenômenos naturais e daqueles que são provocados pelo próprio homem são regidos pelas mesmas leis e, portanto, devem ser explicados da mesma maneira¹⁷⁷.

De acordo com o quarto aspecto do modelo, é possível explicar o corpo vivo a partir das mesmas leis utilizadas para explicar o funcionamento de uma máquina. Essa aproximação é possível porque, para o filósofo, a diferença entre “máquinas naturais” e “artificiais” não se encontra nos princípios de seus movimentos, mas sim na dimensão, na quantidade e na capacidade dos órgãos presentes em ambas. Assim, para a explicação do organismo, só devem ser considerados a figura e o movimento de suas partes, não há a necessidade de introduzir uma “alma vegetativa ou sensitiva”, já que os processos fisiológicos como “o crescimento, digestão, a respiração, a percepção dos órgãos sensoriais, os movimentos internos dos apetites e o movimento externo dos membros”, podem ser explicados a partir da disposição dos órgãos (partes) “de um modo tão natural quanto se explica o movimento de um relógio, ou de outro autômato, como decorrência de uma configuração de seus contrapesos e engrenagens”¹⁷⁸. Em *Princípios de filosofia* é possível verificar que a passagem da máquina ao organismo é possível na medida em que há entre os dois apenas uma diferença de tamanho das estruturas e complexidade de sua organização:

Não vejo diferença alguma entre artefatos e corpos naturais, a não ser que as operações de artefatos são, em sua maioria, ocasionadas por mecanismos grandes o suficiente para que os sentidos os percebam com facilidade— como de fato o devem ser para que os seres humanos sejam capazes de fabricá-los. Os efeitos produzidos na natureza, pelo contrário, quase sempre dependem de estruturas tão diminutas que nos iludem completamente os sentidos. Além disso, a mecânica é uma divisão ou um caso operacional da física, e todas as explicações que pertencem à esta, pertencem também àquela; é tão natural, portanto, um relógio montado com estas ou aquelas engrenagens informar a hora, quanto uma árvore nascida desta ou daquela semente produzir o fruto adequado. Os homens experientes na lida com a maquinaria são capazes de tomar uma máquina especial cuja função é conhecida, e, examinando uma de suas partes, fazer com facilidade uma conjectura acerca do desenho das partes que não podem ver. Da mesma maneira, tentei considerar os efeitos observáveis e parte dos corpos naturais para recuperar as causas imperceptíveis e as partículas que as produziram.¹⁷⁹

Ao aplicar o modelo da máquina para explicar o corpo animado, ele passa a ser encarado como uma engrenagem bastante complexa e aprimorada, produzida por um artesão divino, infinitamente hábil:

¹⁷⁷ Cf. Cottingham, 1943/1995, pp. 103-4.

¹⁷⁸ Descartes, 1637/1962, p. 78.

¹⁷⁹ Descartes, 1644/2007, p. 286.

O que não parecerá de modo algum estranho a quem, sabendo quão diversos os *autômatos*, ou máquinas móveis, a indústria dos homens pode produzir, sem empregar nisso senão pouquíssimas peças, em comparação à grande multidão de ossos, músculos, nervos, artérias, veias, e todas as outras partes existentes no corpo de cada animal, considerará esse corpo como uma máquina que, tendo sido feita pelas mãos de Deus, é incomparavelmente melhor ordenada e contém movimentos mais admiráveis do que qualquer das que possam ser inventadas pelos homens.¹⁸⁰

A função regulativa da teleologia no ajuizamento de processos orgânicos

A filosofia de Kant, na condução da tarefa crítica, reconhece que é possível ampliar o conhecimento da natureza e da ação humana através de princípios teleológicos. No caso da investigação dos fenômenos naturais, os princípios teleológicos possuem um papel importante na suplementação das explicações meramente mecânicas, possibilitando o progresso da ciência. Não se trata, para o filósofo, de interferir nas explicações fundamentadas no princípio do mecanismo da causalidade física, mas de fornecer substrato para a completude sistemática do nosso conhecimento da natureza.

Nesse contexto, na *Crítica da faculdade de juízo teleológica*, segunda parte da *Crítica da faculdade do juízo*, Kant se debruça, a partir do § 64, sobre o tema do organismo ou fim natural (*Naturzweck*). O filósofo define algo como fim natural da seguinte maneira: “Uma coisa existe como fim natural, *quando* (ainda que num duplo sentido) *é causa e efeito de si mesma*”¹⁸¹. Para explicar os sentidos em que algo é causa e efeito de si mesmo, Kant recorre ao exemplo da árvore:

Uma árvore produz em primeiro lugar uma outra árvore segundo uma conhecida lei da natureza. A árvore, contudo, que ela produz, é da mesma espécie; e assim produz a si mesma segundo a espécie na qual ela se conserva firmemente como espécie, quer com efeito, quer ainda como causa, produzida incessantemente a partir de si mesma e do mesmo modo produzindo-se muitas vezes a si mesma.

Em segundo lugar, uma árvore produz-se também a si mesma como indivíduo. Na verdade, esta espécie de efeito designamo-la somente crescimento; mas isto deve ser tomado num sentido tal que seja completamente distinto de qualquer outro aumento segundo leis mecânicas e deve ser visto como uma geração (*Zeugung*) [...].

Em terceiro lugar, uma parte desta criatura produz-se também a si mesma do seguinte modo: a preservação de uma parte depende da preservação da outra, e reciprocamente. [...] De igual modo as folhas são verdadeiramente produtos da árvore, porém por sua vez preservam-na; com efeito uma desfolhagem matá-la-ia e o seu crescimento depende da ação das folhas no tronco¹⁸².

Assim, a reciprocidade de causa e efeito se expressa na auto-organização dos corpos orgânicos. Na reprodução, a árvore gera outra árvore de mesma espécie e, assim, a árvore como

¹⁸⁰ Descartes, 1637/1962, pp. 86-7.

¹⁸¹ Kant, C.F.J., § 64; 2005, p. 213, grifos do autor.

¹⁸² Ibid., pp. 213-4.

gênero é ao mesmo tempo causa e efeito de si mesma. Ao considerar seu crescimento, é possível verificar que ela, enquanto indivíduo, se produz e sustenta a si mesma. E por fim, a reciprocidade entre causa e efeito se mostra no caso da autodefesa, quando ocorrem ferimentos e outras deformações.

Kant contrasta o exemplo da árvore com o de um relógio, que, embora seja também uma totalidade organizada, já que uma parte existe em função da outra parte, não é um fim natural, pois nenhuma parte existe *através de* outra parte. Uma roda do relógio não pode produzir nenhuma outra roda, menos ainda pode um relógio produzir outro relógio ou consertar-se a si mesmo: “Num relógio uma parte é o instrumento do movimento das outras, mas uma roda não é causa eficiente da produção de outra; uma parte existe na verdade em função de outra, mas não é através (*durch*) dessa outra que ela existe”¹⁸³.

O filósofo acrescenta que, diferentemente do que ocorre com os fins naturais, a causa produtora da roda e de sua forma não está contida na matéria da própria roda, mas fora dela, em um outro ser. O relógio não pode substituir, por seus próprios meios, partes que lhe sejam subtraídas ou corrigir-se depois de uma pane. No entanto, Kant afirma que tudo isso é possível para a natureza organizada, na medida em que possui uma força formadora (*bildende*) e que se auto-organiza:

Um ser organizado é por isso não simplesmente uma máquina; esta possui apenas força motora (*bewegende*); ele pelo contrário possui em si força formado (*bildende*) e na verdade uma tal força que ele comunica aos materiais que não a possuem (ele organiza). Trata-se de uma força formadora que se propaga a si própria, a qual não é explicável só através da faculdade motora (o mecanismo)¹⁸⁴.

Na ideia de fim natural, o todo não é dado, mas é pressuposto e se revela “como fundamento de conhecimento da unidade sistemática da forma e ligação de todo o múltiplo que está contido na matéria dada, para aquele que ajuíza essa coisa”¹⁸⁵. O que é dado é uma série de cadeias causais que para o entendimento é contingente e que somente assume uma “unidade sistemática” pela operação realizada pela faculdade de juízo reflexiva, que subsumi aquele múltiplo numa regra, a saber: a conformidade a fins (*Zweckmässigkeit*).

A conformidade a fins não surge do entendimento, mas da faculdade de julgar teleológica, ao contrário da causalidade, que é um conceito do entendimento e, enquanto tal, constitutiva para todo objeto natural: “O conceito de uma coisa, enquanto fim natural em si, não é [...] nenhum conceito constitutivo do entendimento ou da razão, mas pode ser um conceito regulativo para a

¹⁸³ Ibid., p. 216.

¹⁸⁴ Ibid., p. 217.

¹⁸⁵ Ibid., p. 216.

faculdade de julgar reflexiva (...)”¹⁸⁶. Portanto, a conformidade a fins é apenas regulativa e não constitutiva: o objeto natural já está completamente formado pela cooperação da intuição e entendimento. Não é algo que pode ser observado empiricamente, mas um princípio que a faculdade de julgar reflexiva acrescenta à observação para julgar a natureza. Isso não quer dizer que se trata de uma ideia subjetiva, mas, antes, é um universal e necessário, pois somente desse modo o organismo é entendido como organismo, ou seja, como um produto natural, definido por Kant como um objeto em que “tudo é reciprocamente fim e meio”.

O juízo de processos orgânicos como conforme a fins é objetivo e não subjetivo¹⁸⁷, real e não meramente intelectual¹⁸⁸ e interno ao objeto e não externo a ele¹⁸⁹. A conformidade a fins é objetiva porque pertence ao próprio organismo, isto é, juízos teleológicos expressam algo sobre o objeto e não – como juízos estéticos – sobre sua relação com o sujeito. É real ou material e não apenas formal e intelectual porque, de fato, atribuí aos processos orgânicos um fim natural, por exemplo, a autoconservação.

Isso não quer dizer que a produção de certas coisas da natureza, ou do todo da natureza, é apenas possível mediante uma causa que age segundo intenções. Fazer essa afirmação é um procedimento dogmático, em que se julga a partir da faculdade de julgar determinante: a respeito da determinação dos objetos, utilizando conceitos de modo constitutivo. O que Kant afirma é outra coisa: “segundo a constituição específica das minhas faculdades de conhecimento não posso julgar de outro modo a possibilidade daquelas coisas e a respectiva produção, senão na medida em que penso para aquelas uma causa que atua intencionalmente, a qual é produtiva segundo a analogia com a causalidade de um entendimento”¹⁹⁰.

Somos, de acordo com o filósofo, necessariamente obrigados a atribuir o conceito de intenção à natureza para investigá-la em seus produtos organizados. No entanto, por tratar-se de um princípio regulativo da faculdade de julgar reflexiva, o resgate da teleologia, em Kant, não prova a existência de um ser inteligente causador da natureza, mas, antes, mostra que, segundo a constituição de nossas faculdades cognitivas e subsequente combinação da experiência com os maiores princípios da razão, não podemos formar o conceito de um mundo com seres organizados senão através da ideia de uma causa suprema que opere intencionalmente: “[...] não podemos demonstrar de forma objetiva a proposição: existe um ser originário inteligente; só o podemos de modo subjetivo, para o uso da nossa faculdade de juízo, na sua reflexão sobre os fins da natureza,

¹⁸⁶ Ibid., p. 218.

¹⁸⁷ Cf. Kant, C.F.J., § 61; 2005, p. 203.

¹⁸⁸ Cf. Kant, C.F.J., § 62; 2005, p. 211.

¹⁸⁹ Cf. Kant, C.F.J., § 63; 2005, p. 209.

¹⁹⁰ Ibid., p. 239.

os quais não são pensáveis segundo qualquer outro princípio a não ser o de uma causalidade de uma causa suprema”¹⁹¹.

Höffe explica que, na primeira parte da *Crítica da faculdade de julgar teleológica*, a *Analítica da faculdade de julgar teleológica*, Kant desenvolve o conceito de conformidade a fins para o orgânico. Na segunda parte, a *Dialética da faculdade de julgar teleológica*, ele investiga a complementação recíproca de asserções teleológicas e causais no conhecimento do ser vivo, contribuindo para a pesquisa em Biologia:

[...] muitos biólogos e estudiosos da Medicina concedem que organismos apresentam uma estrutura de atuação de inúmeros processos de regras entrelaçados, cujas partes em verdade podem ser explicadas com a ajuda de leis físicas e químicas, portanto, causalmente, mas que em sua estrutura total todavia podem ser vistas como conformes a fins. As partes e os processos servem, por exemplo, para a conservação e a reprodução do sistema, bem como para a sua adaptação a condições ambientais mudadas¹⁹².

Um conceito que é fim prescreve ao objeto certas características, a saber: o todo precede as partes; as partes têm uma relação específica com o todo (de um ponto de vista estrutural e funcional) e o todo é uma multiplicidade de partes coordenadas formando uma unidade. Assim, a investigação de um organismo pressupõe a proposição de perguntas que estão além daquelas que são postas na investigação da máquina. De modo que, para além das perguntas já utilizadas na investigação das máquinas – “que parte é essa?”; “que lugar ela ocupa no todo?” e “qual função ela ocupa no todo?” – na investigação dos organismos, na filosofia kantiana, também é legítima a colocação das perguntas “por que?” e “para que?”.

Para Descartes, no entanto, na construção do conhecimento científico, seja acerca das máquinas ou dos corpos organizados vivos, as duas últimas não seriam legítimas, na medida em que exigiriam respostas que extrapolam os limites das ciências naturais, culminando em explicações transcendentais. No mecanicismo, que reduz a pesquisa à busca pelas causas eficientes, o organismo vivo pode ser completamente descrito a partir de processos físico-químicos, sem lançar mão da ideia de uma totalidade que organiza a si mesma. Na perspectiva kantiana, em que a teleologia volta a ser colocada em questão na investigação da natureza, os organismos vivos são entendidos como totalidades que organizam a si mesmas, não são determinados pelas consequências, mas pela simultaneidade de causa e efeito. Assim, para Kant, as asserções teleológicas servem para complementar e orientar as explicações causais, permitindo o avanço no estudo dos seres vivos, possibilitando que se pergunte pela sua origem, pelo seu desenvolvimento

¹⁹¹ Ibid., p. 240.

¹⁹² Höffe, 2005, p. 309.

histórico, e pelo seu significado biológico, isto é, sua função no quadro de ocorrências vitais, no desenvolvimento do indivíduo e na conservação da espécie.

*

Como foi mencionado, a digressão para a história da Filosofia não pretende estabelecer uma mera continuidade de ideias entre a concepção kantiana de organismo como conforme a fins e o aparelho psíquico elaborado por Freud a partir do modelo de um organismo. No entanto, a maneira como filósofo enfrentou o problema oferece um ponto de apoio para pensar a construção do psicanalista.

Olhando para o modelo de aparelho psíquico delineado por Freud à luz da definição kantiana de organismo como fim natural, é possível pensar em algumas aproximações. Como foi destacado, o bombardeio de estímulos a partir do ambiente foi a causa de uma modificação na membrana mais externa da vesícula que representa o aparelho e a sobrevivência foi o motivo para que tal modificação ocorresse. O desenvolvimento do escudo pára-excitação na vesícula possui, portanto, um significado biológico. O recurso desenvolveu-se a partir de uma adaptação diante de fatores ambientais, na medida em que a finalidade da vesícula era manter-se viva. Freud explica seu surgimento a partir de relações de causa e efeito (as quantidades externas atingem a superfície, causando sua morte) e também a partir de seu significado biológico – a sobrevivência. O escudo protetor assume, portanto, o papel de sistema de defesa contra o perigo exterior e, ao mesmo tempo em que é parte dessa versão simplificada de organismo, é o que, com sua morte, garante a sobrevivência do mesmo.

No exemplo da árvore, evocado por Kant no § 64 da *Crítica da faculdade de juízo teleológica*, segunda parte da *Crítica da faculdade do juízo*, a questão da preservação de uma parte do organismo através de outra parte também é explicitada: “[...] De igual modo as folhas são verdadeiramente produtos da árvore, porém por sua vez preservam-na; com efeito uma desfolhagem matá-la-ia e o seu crescimento depende da ação das folhas no tronco”¹⁹³. A reciprocidade entre causa e efeito se mostra, portanto, no caso da autodefesa quando ocorrem ferimentos e outras deformações.

Mesmo o caso do sistema de defesas não material do aparelho esboçado por Freud, pode ser pensado a partir da ideia de reciprocidade entre causa e efeito. Quando ocorre a ruptura de seu escudo protetor por grandes quantidades de energia, provocando o desequilíbrio energético, para

¹⁹³ Kant, C.F.J., § 64; 2005, pp. 213-4.

garantir sua sobrevivência, é necessário que certos mecanismos sejam colocados em ação. Para restaurar seu equilíbrio, o sistema precisa recrutar energia de investimento de diversas regiões do psiquismo, a fim de garantir um contrainvestimento com a magnitude necessária para ligar a energia que aflui pela área rompida. Coloca-se a ideia de uma autorregulação: o aumento de excitação dispara um mecanismo de mobilização que tenta dar conta do fluxo de excitações que inundam o aparelho, quando do rompimento do escudo protetor, para que a excitação, depois de ligada, possa ser escoada, resguardando seu nível energético.

O processo de diferenciação da camada imediatamente inferior ao escudo protetor em órgãos dos sentidos pode ser aproximado da ideia de um crescimento que, diferentemente do que ocorre em qualquer tipo de crescimento que obedece apenas a leis mecânicas, situa o aparelho em relação ao meio externo, garantindo também a sua sobrevivência. No caso do exemplo da árvore, ao considerar seu crescimento, Kant afirma que é possível verificar que ela, enquanto indivíduo, se produz e sustenta a si mesma. Trata-se, portanto, de um processo de crescimento que “tomado num sentido tal que seja completamente distinto de qualquer outro aumento segundo leis mecânicas e deve ser visto como uma geração (*Zeugung*)”¹⁹⁴.

No aparelho montado por Freud em *Além...*, assim como na definição de organismo como fim natural, o todo precede as partes, as partes têm uma relação específica com o todo (de um ponto de vista estrutural e funcional) e o todo é uma multiplicidade de partes coordenadas formando uma unidade. A ideia é a de uma totalidade que organiza a si mesma, não determinada pela consequência, mas pela simultaneidade de causa e efeito.

Também nos modelos de aparelho psíquico elaborados em 1895 e 1900 a descarga das excitações, seja como uma consequência do princípio de inércia, de prazer ou de desprazer, aparece como uma meta do psiquismo, como sua finalidade, e serve como princípio que orienta a construção dos modelos. Como foi explicado no segundo capítulo deste trabalho, no *Projeto...*, Freud pontua que o princípio sobre o qual se fundamenta toda a atividade nervosa é o princípio de inércia. Sob o domínio desta lei, cada neurônio e, portanto, o aparelho psíquico como um todo, procura livrar-se de toda a quantidade de excitação que recebe e da maneira mais imediata possível. Trata-se do modelo do arco reflexo. No entanto, quando o autor considera que o aparelho psíquico também recebe excitações provenientes do interior do corpo, a ineficiência dessa descarga automática é pontuada. Não é possível suprimir a excitação proveniente do interior do organismo através de movimentos reflexos. Impõe-se, portanto, a exigência de que uma quantidade mínima seja mantida, para que se possa operar a descarga de maneira eficiente, isto é, para que ela de fato

¹⁹⁴ Id.

resulte na cessação dessa estimulação endógena. O sistema precisa armazenar uma quantidade mínima, indispensável para o funcionamento do aparelho. Desse modo, o princípio de inércia sofre uma primeira modificação: dá lugar ao que Freud chamou de “tendência à constância”¹⁹⁵. Tal tendência não se opõe, portanto, ao princípio de inércia, mas, antes, atua em seu favor, criando condições para que a estimulação endógena seja, de fato, descarregada.

Em 1895 o psicanalista já traçava uma correspondência entre as sensações de prazer e desprazer e uma diminuição ou aumento da quantidade que circula pelo aparelho, respectivamente. No entanto, neste ponto, ainda não identifica a tendência a evitar o desprazer com a tendência à inércia; embora as relacione, a identidade não é decisivamente estabelecida: “Uma vez que é certamente conhecida por nós uma tendência da vida psíquica para evitar desprazer, estamos tentados a identificá-la com a tendência primária para a inércia”¹⁹⁶. O aumento da excitação acima de um determinado nível é percebido como desprazer e a sua diminuição como prazer. Há uma aproximação, portanto, entre a tendência à inércia e a tendência para evitar o desprazer.

Já no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, a hipótese da existência de um “princípio de desprazer” que rege o funcionamento do aparelho psíquico é explicitamente formulada. Na ocasião, Freud relaciona o princípio de desprazer com o sistema inconsciente e o que mais tarde denominará de “princípio de realidade” com os sistemas “superiores” do aparelho. O autor retoma a ideia de um aparelho que tende a descarregar a excitação da maneira mais direta possível, relacionando-a com o princípio de desprazer e a tendência também é modificada por condições impostas pela vida, isto é, quando passa a ser considerada a estimulação proveniente de fontes endógenas, definida como as “necessidades da vida”, aí entra em cena o princípio de realidade, que exige um adiamento da descarga de excitação, para que ela resulte, de fato, na cessação da estimulação endógena.

Nos dois trabalhos, o ponto de partida de Freud é a tendência a descarregar a excitação recebida pela via mais direta possível, isto é, através de respostas motoras reflexas, que fornecem a ideia de um aparato que funciona de acordo com um certo automatismo, que apenas responde a uma estimulação ambiental. No *Projeto...*, a modificação dessa resposta automática inicia-se quando o autor postula a noção de *facilitação*, trata-se de considerar um aproveitamento biológico atual de uma experiência anterior, que se mostrou efetiva segundo a finalidade do escoamento da quantidade. Nesse ponto, o fluxo de excitação é direcionado para uma via e não para outra e a ideia de uma resposta automática é relativizada. A organização se aprimora quando são consideradas as necessidades impostas pela vida, isto é, quando as fontes de estimulação endógena produzem

¹⁹⁵ Freud, 1895/2003, p. 177.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 190.

estímulos que alcançam a intensidade capaz de gerar signos de desprazer nos sistemas perceptivos. Neste caso, a resposta automática não é mais eficaz para a sobrevivência do aparelho, e os acúmulos de excitação passam, até certo ponto, a ser tolerados.

É possível identificar uma diferença importante entre estes dois cenários e o modelo da vesícula apresentado no capítulo IV do *Além...* A própria ideia da vesícula supõe o acúmulo de um determinado montante de energia. O modelo, da maneira como foi construído, implica em uma limitação entre um meio interno e um meio externo, preenchidos por quantidades diferentes de energia. A concepção do psiquismo como um espaço definido por uma diferença energética em relação ao meio que o circunda é o resultado da própria construção do modelo de aparelho – como um organismo vivo, simples, de substância excitável. Nesse contexto, Freud não chega a expor a ideia de uma resposta automática para a descarga do estímulo quando o sistema recebe a estimulação externa. Não é preciso que haja uma segunda recepção do estímulo ou que as necessidades da vida entrem em cena para que a ideia de um funcionamento mecânico, automático, seja posta de lado e o aparelho tenha que lidar com algum acúmulo de excitação, pois a quantidade externa modifica a interna desde o princípio e é precisamente esta influência que se busca evitar. A necessidade da constância é exigência da própria representação do psíquico através de um modelo que é biológico.

Em 1920, o ponto de vista teleológico sofre uma modificação: se nos modelos de aparelho psíquico esboçados em 1895 e 1900 a busca pela descarga energética tinha como finalidade garantir o bom funcionamento e a sobrevivência do sistema, no *Além...*, a ideia da descarga é levada ao limite, adquire um contorno muito mais amplo, talvez tributário da adoção de um modelo definido como um organismo desde o início. A vida é definida como diferença energética e o escoamento da energia, se levado ao limite, significa a anulação das tensões, o fim da organização, de modo que seus constituintes passam a integrar o resto da matéria. Em outras palavras, a meta para a descarga tem como finalidade a morte do organismo.

*

Se, por um lado, é possível reconhecer na montagem do aparelho psíquico empreendida por Freud, especialmente em *Além...*, a presença de um princípio diretor, que complementa as explicações de tipo causal através da ideia de um processo que ocorre conforme uma finalidade, dando significado às regulações energéticas que são teorizadas, por outro, é necessário pontuar sob quais perspectivas a aproximação dessa construção teórica com a ideia de organismo conforme a fins kantiana deve ser relativizada.

Na definição kantiana de organismo como fim natural, atribui-se a ideia de conformidade a fins ao fenômeno, fazendo com que seja uma propriedade objetiva, real ou material e interna. Confere-se, de fato, ao fenômeno orgânico uma finalidade como, por exemplo, a autoconservação, de modo que não se trata de uma conformidade a fins meramente formal. A conformidade a fins biológica, empregada na definição de organismo como fim natural, é uma propriedade interna do objeto.

No caso da montagem do aparelho psíquico, pensar na finalidade como uma propriedade objetiva, é uma situação problemática. Se considerarmos que a ideia diretora para a construção do sistema é a de uma tendência para a descarga e que é a própria pulsão que pressiona no sentido do escoamento, o cenário que se coloca é o seguinte: o fim atribuído ao construto é livrar-se de toda excitação que lhe acomete e a pulsão atuaria, portanto, de acordo com esta intenção.

Sabe-se que Freud definiu a pulsão como um conceito limite entre o somático e o psíquico. Ela está ligada a ideia de uma delegação enviada do somático ao psiquismo, à representação psíquica de uma excitação de origem somática. No primeiro dualismo pulsional, representado pelos grupos das pulsões sexuais e pulsões do eu ou de autoconservação, o psicanalista procura expressar o conflito entre as grandes necessidades indispensáveis à conservação do indivíduo, cujo modelo é a fome e a função de alimentação, e a sexualidade. No *Além...*, o dualismo se encerra nas pulsões de vida e pulsões de morte, que aparecem como princípios fundamentais que regulam a atividade do organismo.

Como vimos, o conceito de pulsão de morte foi derivado da ideia da compulsão à repetição. Inicialmente, o funcionamento do psíquico é descrito segundo uma autorregulação: o aumento da excitação produz uma sensação de desprazer, que provoca a descarga na direção oposta, o que resulta em prazer. Em um segundo momento, a tendência à descarga esbarra em frustrações constantes, provenientes do interior do próprio corpo, ou da estimulação do sistema perceptivo. No entanto, esses entraves não se constituem como uma oposição ao mecanismo de funcionamento descrito, mas como um mero desvio dele, uma concessão ao mundo exterior, que apenas serve para garanti-lo.

O domínio do princípio de prazer só é, de fato, relativizado diante de certos fatos que caem sobre a rubrica da repetição: os pacientes que sofreram de neurose traumática repetem a cena do trauma nos sonhos, a criança repete a brincadeira que simboliza a ausência da mãe e o paciente repete lembranças como se fossem novas vivências na relação transferencial. A repetição, como foi exposto, aparece sob a forma de uma compulsão, uma coação, uma necessidade premente e cega.

A própria ideia da compulsão à repetição ajuda, portanto, a construir a referência a uma força que atua cegamente, sem direção ou finalidade. Embora Freud explicitamente que seu objetivo é a destruição, há um impasse para pensar a finalidade como objetiva, propriedade da pulsão, pois parece que o que se coloca é a ideia de um mecanismo que atua cegamente, como o próprio texto sugere quando ressalta, por exemplo, o caráter demoníaco das repetições¹⁹⁷.

Todavia, foi a partir da concepção da descarga de excitação como a finalidade última da pulsão que o modelo de aparelho psíquico foi engendrado como totalidade à qual é possível atribuir uma ideia de auto-organização, em cujo funcionamento é possível identificar relações de causa e efeito, como foi exposto nos capítulos II e III deste trabalho. Tudo se passa *como se* houvesse uma intenção para a descarga. Mas, afirmar que a pulsão possui uma finalidade – escoar, repetir, retornar ao inorgânico – e que esta é sua propriedade interna, configura-se como uma tentativa de penetrar em seus fundamentos últimos que, como vimos no primeiro capítulo deste trabalho, são, contudo, impenetráveis.

Como foi dito, a pulsão é um conceito-limite, só temos acesso às suas manifestações, como, por exemplo, aos fenômenos repetitivos destacados por Freud no texto. A pulsão não pode ser reduzida nem à ideia de uma energia corporal, nem à de uma representação ideacional. Sua origem é somática, mas só pode ser apreendida se representada psiquicamente, isto é, só é possível ter acesso ao representante psíquico da pulsão. O fator econômico, o afeto, quando se expressa na consciência já assume o registro de representante, isso significa dizer que é impossível ajustá-lo, enquanto tal, ao domínio discursivo. Conforme alerta o próprio Freud “o estudo da vida pulsional a partir da esfera da consciência oferece dificuldades quase insuperáveis”¹⁹⁸. A dificuldade do limite se impõe e, desse modo, não é possível dizer que a finalidade é uma propriedade interna da pulsão. No entanto, se não é possível afirmar objetivamente que as pulsões perseguem um fim, a adoção desta hipótese organiza a investigação psicanalítica e orienta o horizonte do pesquisador. Mesmo que a natureza última das pulsões seja inapreensível, o olhar teleológico possibilita que o pesquisador avance com a teoria. A hipótese lhe permite engendrar o modelo de aparelho psíquico e estabelecer as relações de causa e efeito que definem o seu funcionamento. O raciocínio é, portanto, analógico, e pode ser entendido mais como um movimento de caráter especulativo do que como a afirmação de algo sobre a realidade objetiva da pulsão.

¹⁹⁷ Cf. Freud 1920/2006, p. 147.

¹⁹⁸ Freud, 1915/2004, p. 151.

Considerações finais

Não é possível afirmar que as pulsões perseguem, de fato, um fim, mas o olhar para as regulações energéticas do aparelho psíquico, como se este fosse orientado pela finalidade de descarregar-se das excitações, permite o avanço da pesquisa e da investigação psicanalítica. A analogia – como se houvesse uma intenção para a descarga – funciona como ideia diretora para a construção do sistema.

Na definição kantiana de organismo como fim natural, a conformidade a fins não aparece como algo que se possa observar empiricamente, mas, com a atividade da faculdade de julgar reflexiva, ela é pensada em acréscimo à observação. No entanto, como foi destacado, isto não quer dizer que seja uma ideia subjetiva. É um universal e necessário sem o qual o organismo não pode ser entendido como tal, isto é, como um produto natural, em que tudo é reciprocamente meio e fim. Com a conformidade a fins nada no organismo permanece “vão, desprovido de fim ou atribuível a um cego mecanismo da natureza”¹⁹⁹.

A ideia de conformidade a fins, ainda que seja atribuída ao objeto, é utilizada para a orientação da práxis científica. De acordo com Höffe, trata-se de um princípio heurístico para a pesquisa causal que, no estudo sobre a estruturação e funcionamento dos objetos biológicos, serve como ideia diretora. A finalidade mantém-se no horizonte do pesquisador e é porque isso ocorre que as relações de causa e efeito podem ser estabelecidas. O comentador explica que o organismo ou a vida só se deixam entender teleologicamente, isto é, se o organismo ou a vida forem reduzidos a explicações causais, processos físico-químicos, o caráter de totalidade que organiza a si mesma será dissolvido. Nas palavras de Lebrun: “O método crítico nos proíbe de atribuir um objeto a uma simples ideia, mas ele nos ordena a pôr uma ideia, *se não há outro meio* de compreender a possibilidade de um objeto dado”²⁰⁰.

Na definição de organismo como fim natural, a redução da explicação a leis mecânicas é, inclusive, impossível, uma vez que as explicações causais pressupõem uma sucessão temporal de eventos: a causa e o efeito. Nas totalidades que organizam a si mesmas, causa e efeito não são sucedâneos, são simultâneos. Assim, a teleologia cumpre um papel de complementação e orientação das explicações causais. Os pensamentos causal e teleológico não se excluem, mas complementam um ao outro e apenas em conjunto viabilizam a investigação completa dos fatos biológicos. Como explica Höffe:

¹⁹⁹ Kant, C.F.J., § 66; 2005, pp. 218.

²⁰⁰ Lebrun, 2005, p. 349, grifos do autor.

Ou seja, um fato biológico só é considerado como apreendido completamente enquanto científico quando adicionalmente à análise causal físico-química foram resolvidas duas ulteriores questões: a questão da origem, concernente ao desenvolvimento histórico, e a questão do significado biológico. Pelo significado biológico de um fato compreende-se sua função no quadro de ocorrências vitais: no desenvolvimento do organismo e na conservação da espécie; a pergunta pelo significado biológico é, portanto, uma pergunta teleológica²⁰¹.

Como foi mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, na construção da psicanálise, os dados observados são submetidos a um processo de elaboração intelectual e são novamente confrontados com a experiência. Freud reconhece que a mera descrição dos fatos não pode satisfazer os objetivos de uma ciência da vida psíquica. Deve-se não apenas descrever os fenômenos de interesse, mas agrupá-los, ordená-los e delinear as relações existentes entre eles²⁰². O autor ressalta ainda que, mesmo ao observar e descrever tais fenômenos, não é possível pensar que o cientista é livre de ideias pré-concebidas, pelo contrário: “é inevitável que, já ao descrever o material, apliquemos sobre ele ideias abstratas (*abstrakte Ideen*) obtidas não só a partir de novas experiências, mas também oriundas de outras fontes”²⁰³. O psicanalista prossegue dizendo que tais ideias são aparentemente derivadas dos fenômenos observados, mas, na verdade, o material apreendido por observação se apresenta para o cientista da forma como se apresenta por estar sob a influência dessas ideias. Em contrapartida, não é possível conceber tais ideias como completamente independentes do material empírico observado. Ocorre que elas são capazes de influenciar a observação do cientista por possuírem relações importantes com os fenômenos. O cenário é o de uma via de mão dupla.

Freud relaciona este processo de elaboração intelectual à atividade especulativa e, para ele, a doutrina psicanalítica, como qualquer outra disciplina científica, precisa lançar mão da especulação para que seja possível apreender o campo fenomênico, para organizar o material empírico e avançar na investigação. O autor chega a firmar que não há outra fonte para o conhecimento do mundo que a elaboração intelectual de observações cuidadosamente verificadas, que se chama pesquisa, sem que haja, por outro lado, conhecimento por revelação, intuição ou adivinhação²⁰⁴.

O psicanalista também é enfático ao dizer que a psicanálise não é uma visão de mundo (*Weltanschauung*), como é o caso da filosofia e da religião²⁰⁵. Estas são construções intelectuais que pretendem resolver, dentro de seu sistema, todos os problemas “de nossa existência”²⁰⁶, a

²⁰¹ Höffe, 2005, p. 315.

²⁰² Cf. Freud, 1915/2004, p. 145.

²⁰³ Freud, 1915/2004, p. 145.

²⁰⁴ *Ibid.*, p. 146-7.

²⁰⁵ Cf. Freud, 1933/1989, p. 146.

²⁰⁶ *Id.*

partir de uma hipótese, que funciona como um pressuposto fundamental, um ponto de partida que é assumido. Nos discursos deste tipo, não é permitido que nenhuma questão permaneça em aberto, e não há espaço para reformulações, para o questionamento de seus princípios fundadores. Já que todo o discurso de uma visão de mundo é assentado sobre uma premissa fundamental, faz-se necessário eliminar a possibilidade de questioná-la ou de questionar seus corolários, imprimindo rigidez ao conjunto de proposições que o compõem.

A psicanálise não se constitui como uma visão de mundo, no entanto, Freud afirma que ela partilha da visão de mundo científica. Esta última, de acordo com o autor, não pretende assumir um certo conjunto de pressupostos que, a exemplo do que ocorre com os discursos sistêmicos, procuram dar conta dos problemas do mundo, de fornecer um entendimento ou solução dos problemas em termos universais. Há uma diferença crucial entre o que o psicanalista definiu como sendo uma visão de mundo e o terreno sob o qual se assenta a prática científica: para a ciência a compreensão dos problemas do mundo é uma diretriz, mas sempre projetada para o futuro. Nas suas próprias palavras:

[...] a visão de mundo científica se distancia notavelmente de nossa definição. A natureza unitária da explicação do mundo é, a bem dizer, igualmente admitida por ela, mas somente enquanto um programa, cuja realização se encontra deslocada para o futuro. Afora isso, ela se distingue por seus caracteres negativos, pela restrição ao que se pode atualmente saber e pela recusa definitiva de certos elementos que lhe são estrangeiros. Ela afirma que não há outra fonte para o conhecimento do mundo que a elaboração intelectual de observações cuidadosamente verificadas, que se chama pesquisa, sem que haja, por outro lado, conhecimento por revelação, intuição ou adivinhação²⁰⁷.

Assim, Freud refere-se à visão de mundo científica não como um sistema, já que a completude de suas explicações ou, mais precisamente, “a natureza unitária da explicação do mundo” aparece como um ideal, uma ideia diretora ou um projeto para o futuro.

Há indicações, portanto, de que, para o autor, a ideia de uma unidade sistemática da natureza faz parte do horizonte do cientista como um princípio diretor que permite o avanço da investigação. Nesse sentido, foi possível identificar a presença de uma ideia diretora – a busca pela descarga de excitação –, que complementa a observação, na construção dos modelos de aparelho psíquico, orientando a pesquisa. Pretendeu-se mostrar que a presença deste princípio diretor é especialmente evidente quando o modelo explicativo adotado está mais estreitamente relacionado ao modelo biológico de explicação e que ela se relaciona com o ponto de vista teleológico, já que a descarga de excitação é necessária para o bom funcionamento e sobrevivência do sistema em 1895 e em 1900 ou, quando radicalizada em 1920, tem a morte como fim.

²⁰⁷ Ibid., p. 146-7.

Procurou-se traçar algumas aproximações entre o emprego de asserções teleológicas na construção dos modelos de aparelho psíquico elaborados por Freud com a necessidade do princípio de conformidade a fins que é atribuído por Kant ao organismo, da maneira como o filósofo o define. Os problemas em realizar esta aproximação foram também destacados no último capítulo deste trabalho e estão relacionados principalmente com conferir, objetivamente, uma intenção às manifestações pulsionais. Ainda que não seja possível afirmar que as pulsões perseguem um fim, esta ideia dirige a construção dos modelos do psíquico. Tudo se passa *como se* houvesse uma intenção para a descarga. No entanto, afirmar que a pulsão pretende alcançar uma finalidade – escoar, repetir, retornar ao inorgânico – e que se trata de sua propriedade, configura-se como uma tentativa de penetrar em seus fundamentos últimos que, como foi explicado, são, contudo, impenetráveis. A manutenção deste raciocínio analógico, coordenando as observações e o desenvolvimento da teoria, oferecem ocasião para a atividade especulativa na construção dos conceitos.

Referências Bibliográficas

Obras de Freud

As edições de referência que serão utilizadas para o estudo das obras de Freud são as seguintes:

1. FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989.
2. FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. vols. 1 - 3. Tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004-2007.
3. FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. vols. 1 -2. Tradução de Renato Zwick. São Paulo: LP&M Editores, 2015.

Para cotejamento das obras citadas anteriormente, serão utilizadas as seguintes edições:

4. FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenburch Verlag, 1999.
5. FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Obras de outros autores

ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. (Trad. Hilton Japiassú). Rio de Janeiro: Imago, 1983.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Metapsicologia Freudiana- uma introdução*. (Trad. Dulce Duque Estrada). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

COTTINGHAM, John. *Dicionário Descartes*. (Trad. Helena Martins). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GABBI Jr., Osmyr Faria. *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Em: Coleção Os pensadores, vol. XV. (Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr.). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Em: Coleção Os pensadores, vol. XV. (Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr.). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. (Trad. A. Cotrim & H. Burati) 2. Ed. São Paulo: Rideel, 2007.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HÖFFE, Otfried. *Kant*. (Trad. Rodhen V. e Hamm C.). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. (Trad. Valério Rohden e Antônio Marques). 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

LAPLANCHE, Jean. *Problemáticas I: A angústia*. (Trad. E. Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAPLANCHE, Jean. *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. (Trad. E. Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, Jean. *Vida e morte em psicanálise*. (Trad. C. P. Barreto e C. Santiago): Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. (Trad. Pedro Tamen). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEBRUN, Gerard. *Kant e o fim da metafísica*. (Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MEZAN, Renato. *Figuras da teoria psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1995.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: O movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.